



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC  
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ERALDO RIBEIRO TAVARES

**CANGACEIROS E DEVOTOS:  
religiosidade no movimento do cangaço  
(Nordeste brasileiro, 1900-1940)**

RECIFE/2013

ERALDO RIBEIRO TAVARES

**CANGACEIROS E DEVOTOS:  
religiosidade no movimento do cangaço  
(Nordeste brasileiro, 1900-1940)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do conhecimento: Ciências Humanas: Filosofia: Ciências da religião

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

RECIFE/2013

ERALDO RIBEIRO TAVARES

**CANGACEIROS E DEVOTOS:  
religiosidade no movimento do cangaço  
(Nordeste brasileiro, 1900-1940)**

BANCA EXAMINADORA:

---

Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral  
Orientador

---

Dr. Gilbraz de Souza Aragão  
Avaliador Interno

---

Dr. Severino Vicente da Silva  
Avaliador Externo - UFPE

Aos meus pais:

Severino Jorge Tavares

e

Maria do Socorro Ribeiro Tavares

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por não ter permitido que eu desistisse, pois os momentos de solidão e de abandono foram vários. Momentos de descrédito, de falta de condições emocionais e financeiras, de entusiasmo e de reconhecimento por parte da sociedade que ainda não despertou para a importância de investir em pessoas que dedicam a sua vida para transmitir conhecimento e valores para os jovens em uma sociedade carente e em pleno sonho desenvolvimentista.

Aos meus familiares que compartilharam minha batalha por reconhecimento enquanto profissional da área da educação. Meus irmãos Epaminondas Ribeiro Tavares, Marcia Cristina Ribeiro Tavares e Maria José Ribeiro Tavares. E, principalmente aos meus pais, que passaram várias horas de sua vida pensando e rezando pelo meu sucesso.

Aos meus amigos, Sílvio Nascimento pelo apoio e ao mestrando em Ciências da Religião, também pela Unicap, Cláudio Galvão, pelas caronas e pelo incentivo para permanecer e nunca desistir da empreitada.

As minhas amigas Maria Josefa Leite Borges “Aninha” e a Wanderly Janair Pessoa Muniz “Jana”, pelo grande incentivo e apoio nesta minha luta.

Aos meus “anjos” aqui na terra: Maria José Lira (Secretária de Educação) e Lúcia Lorena (Secretaria Adjunta de Educação), ambas do município da Vitória de Santo Antão, por terem me dado condições de executar o trabalho de docência no ensino fundamental II durante a gestão do prefeito Elias Alves de Lira.

Aos meus “espelhos” profissionais, meus professores da Universidade Católica de Pernambuco: Doutores Luiz de Alencar Libório, Drance Elias da Silva, Gilbraz de Souza Aragão (Coordenador), João Luiz Correia Júnior e ao meu grande orientador nesta pesquisa, Newton Darwin de Andrade Cabral.

A minha grande companheira e confiante incentivadora, Cristiana de Santana do Nascimento, que me cobrava “ânimo” nos piores momentos e sempre fica feliz pelas minhas conquistas.

*Lampião, a alma do bando, a razão de nossa luta, estava morto...*

*Morto estava o cangaço.*

*Caímos numa tristeza profunda,*

*mas era preciso continuar a viver.*

*Depois de ver a morte assim tão perto de nós,*

*viver passa a ser uma questão de honra.*

SOUSA, Hilda Ribeiro de. In: LINS, 2011, p. 222.

## RESUMO

Tido como um facínora, homem sem piedade, bandido sanguinário, monstro e até como a própria encarnação do diabo, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, marcou a história do Nordeste e até a do Brasil, com seus longos vinte anos de correrias e crimes pelo sertão nordestino. Este trabalho mostra o que poucas pessoas sabem e poucos pesquisadores se dedicaram a desvendar: o cangaceiro Lampião, juntamente com os outros membros do seu bando, desenvolveu outro lado da sua existência como ser - a questão da sua religiosidade. Como a maioria dos sertanejos praticantes do chamado catolicismo popular, Lampião, mantinha relação com anjos e santos, rezava todos os dias e acreditava em forças ocultas e em sonhos. Nunca buscou fugir às regras em que foi educado desde criança pela sua mãe e pela sua avó que foram as responsáveis pela sua formação religiosa. Era devoto de alguns santos, em especial de Nossa Senhora da Conceição. Tinha como hábito realizar missas improvisadas sempre acompanhado dos demais cangaceiros que viviam sob seu comando. Isso funcionava como fator de respeito e servia para amenizar possíveis sofrimentos da alma que pairassem sobre eles. Assim, a questão da religiosidade dentro do cangaço torna-se fundamental para enriquecer a temática na qual, volta e meia os interessados se deparam com novas obras. Todavia, elas não tocam exclusivamente na questão da vivência religiosa do bando. Muitos trabalhos já foram publicados sobre o cangaço e, em especial, sobre Lampião. Sendo mais uma, esta dissertação foi escrita com a finalidade de contribuir para alargar a visão sobre o fenômeno do cangaço, em especial utilizando os elementos das Ciências da Religião para entender um pouco mais sobre a questão da religiosidade na pessoa de Lampião e dos cangaceiros que viveram em sua órbita de comando.

**Palavras-chave:** Cangaço; Lampião; Religiosidade.

## ABSTRACT

Known as a criminal, man of no mercy, a blood killer, monster and even as the own incarnation of the devil, Virgulino Ferreira da Silva, marked the History of the northeast region of Brazil and even the Brazilian one, with his long twenty runaway years and crimes through the northeast sertão region of Brazil. This work shows what few people know and just a few researchers dedicated themselves to unveil: The Cangaceiro Lampião, whom altogether with the other members of his group, developed the other side of the existence as a being – the issue of his religiosity. As most of the northeast people who practise the so called popular catholicism, Lampião, kept his relationship with angels and saintmen, he prayed every day and had his beliefs in occult forces and in dreams. He never tried to get away with the rules on which he was upbrought since he was a kid, which were imposed by his mother and grandmother, who were the responsible ones for his religious education. He was devoted for some saintmen, in special Hail Mary of Conception (Nossa Senhora da Conceição). He had the habit of saying last minute catholic masses along with his partners, who are known as cangaceiro, and who lived under his laws. That worked as a respect sign and served to diminish the possible sufferings of the soul that could float over them. Then, the question of religiosity inside the cangaço turns into a fundamental thing to enrich the thematic in which, now and then, the interested ones would have to face with new works. However, they do not mention exclusively the question of the religious life of the group or as known the gang. Many works about the cangaço have been published, and especially about Lampião, being one more this essay was written with the purpose of contributing with the expanding of the view about the cangaço phenomenon, in special using the elements of the Religious Sciences to understand a little more about the religious life of Lampião and also of his partners, the cangaceiros who lived under his orbit and command.

**KEY WORDS** : Cangaço, Lampião, religiosity.

## SUMÁRIO

	Página
<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1 DIFICULDADES PARA DEFINIR O CANGAÇO</b>	14
<b>2 A FORMAÇÃO RELIGIOSA DE VIRGULINO FERREIRA DA SILVA</b>	36
2.1 O “EU” RELIGIOSO DO CAPITÃO LAMPIÃO	55
<b>3 A VIVÊNCIA RELIGIOSA NO MOVIMENTO</b>	57
3.1 O CANGAÇO E A RELAÇÃO COM OS PADRES	71
3.2 SÓ O PODER DA ORAÇÃO PODERÁ SALVÁ-LO	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	86
<b>REFERÊNCIAS</b>	91
<b>ANEXOS</b>	96
I – CADERNO ICONOGRÁFICO	

## INTRODUÇÃO

Muitos livros já foram escritos sobre o cangaço e especialmente sobre a figura de Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, considerado entre todos os cangaceiros já existentes nas áreas do semiárido nordestino, como o rei do cangaço.

Sem sombras de dúvidas, cada vez que é lançado algum livro que trata dessa temática, indiscutivelmente surgem elementos novos que aumentam ainda mais o certo fascínio exercido por essa história marcada por tiros e carreiras. Assim, este trabalho é um acréscimo ao quantitativo de informações sobre essa fascinante parte da história brasileira.

Para os interessados que procuram uma compreensão sobre a figura lendária do “rei do cangaço” contribuimos com a questão da religiosidade do cangaceiro líder, buscando refletir acerca da forma como as práticas de um catolicismo popular se manifestaram em sua vida, e como tais atitudes religiosas ajudaram ou fizeram parte da vivência do grupo de cangaceiros.

A primeira pergunta com a qual que se poderia iniciar esta pesquisa seria como a religião interferia na vida de uma pessoa que, aparentemente, não manifestava nenhum sentimento de piedade pelo ser humano?

O autor adianta que não existe um número exato da quantidade de pessoas que foram assassinadas pelo facínora ou em decorrência do contato mediado por ele, apenas confirma que ultrapassa as centenas. Conta Rodrigues de Carvalho (1976), que “ele [Lampião], pessoalmente matou mais do que a febre amarela. Deve ter perpetrado mais de mil homicídios” (p, 119).

Sabendo disso, partiu-se em busca de respostas para algumas perguntas e “certezas” que se mostravam paradoxais. Lampião era incapaz de se comover até mesmo diante de uma criança chorando de fome (CARVALHO, 1976, p. 126). A maior crueldade que praticava, a mais horrível e inacreditável mesmo, era contra o delator, pois tinha verdadeiro horror à deslealdade; ficava tão enfurecido que matava todos os familiares da casa, inclusive os animais domésticos (PONTES, 1973, p. 13).

Falava manso, devagar, frases incorretas. Adorava música e dança. Essa personalidade complexa era impressionante, porque amava e odiava, alimentava e

assaltava. Era herói e covarde. Retirava-se e avançava. Era ousado e respeitador (OLIVEIRA, 1970, p. 335).

Sabendo de todos esses conflitos de sua personalidade, buscou-se analisar a importância da religiosidade no movimento do cangaço, levantando fatos que provem a religiosidade dos participantes do bando de Lampião e a sua vivência religiosa.

A metodologia empregada consistiu em buscar nas mais diversas fontes, escritas e não escritas, fatos de interesse para a realização desta pesquisa. Nas fontes escritas, foi feito um levantamento bibliográfico com os principais pesquisadores e os mais diversos livros já publicados sobre a temática, procurando-se fragmentos nas obras que provam a religiosidade dos cangaceiros e, em especial, a de Virgulino Ferreira da Silva.

Nos jornais e revistas de época procurou-se identificar as mais diversas visões e/ou interpretações sobre o tema para compreender a forma como o cangaço foi visto em épocas anteriores e compará-la com as publicações atuais. Grande parte do material está digitalizado e o acesso é livre, através da internet, para o público interessado.

Com os artigos científicos publicados nas diversas universidades públicas e privadas, foram procuradas informações sobre o pensamento dos acadêmicos em relação ao tema e as mudanças nas vertentes historiográficas.

Com o recurso às fontes não escritas, basicamente filmes e documentários, procurou-se identificar fatos ainda não documentados nos livros, como músicas e orações, por exemplo, sempre na busca de compreensão/argumentação sobre a dimensão religiosa no convívio social das pessoas que fizeram parte do movimento do cangaço.

Estas fontes de pesquisa foram usadas na tentativa de descrever a relação dos membros do bando de Lampião com as forças divinas, para uma análise acerca de como os cangaceiros vivenciavam sua religiosidade em conformidade com o seu tipo de vida, e buscavam o perdão ou um sinal divino de que Deus poderia interceder por todos eles.

Os objetivos almejados foram analisar a importância do fator religioso no movimento do cangaço, levantando fatos que provassem a religiosidade dos participantes do bando de Lampião e a sua vivência religiosa, e também contribuir

para um enriquecimento temático sobre a questão da religiosidade no movimento do cangaço nordestino.

Para atingir os objetivos estabelecidos, o autor dividiu o trabalho em três capítulos. No primeiro, cujo título é “Dificuldades para definir o cangaço”, busca-se uma definição mais precisa sobre o que é o cangaço. Para isso, buscou-se nos livros já publicados, nos quais se percebeu, claramente, a inexistência de um consenso entre os pesquisadores sobre o que foi realmente o cangaço. Fica a certeza de a questão ter sido mais uma vez levantada. Novos debates serão feitos por aqueles que buscam uma definição mais precisa para o fenômeno.

No segundo capítulo, intitulado “A formação religiosa de Virgulino Ferreira da Silva”, são abordadas questões acerca de sua formação religiosa quando ainda criança e como a “carga” das práticas de um catolicismo popular, por eles conhecidas desde a infância, teve influências em sua vida adulta como chefe supremo do cangaço. Esse segundo capítulo tem um subtítulo intitulado “O ‘eu’ religioso do capitão Lampião”, no qual se buscou identificar como o cangaceiro Lampião via a sua religiosidade como condutora e mantenedora do grupo.

O terceiro capítulo, “A vivência religiosa no movimento”, foca em aspectos como o cotidiano dos cangaceiros, suas relações em grupo, dentro destas relações buscando, sempre, perceber como a religiosidade serviu para amenizar as agruras da dura vida no cangaço. O terceiro capítulo está subdividido em duas partes: “O cangaço e a relação com os padres” e “Só o poder da oração poderá salvá-lo”. Nelas buscou-se identificar o fenômeno religioso fora do bando dos cangaceiros: de que forma as práticas religiosas influenciavam a vida das pessoas que viviam fora do cangaço, mas que, de alguma forma, tinham ligação com aquele movimento.

Para enriquecer o conteúdo, foram anexadas algumas imagens captadas no ano de 1936, pelo turco Benjamin Abrahão com a duração de cerca de quatorze minutos. Essas imagens são as únicas gravadas em vídeo, sobre Lampião e alguns membros do seu bando, sendo todas integrantes do livro e documentário “Iconografia do cangaço”, que estão disponíveis no livro organizado por Ricardo Albuquerque.

O autor deseja que esta dissertação sirva como mais um subsídio para os interessados nesse tema de pesquisa, tão fascinante, que é o do cangaço. Que se possa melhorar a qualidade dos trabalhos publicados e que o fenômeno religioso

possa surgir como eixo revelador de um conhecimento até então pouco trabalhado pelos historiadores, sociólogos e antropólogos que se debruçaram sobre esta temática.

## 1 DIFICULDADES PARA DEFINIR O CANGAÇO

*Nenhuma criatura sensata poderia pensar em isentar Lampião  
ou seus dois antecessores dos crimes que cometeram.  
Porém, força é convir que os estudos continuem.  
As pesquisas não param com o raro empenho de explicar.  
E o número de livros já publicados, pelo menos sobre Lampião,  
não foi ainda reservado nem mesmo a um estadista famoso.*  
PONTES, 1973, p. 13.

Todo pesquisador que tem o banditismo nordestino como foco de pesquisa, parece ter um fascínio pela história regional brasileira, o que o deixa sempre em busca de novas histórias para serem publicadas. Entre as inúmeras histórias que envolvem a região Nordeste do Brasil tem-se como centro divulgador e área de atração para o engrandecimento da cultura do povo nordestino, o movimento do cangaço, tido como um dos mais significativos eventos da história brasileira contemporânea.

Chamado de fenômeno social, o cangaço é um movimento característico do banditismo do nordeste brasileiro. Seu período de maior força é situado em um corte temporal de cerca de setenta anos: de 1870 a 1940. Recebe a denominação de ciclo – ciclo do cangaço – como apontado pela maioria dos pesquisadores. Foi neste ciclo que atuaram os mais conhecidos grupos de cangaceiros e de forças volantes, todos envolvidos em uma luta que parecia não ter fim. Porém, existiram alguns grupos de cangaceiros, dos quais pouquíssimos são conhecidos e estudados, que atuaram antes e depois do referido ciclo<sup>1</sup>. Para a grande maioria dos cangaceirólogos o cangaço deixou de existir, oficialmente, em 1940, quando houve o assassinato de Corisco, o “diabo louro”, subchefe do bando de Lampião. Apesar de citada a questão, estes grupos não foram estudados e não se teve a pretensão de analisá-los neste trabalho.

Dependendo da análise do pesquisador envolvido na questão, tem-se certa divisão de pontos de vista na produção historiográfica referente ao tema. Isto deixa os pesquisadores da temática divididos entre aqueles que, por um lado, contam a

---

<sup>1</sup> Foi o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello quem, na obra *Guerreiros do Sol*, fez essa observação, pois, como já foi dito, a maioria dos pesquisadores não enxerga o surgimento de grupos de cangaceiros após o ano de 1940. Segundo ele, um cangaço pós-lampiãoico repontará nos anos 50 e 60, em grupos reduzidos, a exemplo de Floro Gomes Novais, o capitão Floro da Ribeira do Ipanema que, com cinco homens, atuou entre Alagoas e Pernambuco.

história do cangaço a partir da visão dos que lutavam contra os cangaceiros, as chamadas “forças volantes” (que chamam abertamente os cangaceiros de bandidos, de monstros sanguinários (FERRAZ, 2011), de homens sem nenhuma piedade humana). Ou, do outro lado, aqueles que contam a história do cangaço a partir do ponto de vista dos cangaceiros ou dos injustiçados socialmente. Neste grupo, que é maioria, algumas obras entram em estado de verdadeiro fanatismo pela figura lendária do cangaceiro Lampião; elas chegam a querer transformá-lo em um homem incompreendido e injustiçado, quase sem erros para com a sociedade e perante as suas vítimas fatais.

Para fazer uma análise mais criteriosa sobre estas obras, é preciso ter bastante cuidado para não cair em generalizações e tampouco partir para a depreciação da vida daqueles que viveram “embaixo das armas”. É preciso reconhecer a dificuldade e a bravura, tanto dos cangaceiros quanto das forças volantes que, de certa forma, “jogaram fora” a oportunidade de terem vivido uma vida mais tranquila e pacífica.

Buscando fazer uma análise sobre o fenômeno do cangaço a partir do corte temporal estabelecido (1870 a 1940) e com bastante cuidado para não cair em generalizações, percebe-se que a maioria das pessoas que faz citações sobre o fenômeno do cangaço, confunde o tipo de cangaço praticado naquele período de finais do século XIX e do começo do século XX, com duas outras formas de banditismo: as que ocorreram antes daquele período e a dos tempos atuais.

Veja ou outra os telejornais, jornais ou revistas fazem menções a crimes contemporâneos, nos quais a prática delituosa dos bandidos ganha evidência quando comparada com a dos cangaceiros de antigamente<sup>2</sup>. Para alguns destes novos crimes, são encontradas denominações generalizantes que trazem como título, “o novo cangaço”. Por isso a necessidade de se buscar uma melhor compreensão sobre o que foi o fenômeno do cangaço, para não cairmos em generalizações e para que se possa chegar a uma definição mais precisa sobre este fenômeno característico do banditismo brasileiro em tempos passados.

---

<sup>2</sup> Em 17/07/2011, o site de informações IG – Ceará lançou uma matéria com o seguinte título: “Contra ‘novo cangaço’, Ceará cria polícia itinerante para o interior”. Nesta matéria tem-se uma comparação entre a nova forma de agir dos bandidos atuais com algumas táticas bastante conhecidas dos cangaceiros de “antigamente”. Segundo a matéria, essa nova forma de atuação dos bandidos é uma versão mais “pesada” de Lampião. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ce/contra+novo+cangaco+ceara+cria+policia+itinerante+para+o+interior/n1597083108153.html>>. Acesso em 10/08/2013.

Sabendo desta diferença epistemológica, fazem-se precisas novas abordagens para se debater com clareza sobre uma definição mais simples e objetiva acerca do que foi o cangaço característico do tempo histórico supradelimitado e o que são as novas definições acerca de crimes praticados atualmente por estes novos bandidos.

A primeira dificuldade reside em saber se os crimes atuais podem ser chamados realmente de cangaço. O tempo histórico e a forma de surgimento deste fenômeno no meio social – do povo sertanejo – estão muito modificados, tanto pelo avanço da tecnologia, quanto pelas novas oportunidades de melhorias sociais oferecidas à população, mesmo que se reconheça que tais melhorias não acontecem de forma generalizada nem com a rapidez que é registrada nas cidades litorâneas ou nas capitais dos estados brasileiros em tempos recentes.

Quando se busca um maior entendimento sobre o que foi o fenômeno do cangaço, a primeira coisa que se percebe é que o termo cangaço é uma expressão vaga e cheia de formas diferentes de interpretações. As pessoas geralmente confundem o bandido comum com um cangaceiro, o que gera ainda mais discussões sobre suas possíveis definições.

Percebe-se que nem todo bandido “comum”<sup>3</sup> poderá ser chamado de cangaceiro. Para ser considerado e receber essa alcunha, o mesmo deveria ter algumas justificativas para a sua entrada naquele meio de sobrevivência ou mesmo naquele mundo estranho, como já foi dito por alguns estudiosos. Porém, deixa-se a questão das possíveis razões de entrada naquele tipo de vida para outro momento desta dissertação.

Veja-se, agora, algumas definições sobre o que é o cangaço, citadas em obras que servem de base para vários pesquisadores sobre o fenômeno que iniciam suas pesquisas com problemas de definições acerca da própria temática.

Segundo o pesquisador Billy Jaynes Chandler (1980, p. 15), as palavras cangaceiro e cangaço, que aparentemente começaram a ser usadas na década de 1830, se relacionavam à “canga” ou “cangalho”, isto é, o jugo dos bois. Talvez o cangaceiro fosse assim chamado porque carregava seu rifle nas costas, como o boi carregava a sua canga. A princípio, significava um grupo de homens armados a serviço de um fazendeiro, mas, a partir de 1900, os cangaceiros começaram a

---

<sup>3</sup> O termo bandido comum aqui será utilizado para definir a pessoa que comete ou cometeu algum crime simples, como, por exemplo, o roubo de uma cabra, a agressão física a alguma pessoa em uma briga ou qualquer tipo de infortúnio que possa ter praticado ou sofrido.

operar independentemente. Daí em diante é que a palavra “cangaceiro” começou a ser usada.

Na verdade o tema é complexo; ele requer um estudo aprofundado dos aspectos sociológicos, antropológicos e históricos envolvidos no fenômeno, para que não se caia em definições simplistas acerca do que realmente foi o cangaço.

Para se ter uma noção do que era, ou como se encontrava, o Brasil nas imediações do corte temporal estabelecido neste trabalho, insere-se, aqui, uma citação do historiador Boris Fausto (1999, p. 281): “no curso das últimas décadas do século XIX, até 1930, o Brasil era um país predominantemente agrícola”.

Trazendo essa realidade brasileira para o Nordeste, especialmente para a área de análise, que é a região da caatinga, não é preciso enfatizar que a situação do sertanejo daquele tempo era de total, ou quase total, esquecimento por parte dos poderosos da elite oligárquica brasileira.

A questão da posse da terra – tida como grande geradora das desigualdades econômicas – sempre foi marcada por muita luta, por uma ocupação carregada de violência, em que sempre venceu “o mais forte”; nesse caso, o latifundiário que dispunha de maiores recursos financeiros para manter o domínio sobre a área de seu desejo.

Segundo o mesmo Boris Fausto (1999), a história da ocupação das terras seguiu um padrão que vinha do passado e iria se repetir ao longo da história do Brasil. Havia uma total indefinição dos limites das propriedades e muitas terras não eram exploradas. Os títulos de propriedade, quando existentes, podiam ser contestados porque, entre outras coisas, uns se sobrepunham a outros. Em um quadro desse tipo, prevaleceu a lei do mais forte. O mais forte era quem reunia condições para manter-se na terra, desalojar posseiros destituídos de recursos, contratar bons advogados, influenciar juízes e legalizar, assim, a posse de terras (p. 187).

Se a questão da terra era um grande problema no Sudeste e Sul do Brasil, aqui no Nordeste não seria diferente. As injustiças cometidas contra a grande massa de despossuídos e relegados aos infortúnios da vida de pobreza eram enormes. Além dessa questão central, outros pontos corroboraram para alargar ainda mais os fatores geradores do surgimento do cangaço no Nordeste brasileiro.

É importante refazer uma análise bastante crítica acerca do fenômeno e apontar novos rumos para as pesquisas, fazer um alargamento sobre os inúmeros grupos de cangaceiros que atuaram nos sertões, fugir um pouco do foco do cangaço

lampião e procurar adicionar nomes de outros grupos de cangaceiros que, muito presentes no sertão brasileiro, por um lado fizeram o sertanejo aceitá-lo e, por outro, temer o movimento.

É necessário investigar o que é considerado como verdade e o que foi inventado sobre os inúmeros crimes praticados pelos bandidos. Enfim, é necessário revisar a historiografia do cangaço e rever algumas questões como, por exemplo, a participação das mulheres e das crianças; a questão da religiosidade dos cangaceiros; a história da vida privada e seu cotidiano dentro do cangaço; a participação do negro no movimento. Enfim, os novos pesquisadores deverão buscar outras visões e campos de abordagens para serem explorados no bojo de tão vasta temática.

Sobre esta questão da busca de “novos rumos” nas pesquisas sobre o fenômeno do cangaço, esta pesquisa espera contribuir para o surgimento de interesse por um viés ainda pouco explorado e que poderá estimular a que outras pesquisas possam trazer maiores elucidações para a complexidade que foi o fenômeno do cangaço. O pesquisador Erivam Felix Vieira, em sua obra *Coronelismo e cangaço no imaginário social*, faz um alerta acerca desta necessidade de alargamento temático e, especialmente, sobre a questão da religiosidade no cangaço. Ele percebe, por exemplo, a carência de trabalhos publicados sobre a questão dos usos religiosos dentro daquele fenômeno.

Interessante, também, seria explorar as práticas religiosas. Um dos aspectos marcantes da personalidade contraditória de Lampião era a sua religiosidade. Apesar do movimento beligerante do cangaço, [Lampião] nunca abandonou a sua fé em Deus, nos santos da Igreja Católica Apostólica Romana, e o respeito aos padres e às Igrejas (VIEIRA, 2012, p. 52-53).

Para destacar ainda mais a dificuldade sobre uma definição precisa acerca do que foi o cangaço, cita-se, em seguida, uma passagem sobre a vida de José Gomes, mais conhecido como “o cabeleira”. Mesmo sendo da segunda metade do século XVIII e de uma área geográfica totalmente diferente daquela do sertão nordestino – nasceu em Glória do Goitá, na Zona da Mata – “o cabeleira” é apontado como um dos primeiros cangaceiros de que se tem notícias.

Embora tido como um dos primeiros cangaceiros, José Gomes, “o Cabeleira”, era apenas um bandido cruel e sanguinário que entrou na vida do crime influenciado pelo seu pai, o não menos perverso Joaquim Gomes, um homem mal e cruel que cedo ensinou o filho a arte violenta de matar e sangrar as pessoas indefesas apenas por puro prazer. Juntamente com seu pai e um negro de nome Teodósio,

Cabeleira aterrorizou toda a zona da mata pernambucana desde a cidade da Vitória de Santo Antão até o centro do Recife em meados de 1775. Cabeleira foi um herói do mal. À revelia de sua mãe, a Joana, conheceu a trilha do crime através do pai que cedo o ensinou a usar o clavinote, deixando um rastro de morte e destruição por onde passava. Cabeleira não escolhia suas vítimas. Era um herói sem causa social, e não tinha para si um código de ética e de conduta. Matava por matar e roubava por roubar. José Gomes foi aprisionado num canavial em Paudalho, zona da mata de Recife e levado à forca no Forte das Cinco Pontas, em 1776. Das estórias de Cabeleira, que são contadas pelo romancista Franklin Távora ficam os versos que imortalizaram a figura desse cangaceiro na alma do nordestino: “Fecha a porta, gente, Cabeleira aí vem! Matando mulheres, Meninos também....”<sup>4</sup>

A partir do trecho supracitado pode-se compreender a complexidade que envolve a tarefa de busca de uma definição. Mesmo que o José Gomes – o Cabeleira – não tenha sido um cangaceiro como o tipo é compreendido nos moldes, por exemplo, de um Antônio Silvino, de um Sinhô Pereira ou até mesmo de um Lampião, ele assim foi descrito. Feito isto, a remoção do seu “título” de cangaceiro fica praticamente impossível, uma vez que ele lhe foi concedido pela literatura, na lavra do escritor Franklin Távora, que publicou uma obra a partir da qual ele e o seu título foram perpetuados.

O que se pode concluir é pela pertinência da assertiva sugerida por Frederico Pernambucano de Mello, em *Guerreiros do sol* (2005, p. 88-89). Conhecedor da complexidade que envolve uma definição acerca do cangaço, afirma, categoricamente, que houve cangaços dentro do cangaço; ele enxerga tal questão em obras de outros pesquisadores, embora estes não tenham elaborado uma categorização sistemática acerca do cangaço, talvez por não terem conseguido isolar as gradações no movimento: “dentro do quadro geral do cangaço nordestino, formas básicas perfeitamente caracterizadas, com traços peculiares inconfundíveis, capazes de atribuir colorido próprio, exclusivo e de fácil distinção entre si”. (MELLO, 2005, p. 88). Assim, pode-se classificá-lo em pelo menos três categorias: o cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio, tal como as intitula no estudo citado.

Todavia, é o próprio Frederico Pernambucano de Mello quem esclarece melhor a questão da não formação de cangaceiros em regiões da zona da mata, citando Câmara Cascudo, o qual afirma que o ciclo da cana-de-açúcar não poderia ter produzido o cangaceiro (CASCUDO *apud* MELLO, 2005, p. 87). Isto teria se dado

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://tudosobreocangaco.blogspot.com.br/2008/10/o-cabeleira.html>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

por causa da ausência do chamado *escudo ético*, ideia defendida pelo mesmo pesquisador; este “escudo” consistia no reconhecimento, por parte da população, de que o cangaço era um modo de viver alternativo socialmente reconhecido. A inexistência deste reconhecimento nas áreas litorâneas fez o cangaço se tornar peculiaridade de uma região brasileira: o semiárido nordestino. Por isso, fica claro que o “Cabeleira” não pode ser considerado um cangaceiro nos moldes dos que estavam localizados no espaço e no tempo históricos a que esteve circunscrito o ciclo do cangaço.

Para quem pesquisa o fenômeno do banditismo no nordeste, e identifica as diferenças de classificação e de definições acerca do que foi o movimento, fica confirmado o pensamento elaborado por Frederico Pernambucano de Mello de que existiram cangaços dentro do próprio cangaço, e de que os tipos de cangaceiros podem ser classificados de acordo com o seu *escudo ético*; isto traz luz para a elucidação da problemática. Nota-se, assim, que os possíveis tipos de cangaceiros se enquadravam de acordo com a trajetória que conduzia cada um a entrar naquela vida criminosa e, ainda, que eram inúmeras as possibilidades de entrada naquele tipo de vida.

São encontradas diversas classificações dos possíveis tipos de cangaceiros, algumas elaboradas de forma bastante simples, como é o caso da elaboração da pesquisadora Aglae Lima de Oliveira, no seu livro *Lampião, cangaço e nordeste*, em que ela os divide apenas em cangaceiro manso ou cangaceiro profissional: o cangaceiro manso é o sertanejo que não está vivendo do cangaço, mas é um homem com grande potencial para tornar-se um cangaceiro profissional; por isso ele pode, em alguns momentos, tomar parte em algum conflito e, logo depois, voltar a sua vida simples de homem da roça. Já o cangaceiro profissional é aquele sertanejo homem rústico, que passou a viver “debaixo das armas” e é independente nas suas andanças pelas caatingas.

Porém, neste trabalho o autor toma como definição sobre o que foi o cangaço, a que foi dada pelo pesquisador Frederico Pernambucano de Mello, para quem deve ser vista, inicialmente, a questão motivadora da entrada no cangaço – o tipo de cangaço vivido pelo indivíduo – e, logo em seguida, o “escudo” ético, pois, sem esse, todo cangaceiro poderia ser confundido como um bandido comum aos olhos daqueles que não conhecem sobre a cultura dominante no sertão nordestino.

A partir daí se pode perguntar se existe alguma diferença entre um cangaceiro e um simples bandido? Dependendo do ponto de vista de análise, se

pode dizer que sim e, para algumas pessoas que não são estudiosas sobre o assunto, acredita-se que não, uma vez que esta definição como já afirmado, é complexa e vaga. Para aumentar ainda mais a percepção acerca da complexidade sobre o que foi realmente o cangaço, veja-se uma passagem do livro de Billy Jaynes Chandler:

Depois da morte de seu pai, Lampião, Antônio e Levino passaram rapidamente à categoria de *bandidos profissionais*, seguidos por Antônio Rosa, um amigo que tinha morado na casa dos Ferreira, em Alagoas (1980, p. 53). Grifo do autor.

O escritor supracitado, bastante conhecido entre os estudiosos da temática, chama Lampião e seus irmãos de bandidos profissionais. Tal visão parece querer estabelecer uma relação que leve à crença de que nem todo bandido pode ser considerado um cangaceiro, mas todo cangaceiro pode, em algumas circunstâncias, ser chamado de bandido.

Na História do Brasil, diversos pesquisadores brasileiros e de outras partes do mundo, buscam um entendimento aprofundado sobre o que foi realmente o movimento do cangaço. Mas é preciso buscar outras formas para definir e compreender os seus fatores condicionantes para que se possa chegar a uma definição própria que esclareça de forma objetiva e satisfatória o que foi o movimento do cangaço e por que não se deve confundir toda e qualquer forma de banditismo ocorrido nos sertões e em outras áreas geográficas dos estados nordestinos em tempos coloniais, imperiais e contemporâneos a esta pesquisa, como sendo uma nova “onda” ou, como é comum encontrar em reportagens recentes que trazem títulos do tipo “o novo cangaço” ou similares.

A história do Brasil é marcada por vários movimentos sociais e diversos conflitos através dos quais se buscava alguma mudança na situação em que estavam os pobres e esquecidos socialmente. Assim, toma-se uma classificação dada por Fausto (1999), em que ele categoriza em pelo menos três os grandes grupos que formavam os movimentos sociais: 1 – os que combinaram conteúdo religioso com carência social; 2 – os que combinaram conteúdo religioso com reivindicação social; 3 – os que expressaram reivindicações sociais sem conteúdo religioso (p. 295).

Isso não quer dizer que quem participou do cangaço “lutou” por uma mudança na estrutura social, ou por alguma mudança para diminuir a exploração dos grandes latifundiários sobre a massa pobre. Voltando para o caso do cangaceiro Lampião, percebe-se que ele é apontado como um bandido sem causa social, pois vivia no

cangaço-meio de vida, embora o seu caso possa servir como apontamento em que grande parte daqueles que o acompanharam tinham um pouco do desejo de fazer “justiça” com as suas próprias mãos: cometer assassinatos contra algumas autoridades, contra alguns fazendeiros que se achavam intocáveis dentro de seus feudos nos rincões nordestinos.

A questão sobre a sua definição permanece atual e indefinida e, para o autor deste trabalho, ela será uma das inúmeras temáticas que seguirão os novos rumos que os estudiosos atuais e futuros empreenderão em suas pesquisas. A questão tornou-se ainda mais polêmica, desde que houve um plebiscito em Serra Talhada (PE), realizado em 07 de setembro de 1991, cuja pergunta central proposta aos moradores da terra natal do famoso bandoleiro e “rei do cangaço” – Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião – indagava se ele foi um herói ou um bandido. Com o resultado, 79% das pessoas que votaram optaram por considerar Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, como um herói<sup>5</sup>. A questão ganhou novos rumos e surgiram inúmeros debates que ainda estão apenas no início de uma discussão que promete ser longa e duradoura. No entanto, há a necessidade de se chegar a um consenso ou, pelo menos, a termos que sejam mais satisfatórios de forma a eliminar as generalizações.

Os estudos referentes ao cangaço se debruçam sobre a questão se o Virgulino Ferreira da Silva, o famoso “rei do cangaço”, foi um herói ou um bandido. Este estudo, porém, não tem como finalidade a elaboração de uma resposta definitiva para esta dúvida. Porém, ela irá incrementar a discussão acerca das diferenças existentes entre alguns grupos de cangaceiros e os seus respectivos tempos de atuação, para que se não caia continuamente na generalização da definição atual de que toda e qualquer pessoa que busca justiça com as suas próprias mãos possa ser chamada de bandido. É necessária uma noção mais definida sobre o que foi o cangaço para não nomear bandidos como cangaceiros e cangaceiros como bandidos.

Na definição do já citado pesquisador americano Billy Jaynes Chandler (1980, p. 15), o cangaceiro foi assim chamado porque carregava seu rifle nas costas, como o boi carregava a sua canga. Então, antes de tudo, para ser cangaceiro um homem (ou mulher) teria que jogar todos os seus planos de uma vida dita normal e sedentária, para o alto. Teria que jogar fora o sonho de uma vida estabilizada com

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.faroldenoticias.com.br/site/polemica-plebiscito-sobre-estatua-de-lampiao-entra-para-a-historia/>>. Acesso em: 20 maio 2013.

mulher e filhos e ver o fruto do seu trabalho honesto e cotidiano crescer. Teria, a partir do momento da sua entrada no banditismo, uma vida de longas caminhadas debaixo do sol abrasador do Nordeste, intercaladas por noites mal dormidas, sustentadas por uma alimentação precária, arriscando a vida a cada segundo, pois os inimigos estavam por toda parte.

A opção pelo seguimento desta definição implicaria o Cabeleira, personagem supracitado, não poder ser chamado de cangaceiro, pois ele não tinha plano de vida nem motivos que justificassem os seus crimes. E, menos ainda, estas ondas de assaltos que ocorrem em tempos atuais, nas quais grupos armados chegam em carros nas pequenas cidades e fazem reféns algumas pessoas que estavam dentro de agências bancárias, por exemplo, para servirem como escudos humanos contra possíveis ataques desferidos pelas forças policiais.

No trabalho de Carlos Alberto Dória o entendimento é de que o cangaceiro não pode ser comparado ao criminoso comum. Em sua obra ele é chamado de bandido social por ser originado de uma sociedade rural explorada pelo latifundiário, pelo coronel que manda nas terras e, com isso, coordena a vida de toda uma população que, direta ou indiretamente, depende dele para sobreviver. O “bandido” estudado nesta pesquisa, não se enquadra como um bandido comum, pois ainda segundo a sua linha de pensamento, o termo “bandido” é muito vago, e todo aquele que comete um delito é visto pelo estado como um bandido, enquanto o cangaceiro é visto de forma diferente pela sociedade. “É um camponês comum que por algum motivo ‘caiu em desgraça’ perante os poderosos locais, ou um rebelde, e que por isso mesmo merece ser admirado, ajudado e protegido na luta contra seus inimigos” (1981, p. 12).

O banditismo é considerado por diversos autores como um fenômeno (HOBBSAWM, 2010), pois este tipo de comportamento não foi exclusividade do nordeste brasileiro. Existiram, no banditismo daqui, certas particularidades também encontradas no banditismo desenvolvido na China, no Peru, na Sicília, na Ucrânia, na Espanha, na Indonésia, etc., com características e fatores socioeconômicos muito parecidos. Por exemplo, foram fruto de sociedades rurais que viveram a transição entre a organização tribal ou de clã (onde o principal laço de solidariedade social era a família extensa) e a moderna sociedade capitalista em fase de industrialização, quando o avanço do capitalismo no campo destrói a predominância dos laços familiares.

O homem sertanejo é considerado, por vários estudiosos, como acostumado às mais difíceis situações marcadas pela falta de chuvas em longos períodos de estiagem, dificuldades econômicas e pelo seu isolamento em relação ao restante do Brasil. Muitos autores (cf. FACÓ, 1991; SILVA, 2009; CARVALHO, 1976), no afã de identificar a raiz do cangaço, fazem todo um trabalho de construção da identidade do povo do sertão, procurando justificar a personalidade forte do sertanejo, pois a justificativa fica basicamente restrita à difícil luta, desde os primeiros tempos de colonização do nordeste, pela sobrevivência daqueles que tiveram que lutar com os índios e passaram pelas mais diversas provações. Sendo assim, aquela vida rude serviu como “cimento” para construir a personalidade do povo sertanejo; um tipo de homem que sobrevive com todas as dificuldades, financeiras e climáticas, conforme teoria afirmada pelo escritor Euclides da Cunha (1987). A partir deste tipo de formação social, que lhe forja a moral, o sertanejo tem a honra da sua pessoa e de sua família como uma carteira de identificação. Em muitos casos, prefere matar e/ou morrer, a ficar desmoralizado diante da comunidade na qual é conhecido.

Durante muito tempo o cangaço foi visto e analisado como sendo fruto da desigualdade de oportunidades entre o povo sertanejo. Terra de grandes latifundiários com uma massa pobre e explorada que, em tempos de secas, encontrava no banditismo uma saída para as agruras da vida sofrida. Porém, toda essa nova produção historiográfica que trabalha temas relacionados ao cangaço, ou paralelos a ele, como a vida do Padre Cícero ou até mesmo a Guerra de Canudos, ou com a religiosidade do povo sertanejo, não mais aceita as questões agrárias e sociais como únicas correntes formadoras daquele tipo de vida e da mentalidade sertaneja.

Desde o processo de colonização do território brasileiro, a luta dos desbravadores que avançaram sobre as terras dos povos indígenas<sup>6</sup> que viviam nesse imenso território (não só nordestino), deixou marcas bastante particulares. Assim, o sertão e a sua população guardam em seu inconsciente uma herança dessa luta e, em consequência, uma postura mais favorável aos hábitos da guerra sertaneja.

De caráter propenso a uma vida mais sacrificada devido ao clima e à região, o povo sertanejo “aceitaria” essas condições da vida como uma atribulação; então, para viver nessa terra o homem teria que lutar e não aceitar pacificamente aquela condição exploratória oriunda da falta de oportunidades econômicas.

---

<sup>6</sup> Para essa questão ver o trabalho de Manoel Coreia de Andrade, *A terra e o homem no Nordeste*.

Em trabalhos que publicou, o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello deixa rastros da importância de serem integrados o sertão e a história do cangaço à história do Brasil<sup>7</sup>, para que ele não seja permanentemente visto como uma anomalia representada por um bando de desordeiros que vivia desafiando as autoridades constituídas e civilizadas.

Para o caso do cangaço e, em especial, do grupo lampiônico, é preciso enquadrar esses cangaceiros em seu meio social e cultural. Como já foi dito, o cangaço é um fenômeno característico daquela região brasileira, não havendo condições culturais para ele ter acontecido na zona canavieira, por exemplo.

Não se pode, entretanto, permanecer com definições simples para tentar aprofundar o conhecimento acerca do que foi o movimento do cangaço. Se o sertanejo é marcado por uma vida difícil, a sua personalidade se caracteriza pela firmeza de sua postura social. Desse modo, não se pode afirmar que o cangaço existia apenas pela falta de oportunidades econômicas, pois existe um fato curioso, destacado pelo historiador Paulo Moura, que contribui para que se possa perceber a complexidade da vida de um cangaceiro:

Por incrível que pareça, nenhum cangaceiro que foi preso ou se entregou após a morte de Lampião, ao ser libertado retornou ao crime. Todos eles foram recuperados e retornaram a vida como trabalhadores honestos e dedicados. Um dos exemplos foram os cangaceiros Labaredas e Saracura, que se transformaram em funcionários públicos do Instituto Nina Rodrigues, sob as bênçãos do Dr. Estácio de Lima, grande homem que lutou anos a fio para manter as cabeças degoladas dos cangaceiros mortos pelas volantes guardadas no museu, para que fossem objetos de estudo (2008, p. 129).

O trecho supracitado conduz à continuidade da busca por definições e melhor entendimento sobre o tema: porque o cangaço existiu? Se a vida do sertanejo fosse mais fácil, existiria o cangaço? Pode-se explicar a formação da personalidade do sertanejo e dos cangaceiros a partir de definições simples que atribuem apenas à falta de oportunidades econômicas?

Na busca de conhecimento e entendimento sobre a origem cultural e social do povo sertanejo<sup>8</sup>, surgiram vários pesquisadores que tentam explicar e/ou justificar

---

<sup>7</sup> Não existe nenhum livro do autor totalmente dedicado a essa questão. São fragmentos que podem ser captados em sua análise, com os quais concorda o autor desta dissertação, pois seus trabalhos apresentam uma ótima qualidade na seleção, organização e análise dos fatos que aborda.

<sup>8</sup> Neste caso, chama-se de sertanejo aquele homem que vive nas caatingas dos estados nordestinos brasileiros, e quando se fala de nordestino, se está englobando todos os moradores dos oito estados do nordeste brasileiro – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco,

o movimento do cangaço como fruto do meio social do sertanejo; como prova disto, têm-se vários pesquisadores de renome dedicados ao seu estudo.

Foi Rui Facó<sup>9</sup>, em trabalho publicado postumamente, quem elaborou uma argumentação acerca das várias razões que conduziram a uma desestrutura social do modo de vida do sertanejo. Ele aponta a grande concentração de terras nas mãos de poucos latifundiários, o que chamou de “a matriz do cangaço”: a exploração do coronel sobre o homem desprovido de terras nas quais pudesse cultivar seu próprio alimento. A partir desta falta de opção ele afirma categoricamente que:

Contra a fome e a miséria que aumentam com a seca, manifestam-se dois tipos de reação da parte dos pobres do campo: a) a formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas; b) a formação de seitas de místicos – os fanáticos – em torno de um beato ou conselheiro (FACÓ, 1991, p. 37).

Outros estudiosos compartilharam este pensamento. O próprio Facó elaborou mais uma pergunta incisiva: “Num meio em que tudo lhe é adverso, podia o homem do campo permanecer inerte, passivo, cruzar os braços diante de uma ordem de coisas que se esboroa sobre ele?” (1991, p. 38).

O homem sertanejo canalizou, através do cangaço, a explosão do seu anseio de justiça contra as formas estabelecidas de abusos políticos oriundos das ordens dos coronéis, que formavam um complexo unilateral de injustiças e arbitrariedades. O cangaço é uma explosão, uma vingança, embora também seja uma forma de justiça que não venha satisfazer o desejo de ternura de uma gente humana e piedosa, que, de índole pacífica e resistente, aspira a paz e a chuva para que seus campos e filhos possam crescer (PRATA, 1980, p. 11).

Era um mundo estranho, no qual vigoravam nomes vulgares, os chamados “apelidos”, alguns muito bizarros. Para exemplificar, será feita uma pequena citação de alguns dos nomes que já são bastantes conhecidos no meio acadêmico. Assim, tem-se: Moita brava, Pó corante, Sabiá, Mourão, Volta seca, Saracura, Deus-te-guie, Beija-flor, Lua branca, Colchete, Jararaca, Amoroso, Quina-quina, Sabonete, Catingueiro, Ventania, Volante, Vereda, Ferrugem, Lavandeira, Açúcar, Braúna,

---

Alagoas, Sergipe e Bahia – que compreende uma área de cerca de 1,5 milhão de Km<sup>2</sup>, aproximadamente 18% do território brasileiro.

<sup>9</sup> Rui Facó em sua principal obra, *Cangaceiros e fanáticos*, conseguiu explicar o modo de vida do sertanejo, a partir do campo da exploração econômica, em uma visão que teve vários adeptos. Porém, como foi dito em trecho acima, esse campo de visão sobre a sociedade sertaneja não é mais aceita como sendo a única forma ou possibilidade; existem vários outros “caminhos” que podem guiar o pesquisador na compreensão daquele tipo de sociedade. Para uma noção desses novos caminhos, ver a obra do pesquisador Eduardo Hoornaert, *Os anjos de Canudos*.

Quixabeira, Carrasco, Cocada, Besta Fera, Relâmpago, Caracol, Limoeiro, Candeeiro, Feitiço, Esperança. Fica a observação de que alguns desses nomes utilizados pelos cangaceiros, já foram, e poderiam ser de uma segunda ou terceira pessoa com o mesmo nome. Tal técnica – de repetir nomes de cangaceiros mortos ou desertados – era apenas mais uma das inúmeras práticas adotadas por eles para confundir a “força”.

Tendo conhecimento de todas estas questões, o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello formulou uma tipologia sobre o cangaço, subdividindo-o (conforme já citado) em três formas básicas: o cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio (2005, p. 89). Assim, o sertanejo teria estas três “opções” para uma eventual entrada no cangaço.

O primeiro tipo, chamado de cangaço-meio de vida, seria o da escolha de Lampião, uma vez que ele reconhecia que o cangaço era um meio de vida (MELLO, 2005, p. 89) e que nem sempre a escolha pela vida à base do rifle era feita com o intuito de vingar alguém. Já o segundo tipo – o cangaço de vingança – era destinado àqueles que buscavam a vingança contra os seus desafetos; a possível vingança era o que forçava a entrada do indivíduo naquele tipo de vida. E, por último, o cangaço-refúgio, que servia para aqueles que estavam sendo perseguidos por algum desafeto ou, na grande maioria das vezes, pela polícia, que o acusava de ser um coiteiro ou de ter praticado algum crime que o marcou no meio social em que vivia.

Pode-se aumentar esta forma de classificação tipológica, pois se sabe que algumas pessoas entraram no cangaço por terem sido coagidas a tanto, tendo representado um verdadeiro infortúnio em suas vidas. Pessoas que, por falta de melhor sorte, encontraram cangaceiros que cruzaram seus caminhos e de forma simples e calma lhes falaram: “ou segue a gente ou morre”. Grande parte das pessoas entrou naquela vida de banditismo por nela encontrarem algum encanto, uma vez que muitos homens e mulheres acreditaram ser sedutora uma vida que não tinha rumo certo, uma vida que consideravam recheada de aventuras e acompanhada de muita fartura, com bastante dinheiro e ouro nos bornais.

Não se pode, todavia, ficarmos restritos a estas definições prontas e tidas como verdadeiras; atualmente têm-se alguns trabalhos que procuram acrescentar novas abordagens sobre a questão do possível surgimento do cangaço como, por exemplo, as causas sociais ou o descaso das autoridades perante o povo sertanejo, a formação cultural propícia para tal tipo de vida; além disso, novos estudos buscam

aquilatar a influência da dimensão religiosa do povo pobre e esquecido do sertão nordestino como agente de transformação.

As calamidades climáticas ajudavam a difundir a crença popular do salve-se quem puder e como puder, pois o governo imperial, de início, e, logo depois, o governo republicano, faziam vistas grossas para o problema das secas no Nordeste.

Sobre aqueles dias difíceis, existem inúmeros casos relatados nos livros (DÓRIA, 1981, p. 32) e através das narrativas da população, acerca de empregados que matavam seus patrões e até de pais que faziam leilões da virgindade de suas filhas, para poderem adquirir alimentos e continuar sobrevivendo.

Naqueles tempos de secas prolongadas, de calamidade pública, surgiam grupos de homens armados que se dedicavam à prática de assaltos – os cangaceiros – produto típico da seca. Por isso, muitos pesquisadores associaram única e exclusivamente a pobreza e o mandonismo dos coronéis como fatores principais para o surgimento do cangaço. Este, por sua vez, poderia ser dividido em cangaço endêmico e epidêmico, de acordo com as fases de agravamento social. Porém, aos poucos se vê surgirem novas formas de diagnosticar as “raízes” do cangaço, uma vez que estudos recentes estão analisando o fator cultural na formação daquele tipo de movimento.

Nos momentos de calamidade pública, as páginas dos jornais e a memória das pessoas que vivem, ou viveram, no sertão nordestino, estão cheias de fatos tristes que narram “casos” absurdos de extrema pobreza. Verdadeiras ou não, tais memórias são perpetuadas pelos que procuram justificar o surgimento e a proliferação dos grupos de bandoleiros naqueles períodos de exacerbação da miséria.

Justamente naqueles momentos de desagravo social surgiam grupos de salteadores que provocavam verdadeiros horrores pelo sertão nordestino; tais grupos conseguiram marcar as páginas dos jornais e dos livros com suas façanhas. Para isso segue a história de alguns dos principais grupos de cangaceiros incluídos no ciclo do cangaço (1870-1940). Porém, observa-se que são poucos os grupos e que “perdeu-se” o conhecimento de outros grupos e salteadores devido à falta de registros ou por causa da inexistência de pesquisas que busquem fazer uma relação destes indivíduos e/ou grupos de bandoleiros desconhecidos pela historiografia que, de certa forma, ajudariam a aumentar o entendimento sobre o fenômeno do banditismo.

Abaixo alguns dos mais conhecidos cangaceiros e seus bandos. Destaca-se que são narrativas simples, acerca de como eram suas vidas e o porquê de sua entrada no cangaço, iniciando por Inocência Vermelho (1874) e João Calangro (1876):

Em 1874 Inocência Vermelho havia cometido um assassinato na Paraíba. Em função deste crime, transferiu-se para o município de Jardim, no Ceará, onde a ele se juntaram outros bandidos, inclusive João Calangro, que, por furto de animais, cumpria pena na cadeia da cidade do Crato – CE, de onde conseguiu fugir. O grupo agia impunemente em várias cidades do Cariri e, segundo o presidente da província da Paraíba, com a proteção do Juiz de Direito de Jardim.

Em meados de 1876, Inocência Vermelho foi assassinado. Assumiu o comando do grupo João Calangro. Este se orgulhava de ter cometido trinta e dois assassinatos sem que qualquer processo fosse tentado contra si. A seca de 1877 tornou-o personagem célebre. Lutou contra os grupos similares dos Quirinos e dos Viriatos, seus rivais, até conseguir dominar todo o Cariri. Orgulhoso de seu prestígio, exigiu ser chamado de General Brigadeiro João de Souza Calangro.

Os Calangros constituíam um grupo de cerca de vinte homens e, por vezes, agiam articulados com os Viriatos e Quirinos, após estes dois grupos independentemente terem reconhecido a liderança de João Calangro (DÓRIA, 1981, p. 33-34).

A história e a lenda de Jesuíno Brilhante (1844-1879):

Talvez por seus compromissos explícitos com os coronéis, o nome de João Calangro, o mais poderoso cangaceiro do período das secas, tenha sido obscurecido pela lenda de Jesuíno Brilhante. Este, diferentemente daquele, compõe a imagem típica do cangaceiro-herói, modelo de heroísmo e abdicção para as massas rurais, segundo palavras do escritor Graciliano Ramos.

A família, Alves de Melo, à qual pertencia Jesuíno Brilhante, parece ter sido relativamente abastada: eram donos de lavoura e de gado, proprietários de escravos e homens de relativo prestígio político. Apesar disso, o cangaço se inscreveu na vida do clã dos Alves de Melo como um desdobramento natural de perseguições políticas e rivalidades com outra família do sertão cearense, a família Limão.

Ao que consta, as desavenças entre as duas famílias começaram por volta de 1866, quando um membro do clã de Jesuíno, responsável pelo recrutamento para a guerra do Paraguai, foi assassinado por gente da família Limão, incluídos entre os recrutas. Além desse antecedente, os Alves de Melo eram do partido liberal, que se encontrava “por baixo”, e os Limões, do partido conservador. Mas foi um motivo aparentemente fútil que levou Jesuíno a cometer seu primeiro “crime”, tendo, a partir de então, que optar por viver “debaixo do cangaço”.

Certa feita, membros da família Limão roubaram uma cabra de João Alves, pai de Jesuíno. Tratava-se de uma grande provocação. Em seguida, Jesuíno se achava com o cunhado na Vila de Patu, quando cruzou na rua com Honorato Limão. Houve uma discussão e Jesuíno matou Honorato a punhal. Mandando abrir uma garrafa de cachaça “em honra do defunto”. Este fato se deu em fins de 1871.

Sem outra alternativa, Jesuíno assumiu sua condição de “fora-da-lei”, reuniu sua gente e partiu para a vida do cangaço. Antes, porém, concedeu a liberdade a seu escravo José. O escravo, enquanto homem livre, optou por seguir seu antigo dono nas aventuras do cangaço. Mais tarde, José seria morto pelo próprio Jesuíno, por ter ousado disputar com o chefe o amor de uma moça branca.

A luta entre Brilhantes e Limões foi progressivamente envolvendo ambas as parentelas e provocando mortes de parte a parte. A história registra alguns casos de especial requinte de crueldade. Um velho do clã dos Alves de Melo foi morto após ter sido humilhado e aviltado: seu assassino obrigou-o a passar três vezes por debaixo da barriga de seu cavalo, o que era largamente propalado para maior vergonha da família do morto. Como vingança, Jesuíno matou o aviltador da honra dos Alves de Melo e marcou o defunto nas orelhas “com o sinal de messa [*sic*] e canzil”, (como se marca no sertão um bode ou uma cabra).

Após algumas façanhas, Jesuíno dissolveu o grupo e procurou voltar à vida normal, cuidando do gado e da lavoura. No entanto, os Limões, através de influências políticas, conseguiram do presidente da província a abertura de um processo-crime contra os Brilhantes. A vida normal tornara-se impossível para eles.

Jesuíno reúne novamente o bando, para lutar em defesa da honra da família, e adverte seus companheiros: “os que me acompanham não pegam no alheio e nem faltam com o respeito às famílias honestas. Estes dois crimes são os que eu mais abuso. Fugam de cometê-los porque para eles não há perdão”. De fato, o bando não vivia do roubo e era sustentado pelos recursos da família Alves de Melo. Conta-se, inclusive, que certa vez Jesuíno chegou à fazenda de um certo Manoel Pimenta e pediu dinheiro, um cavalo e uma vaca. O fazendeiro negou-se a lhe entregar, dizendo que, se quisesse, roubasse. O cangaceiro montou no cavalo, respondeu que não era ladrão, e foi embora.

Estórias como essa, fizeram com que a fama do cangaceiro-herói se espalhasse rapidamente pelo sertão. O povo via em Jesuíno o administrador da justiça que o estado negava ao homem pobre, especialmente em se tratando de crimes praticados “contra a honra e a propriedade”. Certa vez o filho de um fazendeiro deflorou uma jovem, filha de um vaqueiro, supondo que por sua posição e fortuna escaparia à justiça do Brilhante. Jesuíno, a par do ocorrido, mandou um emissário informar ao ofensor que teria três dias de prazo para se casar. O rapaz tratou mal o emissário e fugiu. Jesuíno foi alcançá-lo após percorrer 50 léguas, arrastando-o à presença do vigário para que se casasse com a ofendida. Os furtos, Jesuíno reparava obrigando à restituição. Durante a seca de 1877-79, quando seu bando realizou vários assaltos a comboios das comissões de socorros, Jesuíno sempre teve a preocupação de se justificar denunciando a corrupção dos comissários do governo, inclusive através de cartas dirigidas às autoridades da capital.

Terminada a seca, cessa a prática redistributiva do cangaceiro. A rearticulação das forças policiais e a perseguição das forças policiais e a perseguição generalizada aos bandos de cangaceiros, especialmente no Cariri, também atinge os Brilhantes. Mas não se sabe ao certo como Jesuíno morreu. Supõe-se que assassinado pela polícia paraibana, após ter sido traído (DÓRIA, 1981, p. 37-40).

Antônio Silvino, “o Governador do Sertão”:

Manuel Batista de Moraes, um dos cangaceiros mais violentos que existiram. Precursor, pela violência, de Lampião. A vida de cangaceiro de Antônio Silvino começou após o assassinato de seu pai, em 1897. Muito longe, muito longe a cidadela de Canudos sofria o último e derradeiro assalto. O padre Cícero, “exilado” em Salgueiro, Pernambuco, é ameaçado de prisão pelo governador de Pernambuco, sob suspeição de aderir aos rebeldes de Antonio Conselheiro.

Um Nordeste em convulsão.

A “carreira” do cangaceiro Silvino terminará em 1914, quando gravemente ferido, depois do encontro com a polícia de Pernambuco, render-se-á.

Portanto, seu período de atuação cobriu dezessete anos, de 1897 a 1914, com razias nos estados da Paraíba e de Pernambuco. Também atuou no Ceará e no Rio Grande do Norte. A imprensa dos dois primeiros estados – PB e PE – cobriu com grande alarde as façanhas de Antônio Silvino, o que tornou o cangaceiro um vulto popular, a despeito dos crimes hediondos que cometia. Durante o período de atuação de Antônio Silvino, como “terrorista de clã”, os fazendeiros do Vale do Cariri, no Ceará, alarmaram-se. Procuram o padre Cícero em busca de sua liderança para coordenar um pacto dos latifundiários contra o cangaço na região. Em Pernambuco e na Paraíba os governos intensificam a perseguição ao “terrorista”. Uma força integrada por um batalhão do Exército, militares da polícia de Pernambuco e da Paraíba e alguns civis armados, num total de quatrocentos homens, acutila o bando de Silvino que então contava, no máximo, doze homens. O bandoleiro, consciente de seu poder e de sua força, condena a presença do Exército na sua perseguição, dirigindo um telegrama ao governador de Pernambuco nos seguintes termos: “Peço a V. Ex. retirar força federal interior estado. Prometo nada mais fazer. Minha palavra é como um tiro”.

Por cerca de quinze anos é o “governador do sertão”. Dita ordens e zomba da polícia de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Com cinco a seis “cabras” ataca fazendas, cidades, postos de comando, agências dos Correios e Telégrafo e as obras da ferrovia Great Western.

O fim de atuação do cangaceiro Antônio Silvino só ocorre no final do ano de 1914, quando uma “volante” conseguiu saber onde se encontrava o bandido, apertando um “coiteiro” que o traiu. No encontro com a força policial, Silvino foi gravemente ferido. Rendeu-se. Recolhido ao presídio, no Recife, ali permaneceu por 25 anos, até 1939, quando foi anistiado, por ato do governo Vargas. Tinha 64 anos de idade, pois nascera em 1875, no interior de Pernambuco. Morre pouco depois de anistiado, em 1942 (FREIXINHO, 2003, p. 93-94).

Fez-se, aqui, rápida menção à história de Antônio Silvino, pois sua vida e trajetória como cangaceiro é considerada quase como uma lenda folclórica, que mistura a violência cometida contra seus inimigos com a piedade e distribuição de dinheiro aos mais necessitados, chegando até a campanhas políticas, participando de diversas, nas quais teria pedido votos para os candidatos da oposição. Logo depois da vasta bibliografia destinada a Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião), a sua

história é uma das mais citadas e comentadas pelos pesquisadores, pois é tido como um verdadeiro Robin Hood dos sertões brasileiros.

### Sinhô Pereira e Luiz Padre:

Sebastião Pereira da Silva, nome de batismo. Também nascera no interior de Pernambuco, em Serra Talhada, em 1896.

A adesão do jovem Sinhô Pereira ao cangaço, como aconteceu a Antônio Silvino, dá-se, também, para vingar a morte de familiares, na luta entre clãs, no sertão – os Pereiras em disputa com os Carvalho. O assassinato brutal de seu tio, padre Pereira, e de seu irmão, Né Pereira, exigiam vingança. Sebastião Pereira, praticamente na adolescência, torna-se cangaceiro para “levar justiça a um povo que só conhecia a lei da força”. Em 1916, com pequeno bando, ei-lo em plena atividade de cangaceiro, dizimando vidas e propriedades dos Carvalho, cometendo crimes hediondos em Serra Talhada e cercanias. O primo, Luís Padre, assim apelidado por ter frequentado seminário, integra o bando. Para livrar-se da atroz perseguição que lhe moviam as “volantes” de Pernambuco, “navega” para o Ceará. Busca proteção do major José Inácio de Souza, no Cariri, em Barro, onde estabelece a “base de operação” para prosseguir na razia terrorista.

Mas o ambiente, no vale do Cariri, era-lhe adverso em face do pacto firmado pelos “coronéis” contra a presença de cangaceiros no Ceará. Sofre pressão para retirar-se.

[...] Por volta de 1922, Sinhô Pereira dava adeus à carreira de chefe de bandoleiros. Sucedia-o Virgulino Ferreira da Silva.

Sinhô Pereira, então, com 25 anos de idade e uma existência crivada de cicatrizes. As longas noites passadas ao relento, na friagem do sertão, fizeram-no reumático. Desertava de sua terra e refugiava-se em Minas Gerais, em Lagoa Grande, nas cercanias de Patos de Minas. Sob proteção política do coronel Farnesi, irmão do presidente Olegário. Abre uma farmácia, para viver. Sinhô Pereira não existe mais. Muda de nome. Agora é o farmacêutico “seu” Francisco Araújo (FREIXINHO, 2003, p. 94-97).

### Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1897-1938):

Conhecido classicamente como “rei do cangaço”. Sua forma de atuação no movimento foi diferente da de Jesuíno Brilhante ou de Antônio Silvino. O cangaço de Lampião, que durou cerca de vinte anos de muita luta, foi marcado por um novo signo e uma violência assustadora, vivenciada por aqueles que tiveram a sina de cruzar o seu caminho. Por outro lado, ficou evidenciada, desde o início, a sua bravura e cordialidade frente aqueles que conseguiam o empenho da sua palavra; como bem diz o escritor Frederico Pernambucano de Mello, sua palavra empenhada era de ferro, ou melhor, de ouro, pois o ferro enferruja e depois quebra.

O ponto de partida da adesão de Lampião ao cangaço é da mesma natureza da que motivou a vida, na senda do crime, dos cangaceiros Jesuíno Brilhante, Antônio Saraiva (*sic*), Sinhô Pereira. A defesa da

honra, pela vingança e justiça pelas próprias mãos, ante o assassinato de seu pai, por questões de posse de terra. Um enredo longo e complexo, iniciado em 1917, envolvendo inclusive a participação da polícia de Pernambuco e de Alagoas. A série de crimes hediondos estigmatizara, então, Virgulino Ferreira e seus irmãos, Antônio e Livino.

A partitura é a mesma da história dos cangaceiros que o precederam. O que muda são os figurantes e o enredo das “navegações” pelos sertões nordestinos, com incursões em cidades no litoral (FREIXINHO, 2003, p. 98).

Na sua formação religiosa, sua vivência em grupo e na influência religiosa sobre o grupo, esta dissertação tem seu foco. A partir do segundo capítulo, busca-se um maior entendimento sobre a sua formação moral e religiosa, o que trará mais informações acerca da sua pessoa, suas qualidades e também suas características como malfeitor e bandido. No capítulo seguinte são abordados o seu relacionamento com o resto do bando e sua relação com a sociedade de forma geral e abrangente.

Depois de muita leitura das mais variadas fontes e nas obras dos mais diversificados autores, pode-se perceber que o sertanejo simples ficava dividido: sofria e temia o castigo a ser aplicado pelos cangaceiros e pelas forças volantes (polícia), e sabia que o castigo a ser aplicado pelos soldados era, muitas vezes, mais cruel e humilhante que o aplicado pelos bandidos.

Como homem pacato e inocente era obrigado a conviver com todo aquele terror perpetrado pela violência oriunda, por um lado, do meio social provocado pelos desmandos dos coronéis e dos seus jagunços, e dos cangaceiros, em uma terceira instância; por outro, a institucional provocada pelos tenentes, coronéis e soldados de polícia. Era impelido, em certas circunstâncias, a lutar com armas, para defender a si mesmo e à honra de sua família. Nestes grupos de pessoas que procuram defender-se, surgiram homens que se destacavam pela valentia e coragem de lutar, o que gerava um reconhecimento por parte de todos os envolvidos; eram, então, conhecidos como “homens de coragem”. Percebendo isto, Rodrigues de Carvalho faz uma relação sobre estes homens de muita coragem.

Assim temos homens do valor de um Manoel Neto, de um Clementino Furtado, o Honesto e destemido Sargento Quelé, Arlindo Rocha, os Irmãos Flor, Manoel, Odilon, Afonso, Euclides, Davi e Outros. Posteriormente Zé Rufino, Luiz Mariano e mais alguns que nunca pouparam esforços ao sentido de riscá-lo (Lampião) do mundo dos vivos (1976, p. 18).

Percebe-se que cada pesquisador busca dar sua contribuição para a historiografia a partir do enfoque que chama mais a sua atenção, o que resulta nos mais variados casos. Em alguns inclusive não existe imparcialidade nas

interpretações. Em seu livro *Como dei cabo de Lampião*, o Tenente Bezerra trata o cangaceiro como um verdadeiro monstro e atribui a si mesmo o papel de salvador do povo sertanejo/nordestino brasileiro, por ter conseguido matar o famigerado bandoleiro. Ressalte-se que, em nenhum momento ele cita, na obra referida, os outros grupos de volantes que lutavam contra Lampião, como os Nazarenos (tidos como os piores perseguidores de Lampião, segundo Frederico Pernambucano de Melo). Nas versões que apresentam, os estudiosos procuram elucidar situações e termos.

O que é ser um cangaceiro? É, antes de tudo, não ter medo da morte, nem de viver intensamente todos os perigos e provações possíveis para um ser humano, não ter medo da solidão, nem da dor física; ser cangaceiro é ter uma determinação em sua personalidade, que só quem o foi sabe explicar. Cita-se, aqui, o caso de Luiz Pedro (homem de confiança de Lampião) que, segundo consta, na noite do dia 28 de julho de 1938 (dia do assassinato de Lampião e de outros dez companheiros, incluindo sua companheira), já tinha varado o cerco da volante do Tenente Bezerra, quando Maria Bonita lhe lembrou de uma promessa que fizera a Lampião, 11 anos antes, por ocasião da morte do seu irmão. Então, ele teria voltado para o campo de luta e falado para os seus companheiros: “um pernambucano morre, mas não quebra a palavra”. Estas teriam sido as suas últimas palavras antes de encontrar-se com a morte<sup>10</sup>.

Como justificar uma atitude desta, caso ela seja verdadeira? Uma promessa, como forma de dívida pessoal, vale mais do que a sua própria vida? São situações que as palavras, por mais bonitas que sejam, nunca conseguirão traduzir o que pensa um homem dotado de características guerreiras.

Então, ser cangaceiro pode ser um meio de vida, pode ser uma forma de vingança, uma forma de uma revolta social contra a exploração do rico sobre o pobre; ser cangaceiro pode ser tudo, mas, é, antes de tudo, ter coragem para encarar a vida crua e selvagem, sempre de cabeça erguida apesar de tudo e contra todas as adversidades.

Como uma última definição acerca do que foi o cangaço pode-se ainda afirmar que foi um fenômeno de homens armados que faziam do roubo, da vingança, da extorsão e de outros delitos, seu meio de vida. Pode-se afirmar que o

---

<sup>10</sup> Segundo o cangaceiro Balão, a intenção real de Luiz Pedro era pegar todo o ouro e dinheiro que Lampião carregava consigo. A seu ver, esta versão dele ter voltado para morrer junto com Lampião é uma grande mentira (ARAÚJO, 1982. p. 50).

cangaço conhecido e desenvolvido nos moldes lampiônicos já não existe mais; porém, segundo Paulo Moura:

E surgem Lampiões, vão-se Lampiões, o mundo continua com seus vários bandidos, uns de armas em punho, outros de gravata, alguns de farda, extorquindo cidadãos e fabricando novos bandidos. No mundo atual, onde Lampião é apenas uma lembrança menos terrível, a banda podre da polícia e a banda corrupta da política continuam a nos roubar o direito de ser cidadãos e de poder viver num mundo onde a justiça faça valer o seu nome (2008, p. 45).

E continua a afirmativa de que os estudos referentes ao cangaço não podem parar e nem ficar condicionados apenas à figura lendária de Virgulino Ferreira, o Lampião. Novas e inúmeras vertentes precisam ser exploradas, suscitando outras dúvidas e inúmeras necessidades de reinterpretar o fenômeno do banditismo nordestino.

## 2 A FORMAÇÃO RELIGIOSA DE VIRGULINO FERREIRA DA SILVA

*Eu só tenho fé em Deus e no meu fuzil.  
Lampião. In: FONTE, 2001, p. 36.*

Como poderia uma pessoa, que todos sabiam ser rancoroso e extremamente vingativo desenvolver outro lado da sua personalidade, demonstrar respeito pelos símbolos religiosos, pelos padres e ter a crença em Deus e em forças transcendentais? A busca de algumas respostas para perguntas deste tipo conduziu à escrita deste capítulo.

A figura de Virgulino Ferreira da Silva é um enigma historiográfico, por causa das suas qualidades como sertanejo e homem de luta e também devido ao aguçado fascínio que exerce na mente e na curiosidade de todos aqueles que já ouviram falar sobre ele. Hoje, discorrer sobre Lampião, “o rei do cangaço”, é o mesmo que falar em tempos de muitas lutas, mortes e violência, e também de um tempo que jamais voltará. Tempo em que a palavra e a determinação de um homem moviam toda uma sociedade, toda uma região.

Indiscutivelmente o nome de Virgulino Ferreira da Silva não morreu; inclusive, permanece a sensação de que não morrerá, pois é vivo na memória do povo nordestino. Seu nome é sinônimo de valentia, de homem que não se curva debaixo dos desmandos de autoridades e nem de coronéis. Ainda hoje são escutadas frases pronunciadas até por pessoas que nunca se debruçaram sobre o fenômeno do cangaço e, portanto, não têm conhecimento sistemático sobre ele. Tais assertivas, enunciadas como verdades indiscutíveis, são do tipo “se Lampião te pegasse”, ou, “no tempo de Lampião não tinha essa safadeza”.

Analisando a pessoa, o homem sertanejo, o simples vivente da caatinga que foi Virgulino Ferreira da Silva, pode-se perceber que sua formação social, assim como a sua formação espiritual e religiosa era igual a da maioria de todos os que viviam na mesma região. Sabendo disto, o autor tentará pelo menos fazer uma reflexão utilizando algumas das ciências auxiliares das ciências da religião, como a sociologia e a história, sobre os motivos geradores dos seus desagrvos sociais e de que forma esses motivos desencadearam toda sua trajetória, cuja culminância foi o título de “rei do cangaço”; sendo considerado o maior de todos os cangaceiros, o mais terrível e destemido homem do Nordeste brasileiro. Procura-se, então, entender como a religiosidade ajudou na construção da sua realidade e na sua

“visão de mundo”. Tal busca será completada na sequência desta dissertação em capítulos nos quais será analisada, de forma sistemática, a influência da religião católica, designada “tradicional” no conjunto social daquela região brasileira.

Logo depois do seu nascimento, conforme os costumes cristãos daqueles tempos, Virgulino foi batizado na pia de uma igreja católica. Também recebeu, durante a adolescência, outros sacramentos, como a primeira comunhão e a crisma. É atribuída à figura da sua mãe os cuidados de ensinar as orações e o catecismo aos seus filhos; ela foi a mentora da formação intelectual e religiosa de Virgulino Ferreira da Silva. Aparentemente Virgulino teve uma infância igual a dos outros meninos de sua idade naquela região, podendo brincar nos momentos de folga, uma vez que ajudava seu pai, juntamente com os outros irmãos, nas obrigações e cuidados com os animais, como, por exemplo, juntar o gado e colocar-lhe comida e água, e ainda ajudar no pastoreio de algumas rezes que sua família possuía. Assim que foi ficando mais velho, já adolescente, começou a fazer viagens com o seu pai, na função de almocreve (carregava produtos de uma cidade para outra), o que o ajudou a conhecer outras áreas do sertão brasileiro.

Até a adolescência, juntamente com os seus irmãos, Virgulino teve infância e adolescência normais se comparada a de outras pessoas que partilhavam o mesmo jeito de sobreviver e possuíam condições sociais e financeiras semelhantes a outros moradores do sertão nordestino. Porém, é atribuído à figura de um seu vizinho, José Saturnino de Barros, conhecido como Zé Saturnino das pedreiras, o início de toda uma longa história de conflitos e perseguições contra a família dos Ferreiras – a família de Lampião. Depois de alguns agravos sofridos pelos Ferreiras, houve uma discussão devida ao amasso dos chocalhos das suas rezes<sup>11</sup>. Em seguida, o clima entre os vizinhos ficou insustentável, a ponto de depois dos primeiros desentendimentos terem acontecido trocas de tiros entre as partes. Isso, no decorrer da história, foi apontado como o início de tudo. Além do mais, a perseguição pessoal depois foi agravada devido a interferência da polícia no conflito, a partir de uma posição favorável à família de Zé Saturnino<sup>12</sup>.

A família Ferreira teve que abandonar e, logo em seguida, vender sua propriedade por um preço bem abaixo do valor de mercado para tentar recomeçar a

---

<sup>11</sup> O ato de amassar os chocalhos dificultava a localização dos animais soltos, pois a falta do barulho tornava mais difícil identificá-los.

<sup>12</sup> No livro *Quem foi Lampião* (1993), o escritor e pesquisador Frederico Pernambucano de Mello, no quarto capítulo (*Um reino na gangorra*), traça um panorama dos primeiros conflitos e de como Lampião entrou no cangaço e sobreviveu durante longos anos de correrias, terminando com o seu assassinato em 1938; nele, o leitor poderá ter uma noção de sua trajetória no cangaço.

vida em outro local. A decisão, todavia, não surtiu o efeito esperado. Novamente vieram Virgulino e sua família a passar por privações e destemidas perseguições por causa da influência política de Zé Saturnino. A partir de tais desajustes circunstanciais, Virgulino e seus irmãos começaram a ver o seu mundo e suas chances de terem uma vida normal e pacata irem desmoronando lentamente. O primeiro golpe foi a morte brutal e covarde de seu pai, assassinado por um militar alagoano, o chefe de volante Zé Lucena. Logo em seguida a morte de sua mãe, que não resistiu ao impacto da morte trágica do marido. Esses acontecimentos são os geradores da entrada definitiva dos irmãos Ferreira no cangaço, o que trouxe a ruína para as suas vidas e de sua família.

Naquelas circunstâncias, nasceu o facínora<sup>13</sup> – Lampião – que iria marcar a história de seus conterrâneos e daqueles que não esqueceriam o seu nome.

Depois que começou a ficar conhecido em todo o Nordeste brasileiro, devido aos acontecimentos que o empurraram para aquela sina, Virgulino tornou-se um homem emblemático, um cangaceiro temido e respeitado. Foi considerado “rei” do cangaço devido a sua forma de atuação.

Pode-se perceber é que quando a figura do “rei do cangaço” começou a ser construída, por volta da década de 20 do século passado, o interesse das pessoas e da mídia da época (jornais e revistas), foi por tentar entender um pouco mais sobre aquela figura que começava a despertar, na qual o povo sertanejo já percebia um novo tipo de cangaceiro, diferente dos que já existiram naquelas redondezas.

Ao longo do tempo a sua imagem foi bastante modificada. Era construída e reconstruída de acordo com o desejo e o lugar social de quem procurava descrever a figura daquele homem que se notabilizou como o maior de todos os cangaceiros já vistos no sertão brasileiro.

Em inúmeras vezes era tido como a própria figura do capeta, do “coisa ruim” que teria sido solto, propositalmente, naquelas paragens com o intuito de atormentar a vida do povo sertanejo que, além de já ser bastante sofrida, era esquecida pelos poderosos da época. À medida que passava o tempo e se aproximava o fim do seu reinado naquelas paragens, sua imagem foi sendo sensivelmente conduzida para

---

<sup>13</sup> O termo facínora foi tomado emprestado do escritor Moacir Assunção. Na obra *Os homens que mataram o facínora*, ele faz uma abordagem acerca das circunstâncias que levaram Virgulino à entrada no movimento e destaca que durante pouco mais de vinte anos, o rei do cangaço não conseguiu matar seus maiores inimigos, como Zé Saturnino, Manoel Neto, José Lucena, José Rufino, Davi Jurubeba etc.

um abrandamento de sua perversa figura de torturador e de frio assassino de homens simples e de soldados que, contra ele e seu bando, tentavam exterminá-los.

Porém, sua trajetória de vida está cheia de fatos e fenômenos que são narrados como uma possível tentativa de mistificação, para caracterizá-la como diferente das dos demais cangaceiros. Era o mesmo processo pelo qual a historiografia mundial conta as façanhas de alguns reis e rainhas que, de alguma forma, marcaram a história da humanidade com grandes feitos e obras, e os torna “inesquecíveis” para a posterioridade. Assim é a história de Lampião, cheia de batalhas, de superstições, de narrativas que o transformaram em símbolo de coragem e força, de luta contra todas as adversidades.

Conta a escritora Aglae de Lima, no livro *Lampião, cangaço e Nordeste*, que Virgulino já estava com o futuro traçado por forças sobrenaturais, que nasceu para ser “rei”, que seria diferente dos demais sertanejos... Ela faz uma narrativa mística sobre o destino de Lampião:

Numa dessas viagens à feira, ocorreu um fato simples em si, mas que lhe causou forte impressão. Encontrava-se no meio da estrada de Triunfo. Avistou, envolto na poeira, um grupo de ciganos. Um deles, de porte avantajado, alvo e louro, propôs imediatamente uma troca de seu cavalo. De súbito, o cigano olhou para a mão de Virgulino, bastante curioso, as linhas traçadas na mão esquerda do futuro cangaceiro e disse:

– Vejo granjão muito rico, em caminhadas sem fim, vida arriscada, com muitos inimigos.

Os ciganos se foram e com eles um marco de tristeza assinalou seus rastros. Virgulino, como todo sertanejo, acreditava em credices. Prosseguiu a viagem visivelmente preocupado. Tornou-se famoso nas vaquejadas. Pegava e encaretava o boi, até no escuro (OLIVEIRA, 1970, p. 22).

Interessante e um tanto fantasioso, no relato narrado pela autora supracitada, não foi citada a fonte e tampouco de que forma ela conseguiu ter aquele conhecimento. Porém, fatos como o descrito acima são bastante comuns na literatura sobre o cangaço, o que reforça a fama de predestinado de Virgulino, que “deveria ser” o *rei do cangaço*. Tal título lhe foi atribuído devido às suas inúmeras qualidades como estrategista e líder de bando de cangaceiros, acrescidas do prestígio que suas lutas jogavam ao vento para serem espalhados pelos quatro cantos do Nordeste.

A figura de Virgulino Ferreira da Silva, já bastante analisada e explorada pela historiografia brasileira e pela mídia cinematográfica, ainda gera inúmeras dúvidas e suscita variados comentários acerca de sua personalidade. Sabedor disso e

contribuindo tanto para que ele seja conhecido como pessoa e como homem social, quanto para a difusão de todas as suas possíveis qualidades positivas, o escritor Frederico Pernambucano de Mello, traz uma definição que contribui para que se tenha uma noção de sua personalidade. As qualidades positivas que tinha eram reconhecidas até mesmo pelos seus maiores perseguidores. Veja-se o que diz o referido pesquisador:

Homem dotado de inteligência superior, Lampião foi. Personalidade capaz de viver algumas virtudes no plano moral, também. Sua palavra empenhada é bom exemplo. Era de ferro. Ou de ouro, que ferro enferruja e parte. Que tivesse um profundo amor pela família e de modo particular pelos irmãos, não duvidamos, mesmo sabendo que os levou à morte um após outro, Livino, Antônio e Ezequiel, pela ordem (MELLO, 2005, p. 317).

Para esse homem imponente, de fala serena, gestos contidos, fisionomia calma e dominadora, docemente paternal para com os seus, mais do sorriso que do riso, moderado no fumo e na bebida, anfitrião irrepreensível, afilhado de Nossa Senhora da Conceição e devoto de São Expedito, a vida humana não valia nada, tanto fazendo matar um homem como mil, segundo suas palavras (Depoimento do ex-cangaceiro Volta Seca a Bruno Gomes, publicado em várias edições do Diário de Notícias, de Salvador, nos meses de abril e maio de 1959. *Apud* MELLO, 1993, p. 94).

Com tantas descrições sobre a sua personalidade, veja-se o que a já citada escritora Aglae Lima de Oliveira, oferece como complemento sobre a sua qualidade enquanto pessoa:

Tinha personalidade por demais complexa e encarnava vários misteres e comportamentos. Era parteiro, médico clínico, cirurgião, dentista, farmacêutico, adivinho, poeta, repentista, vaqueiro, artesão, guerrilheiro; corria, ocultava-se, recuava, avançava; traidor, sincero, covarde, corajoso; perdoava, respeitava, desonrava, além de ser superdotado de inteligência (1970, p. 60).

Dando sequência a esta lista de qualidades, sobre elas assim se expressou o pesquisador Oleone Coelho Fonte.

Perceptivo, cauteloso, observador, inteligentíssimo, detalhista, ladino, estrategista de gênio, artificioso, enérgico, líder incontestado, improvisador singular, carismático... Todas estas qualidades Virgulino possuía profusamente. Foram estes atributos que lhe asseguravam sobreviver a um cerco permanente que teve a longa duração de 22 anos, de 1916 a 1938 (2001, p. 183).

Percebe-se que suas “qualidades” foram inúmeras, e elas eram reconhecidas até mesmo pelos seus perseguidores, o que lhes servia como certeza de que enfrentar o cangaceiro Lampião, juntamente com o seu bando, não era coisa fácil; ao contrário, era tarefa que demandava muita cautela. Justamente a falta do

reconhecimento de todas as suas qualidades, sobretudo enquanto líder e estrategista, fez com que inúmeros membros de tropas volantes perdessem suas vidas em diversos combates. Sobre esses combates, os livros estão cheios de histórias de comandantes e de soldados que perderam suas vidas, alguns até de forma inocente, por pura falta de cautela ou por negligência ao subestimar tanto o poder de comando daquele líder, quanto a capacidade de reação dos cangaceiros.

Para os sertanejos, Lampião foi uma “potência”. Os livretos descrevem suas vitórias contra a polícia e até contra o próprio Satanás, com excessos de sopapos e facadas. Como eles não compreendem o fenômeno do cangaço é natural que inventem razões para tanta força e poder. Os feitos de Lampião afetam mesmo os intelectuais, que criam uma espécie de super-homem nordestino. Nertan Macedo diz que ele “se movia como aranha, voava como um morcego, pulava como um cabrito” (1972, p. 24).

Ranulfo Prata<sup>14</sup> o vê demoníaco:

Mãos ferozes, convulsivas, astuciosas, brutais e ávidas. Parecem sempre febris, frementes, animadas de estranha vida como se cada músculo e cada nervo estivessem a receber continuamente a excitação de uma agulha elétrica. Mãos que possuem hábitos horrendos, paixões furiosas. Se se elevam no ar, traçam gestos de punhaladas, de estrangulamento de gorjas (1980, p. 26).

Porém, quando se faz a análise do fenômeno religioso em sua vida, e da influência da formação religiosa que recebeu ainda quando criança – e que não foi esquecida por ele quando adulto – pode-se perceber na vida que levava, pontuada por grandes caminhadas (estima-se que, em certas ocasiões, ele, juntamente com seu grupo, poderia percorrer, em um único dia, cerca de 40 km) acompanhadas por inúmeros perigos, que ele sofria e vivia, em cada minuto de sua existência, a formação religiosa que adquirira ainda na infância. E ela não diminuiu; pelo contrário, aumentou cada vez mais, sempre que ele conseguia realizar feitos extraordinários em suas batalhas.

A estas alturas, o autor delimita o conceito de religiosidade com o qual trabalha nesta pesquisa. Segundo Luiz Carlos Susin<sup>15</sup>, “a religiosidade popular é o

---

<sup>14</sup> É necessária certa atenção com a obra escrita por Ranulfo Prata, pois ainda que contemporâneo de Lampião, nunca esteve pessoalmente com ele. Então, o que ele escreve é baseado em depoimentos de terceiros.

<sup>15</sup> Luiz Carlos Susin é doutor pela Universidade Gregoriana, de Roma. É membro da direção da revista CONCILIUM, publicação internacional de teologia, traduzida em sete línguas. Atualmente também é professor de teologia na PUCRS.

que está presente no cotidiano do povo. Trata-se de expressões, atitudes e gestos que expressam uma relação pessoal com Deus”<sup>16</sup>.

Complementando a definição supracitada, percebe-se que ela pode ser ampliada com a crença em forças sobrenaturais, como a crença nos santos católicos e com o respeito pelos símbolos religiosos do catolicismo popular brasileiro. Também pela crença em imagens, fitas, medalhas, rosários, bentinhos, patuás, e benzeções, assim como nos “avisos” recebidos em alguns momentos, no medo do desconhecido, de “almas penadas”, em um misto de respeito, piedade e medo; completa o conjunto a crença em rituais que garantiam proteção contra doenças, animais peçonhentos, mau-olhado, quebranto, e feitiço. Enfim, a religiosidade manifestava-se para os cangaceiros das mais variadas formas e crenças<sup>17</sup>.

Tudo o que sofreu, como perseguições, noites mal dormidas, medo de ser traído e ser pego pela polícia, além de inúmeras angústias que faziam parte de sua existência, transformaram Lampião em um homem dominado por forças estranhas. Aparentemente tinha certos tipos de pressentimentos. E aqueles pressentimentos chamavam a atenção de todos do grupo que conviviam com ele. Existem relatos de ex-cangaceiros que narram tais episódios. Às vezes, do nada, mandava o grupo pegar as coisas e sair daquele local o mais rápido possível; logo em seguida o grupo tinha a certeza de que o seu pressentimento estava certo. Lampião também seguia e procurava decifrar os seus sonhos. Não há notícia de que Lampião desse valor maior a sonhos, ao contrário do que se dava com Antonio Silvino, verdadeiramente escravizado por seu onirismo, de exacerbação devida talvez ao amor que devotava ao jogo do bicho.

Toda aquela mística o envolvia e envolvia a todos os que partilhavam a sua companhia, o que lhe trazia uma aura de respeito e confiança, pois muitos acreditavam que ele possuía o chamado “corpo fechado” contra as investidas dos inimigos.

Relata o pesquisador Cicinato Ferreira Neto, que Lampião e seus comandados tinham uma religiosidade específica. Respeitavam alguns preceitos da religião cristã, mas adotavam um modo peculiar de culto e adoração. Assistiam, às vezes, as celebrações nas capelas e igrejas, respeitavam os sacerdotes, mas

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514195--a-religiosidade-popular-na-vida-do-povo-e-da-igreja-entrevista-com-o-frei-luiz-carlos-susin->> Acesso em 02/11/2013.

<sup>17</sup> Esse conceito serve tanto para o cangaceiro Lampião quanto para o povo nordestino (neste grupo inclusos os demais cangaceiros) uma vez que o meio em que eles surgiam era o mesmo do resto da população daquela região. Para uma melhor definição sobre religiosidade popular, ver a obra História da Igreja no Brasil (1980), em seu capítulo IV.

afastavam-se da ortodoxia, desconsiderando, por exemplo, as admoestações da doutrina no que concerne ao abandono da violência e da vida de saques. Lampião chegava a jejuar e ordenava que os cangaceiros não brigassem no período da Semana Santa. Em várias oportunidades, juntava o seu grupo e rezava. Segundo testemunhos, Virgulino respeitava toda cidade que a padroeira fosse Nossa Senhora da Conceição. Da mesma forma poupou indivíduos em cujas casas encontrou retratos do padre Cícero, por quem dizia ter grande adoração (2010, p. 150).

Essas suas características têm conduzido muitos pesquisadores interessados em aprofundar o conhecimento tanto sobre a temática quanto acerca da figura enigmática de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. No mundo do cangaço, tanto os cangaceiros quanto os soldados e combatentes das forças volantes possuíam a mesma formação religiosa do resto da população sertaneja. Era o catolicismo tradicional<sup>18</sup> que dominava as mentes e a vida religiosa de todo aquele povo.

Pode parecer absurdo, mas Lampião, como quase todo sertanejo nordestino, era um místico. Não só acreditava em Deus, como também nos santos e em reza forte. Tinha por hábito, sempre que podia, ao meio-dia, com o sol a pino, afastar-se um pouco para o canto e, de joelhos em terra, bater com a mão ossuda no peito magro e rezar pelas almas dos mortos. Não apenas almas dos que foram amigos, mas também dos defuntos de “sua fabricação” (CARVALHO, 1976, p. 18).

Afirma o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello, que Lampião levava consigo, em saquinhos encardidos atados ao pescoço, inseparáveis, salvo nos momentos da prática de atos sexuais, ao menos oito orações protetoras diferentes, impressas ou manuscritas: a de Nosso Senhor Jesus Cristo, a da Virgem das Virgens, a da Beata Catarina, a de Santo Agostinho, a do Salvador do Mundo, a da Pedra Cristalina, a do Santo Lenho e a das Treze Palavras Ditas e Retomadas, das quais as mais antigas remontam ao ano de 1916 (MELLO, 2010, p. 52).

Veja-se algumas dessas orações:

Oração da Pedra Cristalina:<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Sobre esta questão entre o catolicismo chamado de tradicional e o renovado, explica Azzi (1978, p. 09) que existe uma diferença significativa entre ambas. O catolicismo tradicional apresenta as seguintes características: é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. Já o catolicismo renovado é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental.

<sup>19</sup> Em *Lampião, Cangaço e Nordeste*, a escritora Aglae Lima de Oliveira faz um esclarecimento sobre a Oração da Pedra Cristalina. Segundo ela, provavelmente, esta oração de sabor cangaceiro, tem inspiração e relação com as tradições célticas medievais (séc. VI) do ciclo bretão do Rei Artur (personagem lendário do País de Gales) ou com o ciclo da Távola Redonda, de tantos poemas e romances. Pedra Cristalina seria um fragmento do sagrado cálice ou vaso de esmeralda em que

Minha pedra cristalina que no mar foste achada entre o cálice e a hóstia consagrada, trema a terra mas não trema nosso Senhor Jesus Cristo no altar assim trema o coração dos meus inimigos quando olharem para mim eu te benzo em cruz e não tu a mim entre o sol e a lua e as estrelas as três pessoas distintas da Santíssima Trindade. Meu Deus, na travessia avistei meus inimigos, meu Deus o que faço com eles Com o manto da Virgem Maria sou coberto e com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo sou valido. Tens vontade de atirar, porém não atiras, se em mim atirar água pelo cano da espingarda correrá, se estiver com vontade de me furar, a faca da mão cairá, se me amarrar, os nós desatarão e si me trancar, as portas se abrirão.

Oferecimento:

Salvo fui, salvo sou e salvo serei. Com a chave do sacrário eu me fecho

1 PN 3 Am e 3 Gloria ao Pai. Ofereço às cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

#### Oração do Salvador do Mundo:

Amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus que do seio do eterno pai Onipotente fostes mandado ao mundo para absorver pecados, remir aflitos, soltar encarcerados, compadecei-vos dos verdadeiramente arrependidos, consolar os oprimidos e atribulados, dignai-vos de observar e livrar a mim, criatura vossa da aflição e tribulação em que me vejo porque vos recebestes de Deus Padre todo Poderoso o gênero humano para o comprardes, feito o homem prodigiosamente nos comprastes, o Paraíso, com o vosso precioso sangue, estabelecendo uma perfeita paz entre nos e os homens, Assim pois dignai-vos... uma perfeita concórdia entre mim e meus inimigos como praticastes com Saul tirando-lhe toda a aversão que tinha contra seu irmão Jacob. Estendei, Senhor Jesus Cristo, sobre mim a criatura vossa o vosso braço e a vossa graça e dignai-vos de livrar-me de todos os que me tirem ódio como livrastes a Abraão das mãos dos caldeus, a seu filho Isaac da consumação do sacrifício, a de José da tirania de seu irmão, a Noé do dilúvio universal, a Lot do incêndio de Sodoma, a Moisés, a Arão, vossos servos, ao povo de Israel do poder e da escravidão do Demo do Egito, de Davi das mãos de Saul, da escravidão do gigante Golias e a Zuzema do crime e testemunho falso, a Jud do soberbo impuro Holoferme, a Daniel do Lago dos Leões, aos três mancebos Acidraque e Abdenago da fornalha fogo ardente, a Jonas do ventre da baleia, a filha de Cananea da vexação do demônio, a Adão das penas do Inferno, Pedro da onda do mar, e a Paulo das prisões do cárcere.

Oh pois, amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, filho de Deus vivo, atendei-me também a mim criatura vossa e vinde com presteza em meu socorro pela vossa Encarnação e pelo frio e pelo calor pelos trabalhos e aflição em que me vejo, pelas salivas e bofetadas (pelos açoites que padeceste, pela lança que transpassou o vosso peito) pela coroa de espinhos e pelos cravos e fel que por mim bebeste (e pelas sete palavras que na cruz dissestes) e pela cruel morte que por mim padeceste que na cruz dissestes em primeiro lugar Deus padre

---

Cristo bebeu, na última ceia, o sangue que derramaria na cruz. Daí a "força" desta pedra. Como chegou isto até o sertão? Do mesmo modo que as crenças sebastianistas: através de leituras e da tradição oral.

onipotente perdoai-lhe senhor que estavam com vosso crucificado: digo-te na verdade bom ladrão que estarás comigo no Paraíso Heli, Heli, toma Sabami que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste? Depois à vossa mãe: Eis aí tua mãe, mostrando que cuidavas, disseste depois tenho sede, fome após que desde a nossa salvação e das almas santas que estavam no limbo disse Pai as Vossas mãos encomendo o meu espírito e por último exclamastes: Está tudo consumado porque estavam com vossos trabalhadores.

Rogo-vos por toda causa e pela vossa descida do limbo, pela vossa Ressurreição Gloriosa pelas frequentes consolações que destes aos vossos discípulos, pela vossa admirável Ascensão e pela vinda do Espírito Santo, pele tremendo dia do juízo, como também por todos os benefícios que tenho recebido da vossa bondade. Pelo que recomendo no dia de juízo como também recebido de vossa santa fé. Vós me fortalecesteis e prometestes de mandar tenha compaixão de mim, vós me prometestes ainda a vida eterna. Por tudo isso, meu Redentor e Senhor Jesus Cristo, humildemente vos peço que agora e sempre me defendais do maligno adversário todos os perigos para que todo o perigo para que depois da presente vida mereça gozar nas bem-aventuranças vossa Divina Presença Sim. Meu Deus e Senhor compadecei-vos de mim miserável criatura vossa todos os dias. Oh Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, compadecei-vos de mim criatura vossa, e mandai para meu socorro o vosso Santo Miguel Arcanjo que me guarde e me proteja, me ampare e me defenda dos meus inimigos, carnes e espirituais, visíveis e invisíveis.

Vós Miguel Santo Arcanjo de Deus defendei-me na última batalha para que não pereça no tremendo juízo, Arcanjo de Miguel Santo rogo-vos pelas graças que merecesteis e por nosso Senhor Jesus Cristo que me livra de todo o mal e do último perigo na hora da morte. S. Rafael, S. Miguel, S. Gabriel, e todos os santos Arcanjos de Deus socorrei esta miserável criatura. Rogo-vos humildemente que me presteis o vosso auxílio para que nenhum inimigo possa causar dano, tanto no caminho como em casa velando ou dormindo, na vida ou na morte.

Eis aqui a cruz † do Senhor, fugi a adversários inimigos Venceu o Leão da tribo da Jaula Imcedentes Davi. Aleluia.

Salva-me Salvador do Mundo Ajudai-me Vós que pelo vosso sangue e pela vossa cruz mereça. Salvai-me e defendei-me hoje em toda minha vida Thremo Agios Ischirios † Agios e Theos Agios Ischiros †.

Atanatos † Eleison, Deus Santos † Deus forte † Deus imortal † protegei-me Cruz de Cristo defendei-me † Em nome do Padre † do Filho † e do Espírito Santo †.

#### Oração das Treze Palavras Ditas e Retornadas:

Digo uma, Uma é a Casa Santa de Jerusalém onde J. C. nasceu. Duas são as duas tábuas de Moisés que nosso Senhor Jesus Cristo trouxe em seus sagrados pés Três são os 3 cravos que cravaram J. C. na cruz. Quatro são os 4 evangelistas: São João, São Matheus, São Marcos e São Lucas.

Cinco são as 5 chagas de meu Senhor J. C. Seis são os 6 filhos entos [sic] da Casa Santa de Jerusalém. Sete são os 7 salmos de N. Senhora.

Oito são os 8 corpos santos da Casa Santa de Jerusalém. Nove são os 9 coros de anjos que para o céu subiram. Dez são os 10

mandamentos de meu Senhor J. C. Onze são as 11 mil virgens que estão em companhia de meu S. J. C.

Doze são os 12 apóstolos de meu Senhor J. Cristo. Treze são os 13 reis que partem tudo e arrebetam assim como eu hei de arrebetar ou partir o coração de fulano ou fulana.

#### Oração de Nosso Senhor Jesus Cristo:

Assim como vejo a luz do dia vejo meu Senhor Jesus Cristo e a Virgem Maria tão grande onde eu neste... como andou meu Senhor Jesus Cristo... que fizessem Deus por mim ninguém contra mim corpo e sangue de meu Senhor Jesus Cristo.

#### Oração da Virgem das Virgens (prodigiosa):

Oh Santa Maria, Eterna Virgem das Virgens, mãe de misericórdia, mãe de graça, esperança de refúgio de todos os aflitos, por aquela espada de dor que atravessou a vossa puríssima alma quando o vosso unigênito Filho Jesus Cristo Nosso Senhor, padeceu o suplicio da morte na cruz e por aquele amor filial que o fez compadecer de vossa dor materna, recomendar-vos a seu discípulo S. João, herdeiro do perfeito amor que ele vos tinha, rogo-vos, Senhora, que tenhais de mim compaixão, e me deis remédio na aflição, na enfermidade, na pobreza, na consternação e em qualquer outra necessidade que eu padeça.

Oh refúgio poderoso dos miseráveis, mãe benigna de misericórdia (prontíssima libertadora) dos desgraçados filhos de Eva, ouvi os meus rogos e vede as lágrimas de minha aflição e da minha dor. Eu me vejo oprimido de infelicidades (e misérias) por causa de minhas culpas; não tenho a quem recorrer senão a vos, minha (Senhora) puríssima Virgem Maria, mãe do meu Senhor Jesus Cristo e solícita advogada do gênero humano: Rogo-vos pois, pelas misericordiosas entranhas do vosso Santíssimo Filho e pela glória que ele teve no tempo de sua aliança com a natureza humana, ao deliberar com o Padre e o Espírito Santo, de tomar a nossa carne mortal para a nossa carne mortal [sic] para a nossa salvação; pelo nosso inefável gozo, oh bem-aventurada Virgem; quando depois da Anunciação do Anjo e do vosso adorável consentimento, o Divino Verbo se cobriu da nossa mortalidade no vosso puríssimo ventre; donde passados nove meses saiu a visitar, instruir e remediar o mundo.

Pela agonia que o vosso filho mesmo teve em seu coração, quando orou a seu eterno Pai (no monte das Oliveiras), pela fiel companhia que vós lhe fizestes em todo o decurso de sua paixão e morte; pelas traições, pelos opróbrios, pelas injúrias, testemunhos falsos e bárbara sentença contra ele proferida; pelas cordas com que o prenderam, cruéis flagelos com que o açoitaram e rigorosos espinhos com que o coroaram; pelas lágrimas e suor de sangue que ele derramou, pelo silêncio e sofrimentos pelo amor (pela tristeza e agonia do seu coração) pelo sumo pejo que padeceu, vendo-se despido no calvário (aos olhos de todo o povo); pelo incompreensível tormento de sua sede sem alívio; pela ferida da lança que lhe penetrou o lado amorosíssimo, pelos grossos cravos que trespassaram as suas mãos e pés sacrossantos; pela recomendação que ele fez de sua santíssima alma a seu eterno Pai; pela benigna misericórdia que ele usou com o bom ladrão; pela honra e glória a que sua triunfante Ressurreição; pelas aparições que ele vos fez e aos Apóstolos e Discípulos, no espaço de quarenta dias; pela

gloriosa Ascensão, em que a vossa vista e dos mais fiéis, foi levado ao céu; pela graça do Espírito Santo que ele derramou nos corações dos discípulos em forma de línguas de fogo, precedido de um universal incêndio, há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Pela amorosa compaixão e fidelíssima sociedade que neste mundo lhe fizeste; pelo gozo inefável de vossa maravilhosa Assunção, quando, na presença e companhia de vosso mesmo Filho e de toda a corte celeste, foste sublimada ao Empyreo [sic] e nele cercada de glória e delicias sempiternas; por tudo, isto, Senhora, e por tudo mais que representar vos peço, minha Mãe amabilíssima, que ouçais os meus rogos e me concedais e faciliteis a súplica que agora vos faço, com toda a humildade e devoção que me é possível. E como eu creio conheço e confesso que vosso Filho sacrossanto vos atende e vos honra de tal modo que não vos nega (aqui fará menção da especial rogativa) nem deixa frustradas as vossas súplicas; espero e confio, minha adorada senhora, que experimentarei fiel, pronta e eficazmente, o desejado socorro de vossa maternal consolação, segundo a doçura do vosso Santíssimo Filho.

(E) não só para o feliz despacho daquela especial rogativa com que agora invoco o vosso nome e a poderosa virtude do vosso augusto patrocínio; mas também para que vos digneis de impetrar-me uma viva fé, uma esperança firme, uma ardente caridade, uma contrição verdadeira, uma digna e suficiente satisfação, uma diligente cautela para o futuro, um total desprezo do mundo, um intenso amor de Deus e do meu próximo, uma imitação das dores do vosso amabilíssimo Filho; ainda a mesma morte, quando devo padecei-a por seu respeito, um fiel cumprimento nos meus votos, uma constante perseverança nas boas obras, uma contínua mortificação do meu amor próprio, um verdadeiro arrependimento de todos os meus pecados no fim da minha vida; e por coroa de tudo, a pequena e gloriosa bem-aventurança na deliciosa companhia que lá também quisera ter com as almas de meus pais, de meus irmãos e de meus parentes, por todos os séculos dos séculos. Amém!

#### Oração da Beata Catarina:

Beata Senhora Catarina vós que foste filha de uma Rainha de Santidade e Espanha... E não alcançarão não tirão le [sic] e não amarrarão, as armas de teus inimigos contra ti não dispara em ti e pedra e o fuzil esta hóstia consagrada e até correrá água pela boca. Defendei-me de meus inimigos, se eu estiver dormindo acordai-me pelo amor de Deus.

Com o poder da Senhora Beata Catarina os teus inimigos os olhos terão de... Com três sanguinhos com três Padres Beatos da Casa Santa de Jerusalém, pelo sagrado nome de meu S. Jesus Cristo e o poder da Senhora Santa Catarina amparai-me.

Meu Jesus em penhor de sua mãe Maria Santíssima e a hóstia consagrada e o mistério da Cruz 5 P N 5 Ave Maria oferecer-se de... Ofereço esse... à sagrada morte Paixão de meu Senhor Jesus Cristo Em louvor de suas cinco chagas que me livrais de meus inimigos se eu estiver dormindo ou trabalhando... viajando para que não ofendam a mim (Oferta de Livino).

Pode-se perceber que, mesmo escritas de forma grosseira, atentando contra o vernáculo – ainda que aqui apresentadas com atualização ortográfica – essas

orações eram tidas como protetoras do corpo e do destino de Lampião e dos seus irmãos. Consideradas sagradas para os que andavam com cópias delas penduradas em seus pescoços, tais orações eram conhecidas como “rezas fortes”, pois se acreditava firmemente que, em contato com o corpo e lidas com certa regularidade, delas emanavam poderes sobrenaturais para os seus portadores. Assim, chegava-se inclusive a crer que tais poderes proporcionassem que os seus portadores/devotos tivessem os “corpos fechados” contra golpes de facas e facões, e tiros de revólver e espingarda. Além disso, também se acreditava que aquelas orações deixavam a pessoa invisível e livre de maus olhados, ou de outra e qualquer coisa que pudesse acabar ou atrapalhar a vida do indivíduo.

Da passagem de Virgulino para Lampião, ou melhor, na hora do nascimento da figura de Lampião como “rei do cangaço”, pode-se perceber que sua imagem como homem e cangaceiro era diferente de todos os seus antecessores: a sua imagem foi muito bem estruturada por ele próprio. Tinha certeza de que o terror que provocava nos seus desafetos ajudava a aumentar a propagação do seu nome pelo semiárido nordestino; por isso, não procurava amenizar as torturas e tampouco a forma brutal com que tratava suas vítimas. Sua ira era tão forte, que sempre que ia cometer alguma chacina, nem os animais domésticos sobreviviam: todos eram mortos brutalmente.

Ao mesmo tempo, Lampião sabia ser gentil com seus coiteiros e com alguns coronéis – falava mansinho, quase como uma criança. Não tinha limites para os gastos com sua rede de informações e sabia tirar proveito da situação; teve condições de construir perante os “meninos” do seu bando a imagem de um chefe, de um líder, ou mesmo de pai para alguns deles. Esse respeito que ele canalizava para si, vinha de pelo menos algumas de suas características. Primeiro, sua palavra que, após dita, não tinha volta. Segundo, a imagem de um homem comum, religioso e respeitador das famílias, que era uma de suas marcas. Por isso e por outras coisas mais, conseguiu ser diferente de tudo aquilo que o povo do sertão estava acostumado a presenciar.

Na construção da sua imagem de homem místico, que tinha o corpo fechado contra as investidas dos inimigos, conta-se que, em março de 1926, Lampião recebeu um de seus piores ferimentos: um tiro no pé esquerdo,<sup>20</sup> que lhe foi

---

<sup>20</sup> Sem querer entrar em aprofundamento na discussão acerca de onde foi o tiro que deixou marcas no andar do rei do cangaço: se na perna ou pé esquerdo. Aqui é aceita a informação dada por Frederico Bezerra Maciel no livro *Lampião, seu tempo e seu reinado*, Vol. VI, 1992, p. 32, que afirma ter sido no pé esquerdo.

desferido quando estava na Serra do Catolé. Naquele episódio, cujos relatos aparecem em várias obras, contam os biógrafos e a maioria dos historiadores do cangaço que Lampião sentiu que iria morrer ou que teria que se entregar, naquele momento, às forças volantes. Acreditava que era o seu fim e que tudo estava perdido.

Devido à gravidade do ferimento chegou a passar cerca de três dias sem comer e sem beber, escondido no mato, com a ferida em estado grave e até com “bichos” saindo dela e tomando conta de parte de seu corpo. Sobre o acontecimento o padre e historiador Frederico Bezerra Maciel<sup>21</sup>, narra como as chamadas rezas fortes faziam parte da vida de Lampião. Assim ele refaz o momento em que o “rei do cangaço” soube se valer do poder da fé para livrar-se daquela angustiante situação:

Compreendeu Lampião que havia chegado a sua hora. Nada poderia fazer nem sequer usar o mosquetão, de tão fraco, exaurido. Ele que todo o tempo passou pedindo a proteção de Deus e de sua madrinha, a Virgem da Conceição, ia agora, nessa emergência suprema de vida e do seu destino, mais uma vez se valer do poder da fé. Quebrou um talo de capim, segurou-o verticalmente na frente de seu rosto e rezou com toda a alma e fé a seguinte oração de envoltamento, que lhe dera um preto velho, morador de Né Sinhô:

– Com o manto de Deus me cubro, com o manto de Deus me guardo, com o manto de Deus me escondo, com o poder de Deus vencerei meus inimigos.

Avoou o talo de capim para traz, por cima do ombro direito, e encarou de frente o soldado, agora mais aproximado, os dois, ele e o soldado, se olhando, fixo um para o outro. É espantoso! O soldado olhou, fixou bem nos olhos de Lampião e não o viu!... Uma força misteriosa o cegara (MACIEL, 1979, v. II, p. 151).

Em uma narrativa como essa, mesmo que se retire o excesso da escrita e até o que pode ter sido acrescentado pelo supracitado pesquisador, pode-se imaginar até que ponto, sobretudo nos momentos difíceis, a fé fez parte da vida de Lampião. Pode-se afirmar, ainda, que relatos de momentos em que o fenômeno religioso foi evidenciado como fazendo parte da sua vida, mesmo que em espaços de tempo de curta duração, não são poucos. Até mesmo pesquisadores que são declaradamente contra a sua história, e que abertamente demonizam a figura de Lampião, fazem referência àquilo que, muitas vezes, chamam de superstição em sua vida.

Ranulfo Prata faz uma descrição bastante detalhada sobre sua aparência física e descreve com detalhes aspectos da sua vestimenta na qual são percebidos alguns artigos religiosos:

---

<sup>21</sup> Frederico Bezerra Maciel é um dos grandes biógrafos de Lampião, possui seis volumes publicados sobre a sua trajetória de vida no cangaço.

Enfeita-lhe o peito, comprido lenço de cores vivas, atado no pescoço por grande e vistoso anel, deixando ver, ao esvoaçar das pontas, medalhas do padre Cícero, breves, bentinhos e rezas que lhe fecham o corpo, resguardando-o das balas (1980, p. 29).

Em torno da figura sanguinária de Lampião despontam aspectos que apontam para incoerências gritantes: praticante de um catolicismo popular<sup>22</sup>, temente a Deus, às igrejas e até mesmo aos padres, especialmente ao padre Cícero do Juazeiro, a quem rendia obediência religiosa, tomando a bênção de joelhos ao famoso taumaturgo; enquanto viveu, cumpriu as recomendações do referido sacerdote no sentido de nunca cometer violência nas terras do Ceará (PONTES, 1973, p. 13).

Segundo Marilourdes Ferraz, a mãe de Lampião incentivava seus filhos na sua vaidade de corajosos. José Ferreira, inicialmente, preveniu os filhos no sentido de não provocarem inimizades. Entretanto, sua mulher, de personalidade dominadora, incentivava-os, talvez movida pela vaidade de tê-los corajosos; quando já estavam comprometidos com muitas desordens, o pai, modificando a orientação, passou a apoiá-los (2011, p. 175).

A ele se deve, ainda, a introdução, no cangaço, do ofício religioso coletivo, da entrada das mulheres no movimento, da organização e equipamento militares, de procedimentos táticos e estratégicos racionais, da documentação escrita dos negócios, do uso intuitivo da informação, contrainformação e guerra psicológica, bem como do sequestro a resgate, dos sangramentos sistemáticos, das castrações como procedimento vulgar, não raro jocoso (MELLO, 1993, p. 92).

Lampião rezava sempre nas horas mortas. Confirma essa informação o pesquisador Oleone Coelho Fontes: “rezava o capitão com muita frequência, sempre no horário do meio-dia. Retirava-se para local ermo, tirava o chapéu, ajoelhava-se e exigia naquele instante todo o respeito e todo o silêncio”. (2001, p. 162).

Segundo Terrin (2003), o ato de rezar adquire uma importância totalmente excepcional do ponto de vista fenomenológico porque constitui o momento de expressão do sentimento religioso: é a atualização da experiência religiosa, é a sua concretização aqui e agora numa ação, num gesto, numa palavra que coloca diretamente em contato com o divino. Desse ponto de vista, a oração é a verdade da religião e é, ao mesmo tempo, quase o “respiro” e o pulso de qualquer experiência religiosa autêntica. Não haveria experiência religiosa se ela não conduzisse também e sobretudo ao ato de rezar (p. 108).

---

<sup>22</sup> Catolicismo popular seria aquele em que as constelações devocional e/ou protetora superam as constelações sacramental e evangélica; as relações homem-sagrado tornam-se diretas; é o que se poderia chamar de catolicismo privatizado (HAUCK, 1980, p. 113).

Como já foi dito, acreditava nas “rezas fortes” e em santos protetores. Rezava para livrar-se do perigo das emboscadas e do medo do próprio diabo. Todos os cangaceiros que conviviam com ele respeitavam e acreditavam que o poder das orações era o que os protegia. Tinha medo do desconhecido, das coisas do além. Vivia perturbado com o receio de um dia bater de frente com o próprio capeta, por isso, rezava e ensinava aos “meninos” do seu grupo, energicamente e com devoção, a sempre fazerem as orações nos momentos em que tivessem oportunidade de fazê-lo.

Dotado de um “sexto sentido”, Lampião parecia ser capaz de prever o futuro, de enxergar o que estava por acontecer, de ver onde ninguém percebia coisa alguma. Assim, não raras vezes, durante o almoço ou o jantar, ele interrompia a refeição e gritava para o grupo que arrumassem as coisas rapidamente, pois a volante estava chegando. Era como se recebesse uma espécie de “aviso” do alto. E, em muitas oportunidades, mal dava tempo de o pessoal abandonar o pouso, logo a polícia chegava (SOUZA, 1997, p. 106).

Aqueles momentos carregados de um “sexto sentido” contribuíam para que crescesse a admiração dos outros cangaceiros de seu grupo: ficavam todos cheios de admiração pelo seu líder. O bando acreditava fielmente em suas palavras e dificilmente elas eram questionadas ou ao menos eram postas em dúvidas as suas advertências. Isso gerava uma grande segurança para o grupo. O próprio Lampião tinha consciência dessa sua presença, da sua força de mando.

Sua postura como homem simples e praticante de um catolicismo popular, foi herdada de sua mãe, Maria José Lopes<sup>23</sup>. Muitos dos ensinamentos que incutiu nos filhos, quando eram crianças, foram praticados em idade adulta. Ainda na sua infância e adolescência Lampião frequentava festas e novenas religiosas e, por isso, sabia o nome e a forma como pedir proteção aos santos seus escolhidos. Segundo a escritora Aglae de Lima Oliveira, era afilhado de Nossa Senhora da Conceição e devoto de São Expedito (1970, p. 226).

Como já apontado nesta pesquisa (na nota de rodapé de número 17), são diferentes as características do catolicismo tradicional – popular – e do renovado, o que também demarca diferenças nas práticas religiosas do cotidiano da população brasileira, embora, muitas vezes, elas se fundam. Assim, para o catolicismo tradicional pode-se indicar as procissões, as promessas e romarias, entre outras.

---

<sup>23</sup> Existem divergências em relação à escrita do nome dos pais de Lampião. (Cf. FERREIRA NETO, 2010, p. 26).

Entre as devoções implantadas pelo catolicismo renovado pode-se destacar a celebração do mês de maio como mês de Maria, a entronização do quadro do coração de Jesus nas casas de família e a comunhão reparadora nas primeiras sextas-feiras de cada mês (AZZI, 1978).

O escritor e conterrâneo de Lampião, Anildomá Willans de Souza (2002) faz uma rápida descrição da formação religiosa do rei do cangaço, desde sua infância até a idade adulta. Segundo ele, a prática religiosa de Lampião foi mantida mesmo quando ele se tornou cangaceiro. O bando rezava em grupo de manhã, ao meio-dia e às seis horas da tarde, o Ofício de Nossa Senhora. Muitas vezes Lampião rezava sozinho.<sup>24</sup>

Confirmando o que já foi afirmado anteriormente, veja-se o que diz o cidadão Manoel Batista de Araújo, que foi sequestrado por Lampião, no sítio Roçadinho, em Pernambuco: “um cangaceiro não pode ser mais nobre que Virgulino. Nos dias que passei ao seu lado, só vi nele ações de um grande chefe. Os horrores de que tanto se falam quem praticava eram os cabras que faziam questão de ficar no coice da tropa” (CARVALHO, 1974, p. 428). E acrescentava: “à noite, depois da ceia, quando cada um ia se acomodando como podia, Lampião se afastava para um lugar sossegado e sozinho rezava, com maior atenção, o Ofício de Nossa Senhora” (Idem, p. 429).

Assim, tem-se a certeza de que Lampião teve condições de construir sua própria imagem de homem forte e religioso. Sua religiosidade era considerada como um elo de ligação dele com o “outro mundo”. Não se considerava um monstro, como era tido por muitas pessoas; pelo contrário, ele considerava-se um injustiçado, uma pessoa sem condições de voltar a ter uma vida normal. Talvez, por causa do estilo de vida que levava, ele nunca se “desligou” ou deixou que diminuísse seu respeito e temor pelos santos e pelas forças transcendentais. No seu caso, percebe-se que a sua religiosidade, além de ajudá-lo na construção de sua imagem como a de um homem respeitador e temente a Deus, também serviu como uma fonte para diminuir as angústias que sofria na vida terrena.

Tinha tamanha racionalidade, que é considerado, por muitos pesquisadores e por algumas pessoas que o conheceram, como um verdadeiro estrategista. Segundo Oleone Coelho Fontes, a existência de perigo materializado nas perseguições de que era alvo a todo momento desenvolveu um aguadíssimo sexto sentido, que o

---

<sup>24</sup> Esta obra deve ser examinada com alguma suspeita e muito critério, pois seu autor praticamente ignora todos os males provocados por Lampião. Além disso, não faz as devidas citações: de onde provem e de onde retirou as informações nela constantes.

fazia enxergar inimigos quando seus companheiros nada viam, nada sentiam, dispersivos” (2001, p. 162).

Com o passar dos anos a sua religiosidade supersticiosa aumentou ainda mais, não sendo de admirar que sua devoção chegasse a tal ponto, como consequência da vida perigosa que levava. Chegou a achar ser verdade aquilo que os outros dele imaginavam: que tivesse o corpo fechado (Idem, p. 162).

Junto a este pensamento vê-se nuances de uma espiritualidade que o guiava em suas andanças pelo sertão nordestino.

Lampião ia se transformando em figura lendária, através dos sertões, brejos e caatingas, impondo aos incautos a crença de que tinha o corpo fechado contra balas: “– Qual o que! Lampião só morre de doença que Deus lhe deu, bala nem faça não matam ele. É besteira, ele tem o corpo fechado e foi bento pelo padrinho Cícero!” (BEZERRA, 1983, p. 187-188).

Atuando, Lampião mata, estupra, depreda, incendeia, ri, goza e canta, mas depois, em alguns momentos, sentindo-se “carregado”, larga o bando e nas voltas das estradas planta cruzeiros para rezar, com a alma consumida, embora tenha ainda o punhal tinto de sangue, latejando perto do coração (PRATA, 1980, p. 11).

Da mudança da possessão criminal de Lampião para a fetichista, Ranulfo Prata dá notícias através de seguinte narrativa:

A sua religiosidade é feita de um fetichismo bárbaro e abusões católicas, que se condensam em um misticismo extravagante e selvagem.

Finge mais superstição do que possui, com o fim de criar em torno de si atmosfera de mistério e sobrenatural. Traz pendentos do pescoço saquinhos encardidos contendo rezas salvadoras, bentinhas milagrosas, medalhas protetoras, e um grande cristo em ouro maciço, roubado a uma senhora da aristocracia rural de Pernambuco (DANTAS *In*: PRATA, 1980, p. 11).

Lampião era um homem que conservava o “corpo fechado”. Depois que sua companheira, Maria Bonita, entrou para o cangaço, o que implicou o início de uma nova fase para o movimento, ele e os demais membros que tinham suas companheiras, não mantinham relações sexuais nas sextas-feiras, como prova de respeito pelas ‘coisas religiosas’. Sendo a sexta-feira considerada um dia de maior respeito para as pessoas que vivem certas tradições da religião católica, nela deviam ser evitados certos prazeres da carne. Além disto, ele andava com várias orações escritas em pedaços de papel levados em seu bolso – não apenas pendurados no pescoço – como forma de se proteger das traições dos amigos ou contra as balas dos rifles dos inimigos; algumas orações lhe serviam como amuletos.

Inúmeros casos citados e reconhecidos pelos pesquisadores do tema relatam experiências de cunho religioso em meio à convivência do grupo e com o próprio Lampião. Pode parecer absurdo – para os leigos – mas Lampião, como quase todo sertanejo nordestino, apresentava em seu comportamento facetas típicas de um místico. Não só acreditava em Deus, como também nos santos e em rezas fortes. Tinha por hábito, sempre que podia, ao meio-dia, com o sol a pino, afastar-se um pouco e, de joelhos em terra, bater com a mão ossuda no peito magro e rezar pelas almas dos mortos. Não apenas as almas dos que foram amigos, mas também dos defuntos de “sua fabricação” (CARVALHO, 1976, p.18). Fala-se de absurdo neste caso, pois, segundo Rodrigues de Carvalho, Lampião, pessoalmente, matou mais do que a febre amarela: a estimativa é de que deve ter perpetrado mais de mil homicídios (1976, p.119). “Lampião era incapaz de se comover até mesmo diante de uma criança chorando de fome” (CARVALHO, 1976, p. 126).

São casos e mais casos de que se tem conhecimento, relatando tais disparidades em sua vida. Como mais um exemplo, cita-se as inúmeras festas de forró promovidas pelos cangaceiros com as moças, as mulheres casadas e até com as chamadas “perdidas da vida”. Enquanto a festa acontecia dentro da casa, as suas vítimas ficavam amarradas no lado de fora esperando pacientemente para amanhecer o dia e serem sangradas – mortas da pior maneira possível. Como entender uma mente assim? Como explicar uma pessoa que, depois de tanta crueldade, buscava entrar em contato com Deus e com os santos através de suas orações?

Sabendo do poder e da importância da oração para o contato religioso Terrin (2003) afirma: “a experiência da oração se vive, não se conta” (p. 107).

É significativa a seguinte afirmação do “rei do cangaço”: “Quando cubro um macaco na mira do meu rifle, ele morre porque Deus quer, se Deus não quisesse eu erraria o alvo”. (MELLO, 1993, p. 91).

## 2.1 O “EU RELIGIOSO” DO CAPITÃO LAMPIÃO

Neste momento da dissertação o autor defende que houve manipulação no sentido de ser construída uma imagem de Lampião como homem religioso e protegido por “forças ocultas”. Tais elementos da religiosidade foram guiados para

construção imagética de um homem forte e intocável aos desejos dos inimigos. Esses fragmentos ajudaram na autovisão e reforço daquele “eu religioso”, mesmo que essa construção não tenha sido evidente e nem conscientemente elaborada por ele.

O homem toma conhecimento dos elementos constitutivos do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano (ELIADE, 1999, p. 25). Quando Lampião caminhava com seu bando, bastava o canto de algum pássaro ou até o salto de algum animal para que ele identificasse naquilo um “aviso” e, imediatamente, tomasse outra direção, outro rumo. Justamente por saber que os outros companheiros percebiam e acreditavam que ele estava envolto em forças protetoras que o guiavam.

A dimensão religiosa do cangaceiro Lampião foi construída de uma forma a partir da qual ele tinha consciência de que todos os seus atos religiosos propriamente, ou até suas atitudes de brandura ajudavam na construção da sua imagem e no reconhecimento por parte de todos de que ele encarnava certas forças encantadas. Os que o perseguiram identificavam-no como um verdadeiro diabo, um homem carregado por forças demoníacas. Conforme relatado pelo pesquisador Bezerra Maciel: “a gente não diz alto, mas baixinho: é mentiroso quem disser que não tinha medo de Lampião” (BEZERRA MACIEL, Vol. III, ano, p. 86).

Porém, Lampião não se enxergava com essa negatividade demoníaca. Sentia-se um homem injustiçado a quem as forças do bem protegiam dos inimigos ou nos seus momentos de apuro. No máximo, Lampião atribuía para a sua triste vida de bandoleiro um infortúnio do destino, quase como se ele houvesse sido selecionado para forçosamente viver aquela vida desgraçada da qual, um dia, ele teria o perdão celestial; e, se possível, o perdão terreno também.

É, portanto, fácil compreender que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder (ELIADE, 1999, p. 27). Prova disso, é a grande quantidade de vezes diárias que Lampião reservava para as suas orações. Não só para a construção da sua imagem de chefe “iluminado”, mas, também, por ser aquela uma forma de se reencontrar e restaurar a sua paz interior.

Por viver em um mundo carregado de valores religiosos cristãos em que o catolicismo predominava, Lampião acreditava, com tamanho fervor em suas orações, que carregava consigo inúmeras orações dentro de saquinhos que ficavam presos ao seu corpo, conforme já relatado. Acreditava fielmente que os santos poderiam interceder por quem a eles rogava; tanto era assim, que o rei do cangaço,

costumava fazer doações aos santos que encontrava nas igrejas, ou em algumas residências. Era como se aquela doação servisse como uma lembrancinha para o santo que, em contrapartida, deveria sempre protegê-lo.

No momento em que Lampião organizava o bando para fazer orações, como a récita do terço, por exemplo, ou até mesmo quando permitia que outros o vissem em momentos reservados de oração, ele buscava a realização da força espiritual que lhe era peculiar, a ligação com as forças protetoras que ele acreditava possuir; por outro lado, como já foi citado, conseguia construir a sua imagem de líder em sintonia com forças protetoras. Com isso, os cangaceiros que participavam do seu bando e do seu convívio sentiam-se (mesmo que inconscientemente) protegidos, ou pelo menos bem guiados.

Não é preciso dizer que Lampião jamais moveu uma palha para desmentir crença de tanta utilidade para si, o que era, aliás, suporte, de uma outra não menos frutífera militarmente: a da invencibilidade (MELLO, 1993, p. 94).

Tudo leva a crer que Lampião tinha consciência (em alguns momentos) do que a sua figura de “rei do cangaço” representava para todo o povo sertanejo. Da mesma forma que gostava de ser reconhecido como um injustiçado e nunca, em hipótese alguma, como um ladrão<sup>25</sup>, embora, em alguns casos, aceitasse ser adjetivado como bandido. Tinha ele consciência de que ministrando elementos de uma credence religiosa, seria ajudada a construção de sua imagem de homem de “corpo fechado”, protegido por forças sobrenaturais, ou como se referiam, no seu próprio linguajar, o povo e muitos dos seus perseguidores, “era ele mesmo um homem difícil de morrer”.

---

<sup>25</sup> Em 1924, depois de invadir uma residência em Santa Fé e matar o jovem Aristides, filho de Dona Francisca, Lampião foi insultado pela mulher, que, naquele momento, o chamou de “bandido”, “ladrão” e “desordeiro”. Por isso, o Lampião mandou que dois “cabras” segurassem a senhora, abrissem suas pernas e lhe dessem violentas chineladas nas partes íntimas (PERICÁS, 2010, p. 57).

### 3 A VIVÊNCIA RELIGIOSA NO MOVIMENTO

*Enquanto existisse Lampião,  
a gente tinha aquela fé viva,  
parece que ninguém morria.*  
DÓRIA, 1981, p. 16.

É por uma religião que o homem se define no mundo e para com seus semelhantes. É a religião quem empresta um sentido e constitui, para seus fiéis, uma fonte real de informações. Ela funciona como um modelo para o mundo e, ao mesmo tempo, como modelo do mundo. Ela é, pois, para seus crentes modelo de ações e de explicação, porque fornece uma resposta às três ameaças que pesam sobre toda a vida humana: o sofrimento, a ignorância e a injustiça (MESLIN, 1992, p. 21).

Partindo de tal perspectiva, para tentar responder algumas perguntas sobre de que forma a religiosidade dos cangaceiros influenciava o cotidiano da sua vivência em grupo, é preciso entender aquele convívio social, especialmente o de Lampião e do seu grupo.

É conhecido que no bando de Lampião, inúmeros membros do movimento, em variados períodos da sobrevivência do “rei do cangaço” em suas andanças pelo sertão nordestino, usaram como estratégia de sobrevivência no cangaço a repetição dos nomes de cangaceiros que, ao longo da jornada, foram mortos ou por diversos motivos desertaram da vida sob as armas. Em certos casos, alguns deles foram a terceira ou quarta pessoa a utilizar o mesmo apelido. Mesmo sabendo desta prática rotineira entre os cangaceiros, o autor deste trabalho não vê empecilhos para tentar compreender de que forma a religiosidade fez parte da vida dos que sobreviveram naquele mundo de intensa criminalidade.

Conforme afirmado anteriormente, Virgulino Ferreira da Silva como homem criado no semiárido nordestino, teve, desde a sua infância, os primeiros contatos com os ensinamentos religiosos por intermédio de sua mãe e de sua avó, Dona Jacosa. Sabendo disso, pode-se inferir que aquele contato com o catolicismo de infância foi importante para ele, mesmo na sua fase adulta, quando já estava popularizado como “Lampião, o rei do cangaço”. Por ser temido e respeitado, ele soube amenizar o desconforto das incertezas que a vida lhe reservava; para tanto, tornou-se homem dotado de uma fé fervorosa. Tinha tanta fé e acreditava de forma

clara e objetiva em forças sobrenaturais que sua crença perpassava a sua pessoa e influenciava aqueles que com ele conviviam.

Isso é a religiosidade vivida pelo povo. Religiosidade que se transmitia em família, ou passava de pessoa a pessoa, numa troca de experiências do poder maravilhoso de certas orações, devoções e benzeções (HAUCK, 1980, p. 112).

São inúmeros os relatos sobre a sua fé em Deus e em forças espirituais. Eram tão fortes que, segundo se afirma, foi ele mesmo quem introduziu o uso rotineiro das orações em grupo. Justamente por saber que as vidas – sua e dos seus companheiros – corriam perigo, uma vez que viviam sob a perspectiva constante e iminente de serem descobertos e exterminados a qualquer momento. O grupo reconhecia a importância daquelas preces e clamores aos santos e a Nossa Senhora como forma de proteção contra todos os inimigos que pudessem surgir.

Em seu livro *O canto do acauã*, a pesquisadora Marilourdes Ferraz traz um relato que põe em evidência, entre as “qualidades” de líder do grupo, o seu poder de controlar a crença dos demais companheiros sobre o destino de todos eles:

Lampião, em suas caminhadas, costumava ordenar a parada do bando com a frase: “Rapaziada, bota abaixo!” antes de encetar a marcha, estudava a direção que ia tomar: andava um pouco sozinho, parava, observava as estrelas, a direção do vento, as árvores, as nuvens... Então, decidido, voltava e dizia: “Rapaziada, vamos por esta direção!” e indicava o rumo a ser seguido. O interessante é que Lampião sentia que essas perscrutações impressionavam seus comandados mais simplórios, o que lhe emprestava uma aura de poderoso (2011, p. 343).

Sobre a vivência religiosa dos cangaceiros, são inúmeros os relatos acerca de sua devoção por santos e pela força poderosa de Deus. Prova de sua devoção por padres, especialmente o padre Cícero, e pelos dogmas do catolicismo foi vista pelo povo da cidade de Juazeiro do Norte – CE, em 1926, quando Lampião, juntamente com seu bando foi ter ao encontro do Padre Cícero, encontro esse bastante conhecido e discutido pela historiografia lampiônica. Sobre sua entrada na “terra santa” do Juazeiro, a escritora Aglae de Lima Oliveira faz a seguinte descrição acerca da vivência religiosa dos cangaceiros:

Os cabras visitaram a igreja. Lampião e os cabras foram rezar. Fizeram orações na igreja matriz, no altar de Nossa Senhora das Dores. De mãos postas e de olhos fitos na imagem de Nossa Senhora da Conceição, Lampião rezou um rosário, oferecendo-o à sua madrinha. Os bancos da igreja ficaram superlotados de bandidos, em atitude humilde e silenciosos.

A piedade irradiava nos corações dos cangaceiros, que seguravam os rosários, ajoelhados, de chapéu na mão.

Os dedos desfilhavam as contas dos mistérios, naquelas mãos calejadas no manejo das armas. Olhavam respeitosa e para o Santíssimo e para o Padre Cícero. Neles depositavam fé e segurança.

O misticismo dos bandidos preservava a energia, para vencer os obstáculos e remover as incertezas do medo adverso. A sua fé dominava a luta, recuando ou avançando no objetivo visado (1970, p. 55).

Era hábito dos cangaceiros, em algumas circunstâncias, proclamar em alto e bom tom o nome do santo padroeiro da cidade que estava sendo “visitada” pelo bando, quando a receptividade era cordial. Prova disto foi o município de Cabrobó, que em setembro de 1926, através da figura do seu chefe político, Epaminondas Lima, conseguiu arrecadar a quantia de oito contos de réis, considerada uma verdadeira fortuna para as condições da cidade nas circunstâncias em que ela se encontrava. Era uma verdadeira festa, um dia muito agitado quando os cangaceiros ali estiveram. E eles gritavam pelas ruas: “viva a Nossa Senhora Conceição”, “viva ao padim Ciço”, e o povo completava: “viva!” (OLIVEIRA, 1985, p. 61-64).

A vida no cangaço era cheia de contradições. Os cangaceiros viviam sob as duas vertentes da existência, de forma extremada: de um lado, morrer a qualquer momento e da pior forma imaginável, sem direito a sepultamento, geralmente degolados e devorados pelos urubus; do outro, viver intensas sensações e emoções das formas mais inusitadas. Prova disto eram as festinhas que os “meninos” de Lampião faziam em algumas circunstâncias e oportunidades. Realizadas com muito xaxado, ao som da sanfona, elas atraíam, às vezes compulsoriamente, mulheres dos pequenos povoados e cidades mais próximos.

Também chama a atenção o fato de algumas daquelas festas serem promovidas com todos os participantes despidos, e, como dizia o próprio *rei do cangaço* “todo mundo nu e bem coladinho”. Em tais festas “do espanto”, geralmente eram atribuídas penas vexatórias, como forma de penalizar os participantes. Terminada a pândega, as mulheres voltavam a seus afazeres e a vida continuava, restando apenas a lembrança gravada na memória de muitas pessoas que delas participaram. Nas suas festas Lampião respeitava as mulheres casadas sob a benção do padre – com exceção das esposas dos soldados – e as moças de família. As mulheres “da vida” eram convidadas a participar sem que lhes fosse dado o direito de recusa<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Sobre as festas de forró promovidas pelos cangaceiros, cf. CARVALHO, 1976; OLIVEIRA, 1970.

Naqueles anos (primeiras décadas do século XX) era muito importante, para o povo sertanejo, receber os sacramentos, principalmente o do matrimônio, pois ele identificava, perante a sociedade, que uma união era reconhecida por Deus. Isso era tão forte enquanto elemento cultural/religioso, que Lampião e seu grupo não tinham por hábito provocar estupros<sup>27</sup> em mulheres casadas na Igreja. O mesmo não pode ser afirmado com relação às esposas dos soldados, ainda que elas também tivessem contraído matrimônio sob as bênçãos da Igreja. Em tais casos o grupo podia praticar os abusos sexuais como forma de punição para com os maridos, uma vez que os “macacos” eram considerados, pelos cangaceiros, uma das piores espécies de seres humanos. Isso também evidencia a aplicação de uma ética religiosa cuja validade era adaptada às circunstâncias.

A questão de ter a união reconhecida pelo matrimônio cristão católico ajudava na manutenção da ordem e do respeito por parte dos cangaceiros frente às mulheres. Prova disto eram as já citadas festas. Geralmente, eles mandavam alguém conseguir mulheres, e, às vezes chegava a notícia de que grande parte delas eram casadas. Sabendo disto, mandavam que viessem apenas as solteiras que, às vezes, eram também dispensadas, permanecendo apenas as que eram “ajuntadas” – viviam com seus companheiros, mas não eram casadas na Igreja – e as mulheres “perdidas” da vida.

Alguns casais de cangaceiros procuraram o reconhecimento da sua união conjugal através das bênçãos da igreja. Prova disso são os casos de Corisco e Dadá, Cajazeiras e Enedina, Sila e Zé Sereno, o que atesta a existência, entre eles, do desejo de terem uma união abençoada pelo padre e reconhecida pelo poder espiritual, que se sobrepõe às convenções sociais.

Uma boa contribuição sobre a vida em grupo e acerca da forma como a prática da religião fazia parte do convívio dos cangaceiros, foi descrita pelo turco Benjamin Abrahão, durante o período de várias semanas em que ele conseguiu conviver com o bando de Lampião, quando conseguiu a façanha de gravar a vida dos bandoleiros, transformando, depois, as gravações em filme que, logo em seguida, foi apreendido pelo Departamento de Segurança, do governo de Getúlio Vargas. Ele captou aquilo que só a imaginação do povo conseguia narrar. Afirma:

---

<sup>27</sup> Existem inúmeros relatos de estupros provocados pelos cangaceiros, porém, estes ocorriam quando o próprio ato era encarado como uma forma de punição contra alguém que, no entender de Lampião, estava delatando o bando à polícia. Sabe-se que Lampião investia pesado na sua rede de informações e, por isso, não permitia a prática de tal ato em pessoas que não oferecessem risco ao bando.

Ao cabo de quatro meses, encontrei-me novamente com Lampião. Durante esse tempo, que foi o mais cheio de peripécias da minha excursão, tive que lutar com muitas dificuldades. Sofri um bocado. Suportei, por dias inteiros, um sol de matar. Dormia, não raras vezes, nas matas, exposto à chuva e às balas dos bandidos. Passei fome e sede. Dessa vez, o meu encontro com Lampião se verificou do outro lado do rio São Francisco, a umas trinta léguas. Os cangaceiros eram em número de cinco, inclusive uma mulher, e andavam caçando bodes. Eles – parece – já sabiam do meu paradeiro, pois foram logo dizendo que me esperavam encontrar. Levaram-me à presença do capitão, e lá me demorei por três dias. Foi isso num sábado. Tive, então, o ensejo de observar calmamente os costumes daquela gente, e tomar uns apontamentos interessantes. O domingo é o dia grande. Não se trabalha. O almoço é mais farto, e se reza pela manhã e à tarde. Colocaram o quadro do Coração de Jesus no tronco de uma árvore frondosa e Lampião, com um livro de orações, reza. Todos se ajoelham e, contritos, ouvem-no silenciosamente. Muitos usam rosários. As mulheres, nesse dia, vestem-se melhor, enfeitam-se mesmo. A impressão que se tem é a de que vão assistir a uma missa de verdade. Logo depois, vem o almoço. Comem aos grupos, uns em pé, outros sentados. Lampião senta-se ao meio, talvez por medida de precaução. Ao pôr do sol, rezam novamente. Um detalhe interessante: a mulher do chefe não trabalha nem sábado, nem domingo, nem segunda-feira. Foi uma promessa. Dessa vez, os meus trabalhos de filmagem foram completos. Não deixei escapar nada. Tenho aspectos bem interessantes. Trago comigo um documento bem curioso: uma entrevista com Lampião, escrita e assinada por ele próprio (MELLO, 2012, p. 155-156).

O sertanejo rezava pedindo proteção a Deus. O temor de se encontrar com o Satanás ou com os seus subordinados, fazia com que eles acreditassem em rezas que tivessem o poder de transformar os suplicantes – neste caso, os cangaceiros – em invisíveis aos seus inimigos para que, assim, facas, balas ou qualquer tipo de metal não tivessem forças para feri-los, e até o inimigo não conseguisse mais lembrar-se do seu procurado. Esse tipo de crenças fazia parte do universo religioso não apenas dos cangaceiros, mas dos sertanejos de modo geral.

Bastava uma simples frase, do tipo “Lampião vem aí”, para que toda uma população ficasse nervosa, agitada; poucos minutos depois a calma se transformava em tremenda correria (OLIVEIRA, 1970)<sup>28</sup>. Eram mulheres que se perdia dos filhos e dos maridos, soldados, donas-de-casa, crianças, comerciantes, mulheres moças e seus pais, cada um procurava um abrigo, um esconderijo momentâneo, que poderia ser uma igreja que, geralmente, naquelas circunstâncias,

---

<sup>28</sup> No livro *Lampião, cangaço e Nordeste*, um capítulo relata a presença de Lampião em Cabrobó, em 1926. Nele se tem a noção de como eram causadores de sustos os recados enviados pelo “rei do cangaço” para algumas localidades que pretendia visitar.

ficavam lotadas, ou o mato, a caatinga. Qualquer lugar que no momento de desespero pudesse servir como abrigo seguro.

Lampião, juntamente com o seu grupo, para algumas pessoas representava a figura em pessoa do Satanás. Ele, porém, não se enxergava assim. Via-se como um injustiçado que queria um pouco de sossego, uma oportunidade para viver em paz, detestava ser chamado de ladrão (PERICÁS, 2010, p. 58)<sup>29</sup>. Em famosas cartinhas nas quais pedia dinheiro, alegava que como homem perseguido, não podia trabalhar.

O chefe do grupo é apontado, pelos que com ele conviveram, como sendo o responsável pela cobrança das lides religiosas, tais como a obrigatoriedade das orações e de comandar o terço. Todavia, existiu um cangaceiro conhecido por “Devoção”, cujo apelido lhe foi atribuído por ser ele o membro que mais rezava; ele foi morto por José Rufino, famoso matador de cangaceiros.

Ranulfo Prata por ter vivido no mesmo tempo em que Lampião, traz mais uma contribuição sobre aspectos da vivência religiosa do grupo:

No dia seguinte havia missa na fazenda Engenho, próximo de Lagoa, celebrada pelo padre Emílio de Moura Ferreira.

Coisa rara naquelas paragens, Lampião não quis perdê-la.

Entrou na capela com o santo ofício já começado, e num silêncio religioso, ele e todo o bando assistiram-no até o fim, sem serem notados pelo sacerdote.

Finda a cerimônia, dirige-se ao vigário e, dobrando o joelho, beija-lhe respeitosamente a mão, numa reverência grande de bom cristão temente a Deus.

O pároco aproveita o momento de humildade natural ou fingida, e fala-lhe, rogando-lhe que deixe de vez a vida pecadora do cangaço. E sem tocar nos seus crimes, e no mal que fazia, diz-lhe, apenas, que, naquele jeito de vida, pode de repente morrer às mãos das volantes.

Lampião, sempre respeitoso, a guardar distância, retruca, desdenhoso:

– Quá, seu vigário, o governo não me deixa assocegá, mas tenho certeza de que os macacos não me mata porque eu sô um pé de dinheiro... Hoje em dia a vida só é boa prá bandido! (PRATA, 1980, p. 57-58).

As rezas eram tão importantes e frequentes que existiam até para curar o mal da cachaça. Para tanto, eram tomadas algumas medidas, tais como colocar cinco gotas de jurubeba do Pará na bebida, ou fazer uma garrafada de carne verde, onde eram colocados cinco pedaços de carne em infusão, sem que o viciado soubesse.

<sup>29</sup> Em 1924, depois de invadir uma residência em Santa Fé e matar o jovem Aristides, filho de Dona Francisca, Lampião foi insultado pela mulher, que, naquele momento, o chamou de “bandido”, “ladrão” e “desordeiro”. Por isso, o “homem” [Lampião] mandou que dois “cabras” segurassem a senhora, abrissem suas pernas e lhe dessem violentas chineladas nas partes íntimas.

Ele vomitava e aborrecia a bebida. Aquele ritual devia ser repetido pelo menos durante três sextas-feiras, acompanhado da seguinte oração: “Oh! Divino Redentor/ Quando fulano (nome da pessoa) beber/ Ele há de se enjoar/ A bebida há de feder/ Meu senhor, meu Jesus Cristo/ Minha Santa Virgem Maria/ Valei-me padrinho Cícero/ E a sagrada família/ Com a santa força do credo/ E o vosso santo poder/ Tu há de sentir a bebida/ Nas tuas ventas feder” (*In*: OLIVEIRA, 1970, p. 133).

Uma das orações mais importantes, e talvez a mais comum entre os cangaceiros, era a Oração do Justo Juiz, usada para “fechar o corpo”:

Justo juiz de Nazaré, filho da Virgem Maria, que em Belém nasceste entre as idolatrias, eu vos peço, Senhor, pelo vosso sexto dia e pelo amor do meu padrinho Cícero, que meu corpo não seja preso, nem ferido, nem morto, nem nas mãos da justiça envolto. Pax Tecum. Pax Tecum. Cristo, assim se disse aos seus discípulos. Se os meus inimigos vierem para me prender, terão olhos, mas não me verão, terão ouvidos, mas não me ouvirão, terão boca, mas não me falarão, com as armas de S. Jorge serei armado, com a espada de Abraão serei coberto, com o leite da Virgem Maria serei fechado, onde não me possam ver, nem ferir, nem matar, nem sangue do meu corpo tirar. Também vos peço, Senhor, por aqueles 3 cálices bentos, por aqueles 3 padres revestidos, por aquelas 3 hóstias consagradas que consagrastes ao terceiro dia, desde as portas de Belém até Jerusalém e pelo meu Santo Juazeiro com prazer e alegria eu seja também guardado de noite, como de dia, assim como andou Jesus no ventre da Virgem Maria, desde a casa santa de Belém até Jerusalém. Deus é meu pai, Nossa Senhora das Dores é minha mãe, com as armas de S. Jorge serei armado e com a espada de S. Tiago serei guardado para sempre. Amém. (OLIVEIRA *In*: FERREIRA NETO, 2010, p. 273).

São inúmeros os simbolismos que revestem a vida religiosa e mística dos cangaceiros. Um bom exemplo dessa credence era o costume, disseminado entre o bando, de nunca colocar a arma presa às costas, pois, para eles, era o mesmo que estar chamando a morte para si.

Quando em grupo, ou sozinho, Lampião gostava de fazer orações em horas definidas, como no amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer. Nestas orações sempre rezava o Ofício e alguma outra oração que julgava necessária naquela oportunidade. Evidência disso é encontrada no relato descrito por Antonio Amaury Corrêa de Araújo, sobre o dia em que houve o combate que acabou com a vida do rei e da rainha do cangaço e de outros nove companheiros de grupo. Segundo depoimento do ex-cangaceiro Zé Sereno, Lampião sempre rezava o Ofício de Nossa Senhora. No dia do extermínio, pelas cinco horas da madrugada os elementos mais graduados já tinham se levantado e rezado o Ofício de Nossa Senhora. Lampião e

Luiz Pedro estavam no fundo da gruta com seus cabras arranchados. Um pouco mais acima, estava Zé Sereno com sua gente (ARAÚJO, 1982, p. 24).

Sila, a companheira de José Sereno, chefe do subgrupo, lugar-tenente de Lampião, conta em livro autobiográfico – *Angicos eu sobrevivi* – que quando estava chegando a hora de “dar à luz” a uma criança, foi um momento de grande preocupação, pois as condições higiênicas não eram boas, uma vez que deveria colocar a criança no meio do mato, em uma gruta. E pior que tudo era o risco de serem surpreendidos pelas forças volantes em perseguição ao grupo. Por estarem muito próximas, era enorme o risco de serem descobertos justamente na hora do parto, e o grupo de José Sereno ser atacado e poder até ser dizimado. Conta Sila que naquele clima tenso, recebeu uma oração de um coiteiro, que tinha como finalidade “lhe esconder dos malfeitores (as forças volantes) e lhe tornar invisível às pessoas que lhe odiavam”.

Conta Sila que foi justamente naquele clima tenso e de risco iminente que nasceu a criança. Ela faz um relato de como naquele momento de grande aflição a oração recebida pelo coiteiro ajudou a que ela e o grupo escapassem do cerco e da possibilidade de serem desbaratados pelos “macacos” das forças volantes:

Achava-se [a volante], agora, a um passo de nós. Do local em que me encontrava vi dois soldados a menos de três metros da entrada da gruta. Maria Bonita tapava-me a boca, para que meus gemidos não fossem ouvidos. Mentalmente, eu repetia a oração que “Tarata” (o coiteiro) me dera. “tem que dar certo, vai dar tudo certo, a Virgem Maria me valerá”, pensava eu. Percebi quando os dois policiais se afastaram “foi a oração”, concluí. Deus me ouvira (SOUZA, 1997, p. 79).

A oração, além de ser um ato, é um ato totalizador, e aqui talvez esteja a sua conotação fenomenológica mais importante. Quem reza, naquele momento, naquela situação específica, antes de tudo “recolhe-se”, “chama ao recolhimento”, por assim dizer, toda a sua existência, os seus sentimentos: rezar significa sentir-se “comprometido totalmente” do ponto de vista da própria existência, da própria realidade que é como resumida, recapitulada e redescoberta no momento e no ato da oração (TERRIN, 2003, P. 109).

O sertanejo é um homem primitivo, audacioso e forte; ao mesmo tempo é crédulo e se deixa facilmente arrebatado pelas superstições mais extravagantes. Uma análise sobre elas revelaria a fusão de estados emocionais distintos, pois a sua religião é, como ele, mestiça (FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 68).

Para se aquilatar a realidade da afirmação supracitada, sobretudo em relação à afirmação sobre o primitivismo do sertanejo, encontra-se auxílio em passagem narrada por Rodrigues de Carvalho (1976), em que um determinado vaqueiro foi castrado por Lampião e seu grupo, em uma das piores formas que uma pessoa possa imaginar para aquela situação: com a casa pegando fogo, o homem teve os testículos presos em uma gaveta fechada e a chave da residência foi jogada no canto da parede que se encontrava em chamas. A única solução para escapar daquela morte certa foi sugerida pelo chefe cangaceiro: uma faca enfiada na mesa na qual a vítima estava presa pelo órgão genital. Se não quisesse morrer queimado, ele mesmo deveria cortar os próprios testículos, o que foi feito:

Bom, depois eu fiquei tonto e não vi mais nada. Disseram, depois, que eu tive um “vago”. Chegaram gente e foram chamar sinhá Quitéria, que sabia reza forte de acabar com o fluxo de sangue. Ela rezou e quando eu vi já estava na casa do vizinho. Botaram cinza na capação, como se faz em porco e com sete semanas eu estava bom (CARVALHO, 1976, p. 350).

Em depoimento ao pesquisador Antonio Amaury Araújo, a ex-cangaceira Sila, descreve com detalhes os seus “costumes religiosos”. Veja-se a citação:

Eu sempre fui muito católica e toda vez que tinha tiroteio eu rezava uma oração que tinha recebido de um coiteiro. Era, inclusive, uma oração de São João Batista.

Eu tinha muita fé que não acontecia nada comigo quando rezava, como nunca aconteceu. A oração era a seguinte: “Oração de São João Batista para me livrar de meus inimigos”.

Estava São João Batista no rio do Jordão quando viu passar meus inimigos e disse: senhor lá vem os inimigos!

Deixai-os vir, quando eles aqui chegarem serão presos de pé de mão.

Pax Dommini, pax dommini. Senhor, são fortes os seus inimigos. Com dois eu te vejo, com cinco eu te ato. Sangue eu te bebo, coração oposto. Sendo homem ou mulher que sejam meus inimigos estarão presos sob meu pé esquerdo. Assim como os apóstolos obedeceram a Nosso Senhor Jesus Cristo, assim meus inimigos obedecerão a mim.

Eu vos benzo inimigos meus, com o cálice bento e a hóstia consagrada. Quatro anjos tenho em casa, quatro anjos me acompanham, São Marcos, São Miguel, São Rafael. Cristo nasceu, Cristo morreu, Cristo ressuscitou. Assim como essas palavras são certas, meu corpo se livrou dos meus inimigos, a minha alma será salva irá para bom lugar achará as portas do céu abertas, a do inferno fechada para séculos sem fim. Amém (1982, p. 94-95).

Marilourdes Ferraz faz uma rica descrição dos hábitos e superstições vividos pelos cangaceiros. Estas credences também faziam parte do universo cultural/religioso da maioria da população sertaneja, inclusive das forças volantes.

Os cangaceiros viviam numa região pródiga em crenças e superstições, e, como habitantes dos mais típicos do sertão, não escapavam à regra geral. Tinham suas vidas reguladas em parte e de maneira estritamente arraigada a credences que incluíam os “avisos”... Os episódios mais comezinhos da natureza podiam até mudar a vida de uma pessoa, dependendo de sua interpretação e de sua subserviência aos sinais que advertiam...

Ao trilhar uma certa rota, os cangaceiros retornavam imediatamente por outro caminho se uma acauã (ou acoã, como a chamavam) cruzasse os céus sobre suas cabeças com o canto característico de “agouro”. Havendo necessidade de uma viagem com intuito de atacar o inimigo ou de resolver qualquer negócio importante, desistiam logo do intento se entre as dezoito horas e as vinte e duas horas da noite anterior ouvissem o canto do galo. As primeiras segundas-feiras do mês de agosto eram dias em que se esquivavam a encontros com as volantes, de vez em que considerados dias aziagos ou, como os descreviam com seu linguajar próprio, “dias e águas”. Estando um cangaceiro deitado no chão, outro não passava por cima do seu corpo ou das suas pernas, sob pena de haver feroz briga devido ao “enguiço” causado; ou ocorria logo o “desenguiço” ou as contas seriam ajustadas, por vezes seriamente. Também não se davam passadas por cima dos calçados nem de armas devido a “atrasos na vida” que isso poderia causar.

Não conduziam o rifle atravessado às costas, formando uma cruz por ser um mau presságio. Também desistiam de uma viagem se os sabiás se reunissem agitados junto ao grupo de bandoleiros. Se passavam próximos a uma cruz, benziam-se para que o corpo permanecesse “fechado”. A condução, junto ao corpo, de espelhos ou alpercatas emborcadas atraíam balas. Se um cachorro uivasse em redor da casa ou se as corujas cacarejassem na cumeeira da casa, esses acontecimentos assinalavam “mau agouro”. Pedregulhos correndo nas telhas e gado mugindo à noite indicavam que alguma pessoa iria morrer. A família de Olímpio Jurubeba conta que na noite anterior à viagem às Baixas, onde se deu o combate em que Olímpio morreu, ouvia-se a cumeeira da casa a estalar como se estivesse partindo: era o “aviso” da morte de uma pessoa da família.

Quando alguém expirava e seu corpo ficava “inteiriçado”, isto é, rígido, não indicava morte de parente próximo em pouco tempo. Sentar à porta tornava o corpo “aberto”, vulnerável a ferimentos. Matar uma cobra era o mesmo que atrair balas. Os uivos de raposas eram agourentos e tornavam as pessoas cismadas. Os ofícios de Nossa Senhora deviam ser assistidos de joelhos; outrossim não teriam sucesso em suas atividades aqueles que os assistissem em pé. Uma coisa que livrava os cangaceiros dos perigos era a condução de rezas fortes e do patuá contendo o “santo Ileno” (Santo Lenho) conduzidos a tiracolo, por baixo da camisa; protegia-se das balas nos encontros com os inimigos.

Os velhos companheiros de Lampião diziam que o chefe usava de certos artifícios para evitar emboscadas e provocar o despistamento. Muitas vezes, em viagem por determinado caminho, ele tirava o chapéu e colocava-o no ombro; mais adiante, apanhava um ramo verde de árvore e cruzava-o no caminho; em seguida, entrava na caatinga e dava ordens para que todos se dispensassem e se reunissem em outro local, escolhido na hora; ou então mudava de rota, esquecendo, às vezes, a enorme sede que a todos acometia para efetuar uma volta de oito ou dezesseis quilômetros, somente aliviando a sede com o líquido dos cactos.

Realmente, Lampião nunca caía numa emboscada porque ajuizava corretamente, durante as marchas, quais os pontos em que mais provavelmente estaria em perigo; os cangaceiros envolvidos em emboscadas, na maioria das vezes o foram por desobediência às suas ordens (2011, p. 380-382).

Em contrapartida, Lampião sabia aplicar com excelência suas táticas de guerrilha, envolvendo o inimigo de maneira tal, que mesmo antes de iniciar o ataque, já se achava vitorioso. Bezerra Maciel e Oleone Coelho citam, em seus trabalhos, que, em algumas batalhas, quando o sol anunciava meio-dia, o que na superstição sertaneja indica “hora morta”, Virgulino reunia o grupo para fazerem uma oração. Eis aí mais uma aptidão do cangaceiro chefe: a forma que encontrava para estimular aqueles homens brutos, fazendo-os se curvarem perante o divino para pedir proteção e coragem para guerrear (MOURA, 2008, p. 124).

Antônio Amaury C. de Araújo, ao relatar uma rápida passagem sobre os últimos dias de Lampião, lança uma indagação sobre a sua confiança religiosa contra a morte:

Os companheiros de Lampião afirmam que nos últimos tempos o chefe estava ficando negligente. Já não tinha os mesmos cuidados de outrora. Recebia coiteiros, amigos e conhecidos sem as precauções de outros tempos, via-os chegar e dizia: – Ah é fulano. E ficava descuidado. Andava muito confiante.

Quem sabe se depois de tantos perigos, aos quais sempre escapara, se julgasse livre da morte. Acreditava, talvez, que as rezas fortes e os patuás que carregava tivessem mesmo fechado seu corpo à bala quente e ao aço frio do punhal (1982, p. 19-20).

Contudo, a invulnerabilidade do bandido não é apenas simbólica, quase invariavelmente ela era considerada fruto das credences por eles cultivadas, tipo o portar as orações junto ao corpo. Para os cangaceiros, tal aspecto também reflete o caráter benevolente das divindades que não desamparavam os que a elas recorriam. Os bandidos do sul da Itália portavam amuletos bentos pelo papa ou pelo rei, e consideravam-se sob a proteção da virgem; os do sul do Peru apelavam para Nossa Senhora de Luren, e os do nordeste brasileiro para os beatos locais (HOBBSAWM, 2010, p. 79).

Interessante sobre o uso de amuletos é citada por Júlio J. Chiavenato, que faz um resumo da vida de crimes do bandido Lucas da Feira e do seu triste fim, quando foi assassinado pelo seu companheiro de prisão, o Cazumbá:

Talvez fosse pior que Cabeleira. Durante vinte anos, até ser preso em 1848, tumultuou as estradas baianas, cometendo pelo menos cento e cinquenta assassinatos. Era um negro franzino, escravo fugido de um padre, que assaltava em torno de Feira de Santana.

Depois do assalto, estuprava a vítima. Gostava de incendiar os ranchos dos pobres e tinha uma característica marcante: untava de mel as moças que violava, amarrando-as nuas em árvores no mato, para morrerem de fome, devoradas pelos insetos.

Agia sozinho, mas pagava porcentagem dos roubos aos seus protetores. Isso explica as várias fugas que empreendeu quando já estava condenado à morte, esperando o enforcamento. Estranhamente, seus companheiros de ofício e cela nunca conseguiam fugir: iam todos à forca. Ele escapava. Tinha amigos secretos. *Para o povo, porém, suas fugas eram mágicas de um patuá, que o tornaria invisível, rápido e capaz de atravessar grades e paredes. Começa aí – pelo patuá – uma certa admiração pelo criminoso.*

Um assassino conhecido como Cazumbá, companheiro de Lucas da Feira na prisão – e que, portanto, sabia que o patuá sozinho não libertava ninguém – ofereceu-se para mata-lo se perdoassem seus crimes. Feito o acordo com as autoridades, Cazumbá dirigiu-se ao esconderijo de Lucas e atirou nele de clavinote, partindo-lhe um braço. Lucas fugiu para a mata, mas Cazumbá, com a ajuda de amigos, conseguiu prendê-lo. Deu-lhe mais um tiro e conduziu-o para Feira de Santana, onde seria executado.

O povo festejou a notícia com fogos. Cazumbá foi perdoado e aplaudido. Mas se construía também a lenda de Lucas da Feira, colocando-se aqui e ali pitadas de bondade no bandido.

Em 25 de setembro de 1849 ele foi enforcado. Antes fez uma estranha viagem ao Rio de Janeiro. Impressionado com a “valentia” do malfeitor, Pedro II quis “conhecê-lo pessoalmente”... Voltou a Feira de Santana para ser enforcado (1990, p. 32). Grifo do autor.

Outro caso também mistura o lado místico e envolve o abrandamento dos crimes. Nele há até uma devoção por parte do povo, que chegou a fazer orações pedindo intervenções do “novo santo popular”, que não era nada religioso para os padrões do catolicismo. É o caso de Diogo da Rocha, mais conhecido como Dioguinho. Veja-se a citação de Júlio J. Chiavenato.

Diogo da Rocha Figueira nasceu em Botucatu, em 1863. Agia só ou em companhia de seu irmão, que alguns julgam ter sido mais malvado que ele. Matava por dinheiro, exigindo que o mandante do crime o acoitasse. Daí o tempo que conseguiu sobreviver: até 1897, quando foi morto aos 34 anos, depois de doze ou treze anos na profissão de matador.

Com Dioguinho no Oeste Paulista do fim do século, o que vale dizer, uma região mais “civilizada” que o Nordeste, repete-se a mesma dualidade de punição ao crime. O punido perseguido pela lei e a polícia, foi apenas o bandido executor – Dioguinho. Seus crimes não foram objeto de investigação quanto aos motivos e aos interesses envolvidos. Os mandantes ficaram impunes: estavam em seu direito de exercício do poder. Punia-se o executor e encobria-se o crime. Processaram-se os coiteiros caboclos que tinham alojado Dioguinho, mas não os fazendeiros que os tinham obrigado a acoitá-lo.

Dioguinho morreu em 1º de maio de 1897, nas águas do rio Mogi Guaçu, seu esconderijo. Uma patrulha encontrou-o quando ele chegava de canoa. Baleado no peito, caiu no rio. Seu irmão também foi morto. O corpo de Dioguinho sumiu na correnteza e nunca foi

encontrado. O do irmão boiou logo. Correu a lenda: *Dioguinho não morrerá, era imortal. Todas as noites lia o Horas Marianas e isso lhe fechara o corpo. Voltaria para vingar-se.*

*A partir daí, numa vasta região do interior paulista, o povo, ao sentir-se injustiçado, rezava pela alma de Dioguinho – ao mesmo bandido que colecionava suas orelhas, levando-as em macabro colar como prova de valentia. Ainda hoje não há repúdio à memória de Dioguinho, pelo contrário (1990, p. 34-35). Grifos do autor.*

Júlio J. Chiavenato descreve a importância das mulheres para a formação mental/religiosa do sertanejo, e a relaciona com o imaginário vivido pela sociedade daqueles tempos, frente às credências da mulher e ao pecado que atormentava os homens:

No nordeste são tantos os tabus sobre a mulher que chega a surpreender o papel que ela desempenhou no cangaço. Mulher é pecado, fonte do mal, traiçoeira, maledicente, “quebranta” o homem. Há um repúdio à fêmea que se confunde com o medo do sexo. Os cangaceiros acreditavam nesses preconceitos. Evitavam “andar com mulher” antes dos combates, pois “abria o corpo”. Nem padre escapava desses sortilégios. Se o vigário rezasse missa sem amaldiçoar a amante, ela virava mula-sem-cabeça. Essas crenças emergiam de uma sociedade opressiva, que rebaixava a mulher à servidão. Na caatinga rude, a mulher sequer chegava a objeto sexual. O cultivo do prazer erótico não era “coisa de macho”. Reduzida a escrava pelo casamento, a mulher era apenas um alvo onde o homem descarregava sua energia sexual. Talvez isso explique a brutalidade dos frequentes estupros, que serviam para o homem provar sua “hombria” ou libertar suas taras (1990, p. 99).

Quando Lampião saiu de Mossoró em sua tentativa frustrada de ali conseguir pelo menos a gigantesca quantia de quatrocentos contos de réis, fez uma entrada em Limoeiro do Norte, estado do Ceará, terra do seu “padrinho” Cícero, terra em que ele não gostava de confusão, mas de ser recebido com festa pela cidade, em clima de vivas.

Os cangaceiros gritavam: “viva a Mãe das dores”, “viva Nossa Senhora da Penha”, “viva Nossa Senhora da Conceição”. Em tal clima, Lampião e seu grupo fizeram uma parada na igreja, onde rezaram ao santo padroeiro da terra. Logo em seguida, como era de costume, distribuiu esmolas aos pobres e foi embora.

Conta Frederico Pernambucano de Mello que “de maneira geral, o cangaceiro, condicionado pelas credências do meio rural a que pertencia, dava valor a sinais, avisos, cismas, sonhos e outras tantas expressões supostamente premonitórias que poderiam configurar-se em urro insistente de boi, saltos à-toa de cabrito, uivos de raposa em noite sem lua, mergulho desajeitado de gavião sobre o pasto, briga de pássaros ou choque de um destes com aba de chapéu de viajante,

sem esquecer as manifestações previamente codificadas como agourentas, casos do soluço do Acauã, da gargalhada da coruja em horas mortas, dos voos rumorejantes do bacurau dentro da noite, do canto do galo fora de hora” (1993, p. 93).

No caso do cangaço, a base de credices próprias do meio rural se via acrescida de um segundo sedimento oriundo do caráter perigoso da profissão abraçada, fenômeno comum a toureiros, domadores, trapezistas e policiais em zona insegura, todos formando grupo junto ao qual vicejam as rezas fortes, as figas, os bentinhos, os patuás. O cangaceiro se valia de tudo isso. Lampião levava consigo, em saquinhos atados ao pescoço, oito diferentes orações protetoras. No pé baleado, uma palmilha pé-de-anjo foi posta sob a meia. Às sextas-feiras da Paixão, o grupo arranjava jeito de passar o dia com as armas descarregadas. Nesse dia o chefe não falava, o que era comum acontecer mesmo em sextas-feiras normais. Tudo isso, e mais umas esquisitices a que se entregava, como atravessar um ramo verde na estrada e, após consulta íntima, retroceder no caminho, ou tirar o chapéu à noite e ler as estrelas, balbuciando orações, atraiu sobre si a crença generalizada de que adivinhava. Homens razoavelmente esclarecidos, como o antigo comandante de volantes da polícia de Pernambuco, Davi Jurubeba, residente em Serra Talhada, ainda hoje sustentam a convicção inabalável de que isso ocorria. Contam uma profusão de casos em que teriam sido vítimas daquela virtude misteriosa do adversário. Não é preciso dizer que Lampião jamais moveu uma palha para desmentir crença de tanta utilidade para si, suporte, aliás, de outra não menos frutífera militarmente: a da invencibilidade (MELLO, 1993, p. 93-94).

Alguns pesquisadores afirmam que, para os cangaceiros, o convívio com mulheres que viviam em seu grupo, ajudou a “suavizar” as brutalidades cometidas pelos bandoleiros. Como, por exemplo, não mais cometerem estupros em série e em grupo, ou até mesmo, a partir da intervenção formulada em alguns pedidos das suas companheiras, os bandoleiros não chegaram a assassinar algumas pessoas que estavam com a morte certa e irrevogável. Da mesma forma se pode inferir que a participação das mulheres no cangaço, de certa forma contribuiu para aumentar a religiosidade do grupo.

Depois de pernoitarem na fazenda borda da mata, do “coronel” Antonio Caixeiro e de sua esposa Balbina (Dona Branca), no município de Canhoba, em Sergipe, Virgulino e seus homens partiram, pela manhã, deixando notas de vinte mil-réis entre as mãos das estatuetas dos santos católicos, no oratório da casa.

Contudo, como oferta para São Benedito, foi deixada uma cédula suja e amassada de apenas cinco mil-réis. Alguns meses mais tarde, quando Lampião retornou ao local, a anfitriã perguntou o motivo daquele gesto de tamanho desdém com o mártir cristão. Lampião respondeu, um tanto quando surpreendido, que nunca ouvira falar que um negro pudesse ser santo (PERICÁS, 2010, p. 124).

Os bandoleiros mantinham consigo uma grande quantidade de orações, as chamadas rezas fortes, como a conhecida “oração da pedra cristalina”, presas em pequenas sacolas sob a roupa ou penduradas no pescoço, que, acreditavam, os livravam dos inimigos. Em geral, os cangaceiros respeitavam os padres católicos, pelos quais, a exemplo do padre Cícero, tinham verdadeira veneração (ALBUQUERQUE, 2012, p. 20).

### 3.1 O CANGAÇO E A RELAÇÃO COM OS PADRES

Pode-se apontar para a história da formação religiosa do povo sertanejo – desde os primeiros tempos do desbravamento da área do sertão nordestino (séculos XVII e XVIII) – a partir das obras iniciais de catequização desenvolvidas pelas ordens religiosas, especificamente as dos capuchinhos e franciscanos que, entre aquela gente desenvolveram as chamadas “missões”.

Esse trabalho de catequização é apontado como base para uma formação religiosa com os princípios cristãos em uma área especificamente dominada por índios, geralmente apontados como bravos e guerreiros. Juntando todos esses elementos – cristãos, características climáticas e forma de sobrevivência dos povos indígenas da região – tem-se um novo modelo de organização social: a “sociedade do couro”<sup>30</sup>.

O pesquisador Nilton Freixinho, analisando essas ordens religiosas, o fenômeno do cangaço e todos os elementos característicos da área, afirma que as ordens ajudaram na formação da religiosidade do sertanejo. Segundo ele, o termo correto e característico daqueles tempos (desde os séculos XVII e XVIII, e que se prolonga pelos séculos XIX e vai até o XX), deve ser o de fundamentalismo cristão primitivo, pois, a seu ver, as ordens religiosas tinham um modo específico de atuação.

---

<sup>30</sup> Termo defendido por Frederico Pernambucano de Mello na obra *Guerreiros do Sol*.

Ambos (capuchinhos e lazaristas) insuflavam, na massa sertaneja, a retidão de costumes e de conduta, muitas vezes com endereço específico aos clérigos seculares da Igreja Católica, em exercício nas paróquias do sertão, cuja vida pessoal afrontava os votos de castidade assumidos quando investidos das ordens. Pregavam o desapego aos bens materiais. Davam destaque ao poder da oração, e da fé em Jesus Cristo, para alcançar milagres, acima da compreensão humana. Priorizavam a pobreza, como bênção divina, para alcançar a santidade desde a vida terrena, associada à penitência, inclusive sob forma de flagelação corporal, em busca do perdão dos pecados (2003, p. 73).

Uma análise mais detalhada sobre as principais bases da formação dessa religiosidade popular não cabe neste trabalho, no qual o objetivo central é fazer uma análise do fenômeno religioso dentro do movimento do cangaço, no período delimitado: 1900-1940.

Nesse aspecto, percebe-se que o nome mais em evidência no corte temporal estabelecido é o do Padre Cícero. Talvez por falta de novas obras históricas sobre a atuação dos padres e demais religiosos na chamada religiosidade popular, outros nomes não são tão citados e, assim, ficaram “esquecidos”. Talvez, devido ao fato de ter sido muito influente no período, o Padre Cícero tenha conseguido ofuscar outros religiosos, ou por causa das dificuldades de pesquisar novos elementos ou, ainda, por falta de interesse dos estudiosos do tema de colocar novos nomes em evidência.

Analisando o fenômeno do cangaço, uma pergunta paira no ar. Qual era a relação entre aquele tipo de vida criminoso e a vivência religiosa dos padres que habitaram o sertão naqueles tempos?<sup>31</sup>

Em busca de resposta para este tipo de pergunta tem-se a certeza de que pode até parecer estranho para os leigos, mas se sabe que existiu uma relação entre o movimento cangaceiro e aqueles sacerdotes que dedicaram suas vidas na tentativa de transmitir os ensinamentos religiosos ao povo sertanejo.

Uma primeira observação é a de que não só os cangaceiros, mas toda uma sociedade – dos mais ricos aos mais pobres – identificavam na postura de certos sacerdotes<sup>32</sup> “um espelho” que deveria ser seguido, e que aquele modelo seria guia para a adoção de bons costumes por parte da população.

---

<sup>31</sup> Reitera-se que o estudo empreendido compreende o período entre 1900 e 1940. Porém, se pode, para uma melhor compreensão do assunto, fazer um deslocamento no tempo estabelecido para a pesquisa, avançando ou recuando.

<sup>32</sup> O desejo não é o de generalizar essa visão positiva, ou até mesmo romantizada, de honestidade e bondade sobre os padres, pois o autor tem a consciência de que vários deles comportavam-se como comerciantes e gostavam do luxo promovido pelo dinheiro e muitos tiveram filhos e mantinham casos amorosos.

Os padres sabiam que o povo simples vivia ameaçado pelos grupos de cangaceiros que cometiam, em muitos casos, barbaridades e que, por outro lado, as volantes eram apontadas como sendo bem mais perigosas que os próprios cangaceiros. Elas provocavam verdadeiras atrocidades contra a população pobre e desprotegida que deveria ser protegida por elas. Em meio àquele verdadeiro “inferno” na terra, o povo via como uma forma de amenizar seu sofrimento a busca por uma palavra de conforto proferida pelos que eram considerados “escolhidos” por Deus: os sacerdotes.

Além dos padres, a história do Nordeste<sup>33</sup> está marcada por beatos e vários religiosos que ficaram conhecidos como “fanáticos”<sup>34</sup>.

A história do Nordeste está marcada pelos nomes de alguns sacerdotes que conseguiram transformar a vida de muitos nordestinos, de forma que se tornou impossível falar em Nordeste, ou sobre o seu povo, sem tocar em seus nomes.

Figuras como o Padre Cícero, o Padre Ibiapina, e tantos outros considerados de menor expressão deixaram sua marca junto à memória do povo. Pode-se perceber que os sacerdotes que compreendiam a difícil condição de sobrevivência do povo pobre e sofrido e que, de alguma forma, buscavam solução – ou amenização – daquele sofrimento, imprimiram seus nomes na lembrança dos nordestinos.

Existe uma estreita relação entre a vivência no cangaço e os símbolos religiosos cristãos. Por isso, os padres são tidos como aqueles seres que, no meio social, podem lutar em defesa do pobre e sofrido povo sertanejo. Prova disso é o respeito que um padre exercia no meio social em que vivia. O reconhecimento era tão grande que uma frase bastante comum no cotidiano dos religiosos<sup>35</sup> afirma que: “no sertão nordestino nem padre nem jumento morrem de fome”; este último é reconhecido pelo valor do trabalho que desempenha junto ao homem do campo e pela crença popular de que uma vez que o menino Jesus foi carregado por um, naquele o menino Jesus deixou uma “marca” em sua pelagem, em forma de cruz, decorrente de um pinga da sua urina.

---

<sup>33</sup> Para que se tenha uma dimensão dessa construção imagética sobre o nordeste (sobrevivente até hoje), ver o trabalho do pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Junior, *A invenção do Nordeste e outras artes*.

<sup>34</sup> Para um maior entendimento sobre essa questão do “fanatismo religioso” ver o artigo do pesquisador Newton D. A. Cabral no livro *História das religiões no Brasil*. Vol. I, 2001, p. 78-106.

<sup>35</sup> Frase citada pelo Dr. Luiz de Alencar Libório, professor do Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

Em meio a uma vida atribulada e cheia de experiências negativas, os cangaceiros e o povo sertanejo conservavam identificação com alguns sacerdotes tidos como verdadeiros santos para aqueles que conheciam, e profanavam a fé disseminada pelo catolicismo brasileiro.

Um dos grandes nomes na memória do povo, o Padre Ibiapina, foi, durante muito tempo, de certa forma esquecido<sup>36</sup> pela hierarquia da Igreja Católica. Embora a trajetória do Padre Ibiapina esteja fora do corte temporal desta pesquisa, sua análise torna-se obrigatória, pois ele foi o grande espelho da caridade nos sertões daqueles tempos, e pode ter sido considerado modelo de conduta e de obra assistencialista a ser seguido pelo próprio Padre Cícero.

O padre e pesquisador José Comblin, em seu livro *Padre Ibiapina*, foi quem conduziu o autor desta dissertação no breve resumo biográfico sobre a vida do referido sacerdote.

Padre José Antonio de Maria Ibiapina foi sem dúvida o maior missionário do interior do Nordeste no século XIX: pelas viagens missionárias que fez por cinco estados do Nordeste, evangelizando a população sertaneja, pela quantidade de obras que deixou, pela originalidade do seu método missionário, pela concordância e pela sintonia que soube criar entre a sua pregação e a alma do povo do interior nordestino.

Padre Ibiapina foi ordenado somente aos 47 anos de idade, em 1853. Depois da ordenação, foi nomeado vigário-geral da diocese de Olinda e professor do seminário, mas descobriu que a sua vocação era outra e foi para o sertão, onde exerceu o ministério de missionário durante 20 anos. No entanto, os seus primeiros anos de vida missionária ainda foram anos de experimentos e de pesquisa. Entre 1875 e 1883, nos seus últimos anos de vida, padre Ibiapina ficou quase paralisado e teve de permanecer no seu centro de Santa Fé, perto de Arara (PB). Continuou exercendo a direção de várias casas, mas não lhe foi mais possível prosseguir nas suas viagens missionárias.

Padre Ibiapina começou realmente a definir e a exercer plenamente o seu método próprio de fazer missões a partir de 1860. Trabalhou intensamente aplicando esse método durante 15 anos, de 1860 a 1875, entre os 54 e os 69 anos de idade. Já não era jovem quando se revelou e se desempenhou como o grande missionário do Nordeste. Mas a quantidade de trabalhos que realizou em 15 anos no sertão, sem nenhuma ajuda exterior, tão somente com os pobres recursos de uma população muito escassa, muito dispersa e muito pobre, é uma coisa inacreditável. Soube despertar, na alma dos sertanejos, energias que ninguém antes dele tinha sido capaz de mobilizar. Padre Cícero teve e ainda tem mais fama no meio do povo, mas foi pela irradiação e pela sabedoria dos seus conselhos, e

---

<sup>36</sup> O padre Ibiapina, por ter construído algumas casas de caridade e, com ajuda de pessoas leigas na condução e manutenção daquelas casas, provocou um estranhamento na cúpula da Igreja Católica, uma vez que a abertura aos leigos não era aceita, o que fez com que, após a sua morte, as casas de caridade entrassem em processo de falência e esquecimento por parte da Igreja Católica.

em parte também certamente pela perseguição de que foi vítima por parte de certas autoridades eclesiais. Mas Padre Cícero quase não saiu do Juazeiro. A sua vocação era totalmente diferente. Não realizou as obras que realizou Padre Ibiapina. Padre Cícero foi mais homem do povo, o padrinho com o qual cada um queria identificar-se. Padre Ibiapina era mais homem da Igreja, no sentido de procurar organizar o povo. Padre Cícero era de tipo mais contemplativo, e Padre Ibiapina, de tipo mais ativo.

Como foi que o maior missionário do Nordeste somente se ordenou aos 47 anos de idade? Foi uma longa história, feita de muitos dramas, que lembraremos brevemente. Os 47 anos de vida leiga de Ibiapina foram com certeza uma preparação providencial. Se Padre Ibiapina tivesse sido ordenado depois do currículo da formação no seminário de Olinda aos 23 ou 24 anos, certamente não teria nunca realizado a obra original que realizou. Por isso, essa história dos 47 anos de vida de leigo é muito interessante. Ela explica muita coisa do método missionário, da intuição de Padre Ibiapina. Ela deve também fornecer a explicação de por que Padre Ibiapina, uma vez ordenado, tomou a decisão que surpreendeu a todos e que o bispo somente aceitou com resignação: ser missionário no interior.

Até então, missionários eram somente os frades. Antes de Padre Ibiapina, o nordeste tinha sido evangelizado por missionários franciscanos e jesuítas nos tempos antigos e capuchinhos nos tempos mais recentes, sobretudo capuchinhos italianos, mas foram missionários sacerdotes seculares. Estes eram sempre vigários ou trabalhavam na administração da diocese. Ibiapina resolveu inovar e lançou-se sozinho na vida missionária. (2011, p. 13-15).

Alfabetizando beatos e beatas das baixas camadas sociais do sertão, valorizou tanto o papel dignificante do trabalho e do bom procedimento, que se tornou, na segunda metade do século XIX, o homem mais importante do sertão, adorado pelos pequenos, respeitados pelos grandes (BARROS, 2007, p.132).

Pensa o escritor e pesquisador Lira Neto (2010) em seu livro sobre o Padre Cícero, que a história de luta por um povo sofrido e esquecido travada pelo Padre Ibiapina pode ter sido o grande exemplo motivador para o Padre Cícero.

Reconhecidamente o maior de todos os nomes de sacerdotes que já viveram nos sertões do Nordeste, mais popularmente conhecido com o “padim cirço”, ele era venerado e rogado nas horas de aflições pelos que acreditavam em seu poder de intercessão nas causas impossíveis. Deixou sua marca na memória do nordestino, devido aos seus “milagres”. Em sua pessoa, além de sacerdote, acrescentava-se um misto de coronel e chefe político-religioso daquele povo, não só do Juazeiro, mas de toda aquela área do semiárido.

Tendo uma relação estreita com o cangaço, a sua história como chefe religioso e político não é fácil de ser analisada, devido ao misto de influência que exercia na vida do povo. Sabendo dessa dificuldade analítica, o autor desta dissertação retoma parte da sua história conforme foi narrada por Lira Neto para que

se conheça um pouco da sua trajetória sacerdotal e se perceba como ele está envolto em uma mística de predestinado por Deus para a sua trajetória política sacerdotal, desde o nascimento e até a sua morte.

Mais de 1800 anos após ter sido pregado numa cruz pelos soldados romanos no monte Gólgota, em Jerusalém, Jesus Cristo, o homem em cuja memória se fundou a Igreja que congrega mais de 2 bilhões de fiéis espalhados por todo o mundo, voltou à terra. Nasceu de novo, na cidade do Crato, interior do Ceará. Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis. O menino Jesus redivivo chegou dos céus em meio a uma explosão de luz, com a força de mil sóis, no meio do sertão. Foi trazido por um anjo de asas cintilantes, que na mesma hora levou embora a filhinha recém-nascida de uma católica fervorosa, a cearense Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como dona Quinô. De tão intenso, o clarão deixou a mulher temporariamente cega, bem na hora do parto, o que a impediu de perceber a troca das duas crianças. Como sinal de que era um iluminado, o menino santo acabava de regressar ao mundo em um 24 de março, véspera da data em que se celebra a anunciação de Nossa Senhora, exatos nove meses antes do Natal.

Para muitos dos milhões de peregrinos que chegam hoje a Juazeiro do Norte, essa é a verdadeira história do nascimento do padre Cícero. Ele seria a reencarnação do próprio Cristo. A imaginação coletiva, disseminada de boca em boca e de geração em geração, encarregou-se de atribuir uma origem sagrada, não carnal, ao protetor dos romeiros (LIRA NETO, 2010, p. 23).

Esta versão fantasiosa sobre o nascimento do Padre Cícero, transmitida pela tradição oral, corria solta na mente do povo, pois, para a maioria do povo sertanejo, ele foi um santo, um homem enviado por Deus para cuidar do povo e lutar contra o sofrimento daqueles que clamavam por sua clemência.

Porém, é o mesmo Lira Neto, quem esclarece sobre o nascimento do padre, agora de forma racional e objetiva:

De acordo com o que está disposto nos livros de batismo da Cúria do Crato, o menino Cícero Romão Batista nasceu naquela cidade cearense no dia 24 de março de 1844. A documentação dos cartórios e das sacristias pode ser mais objetiva do que a narrativa mítica. Mas não é menos sugestiva de significados nem deixa de ser alvo de controvérsias. Há quem aponte, mesmo aí, na letra firme do escrivão, a sobra de uma armadilha histórica: Cícero teria nascido no dia anterior, 23, e posteriormente alterado o próprio batistério para vincular sua origem à data litúrgica da Anunciação. Não há provas, contudo, que corroborem essa acusação específica de mitomania. O que se sabe ao certo é que o filho de dona Quinô e do pequeno comerciante Joaquim Romão Batista nasceu um caboclinho de longas orelhas de abano e, de fato, cabelos alourados e um surpreendente par de olhos azuis – características que ajudaram a associar sua imagem ao Cristo caucasiano das gravuras de origem medieval, mas que na verdade foram herdadas dos antepassados portugueses da família, tanto do lado materno quanto do paterno.

O pai, Joaquim Romão, era o primogênito de um oficial da cavalaria que lutara ao lado das tropas brasileiras nas guerras dos tempos da independência. A mãe, dona Quinô, trazia por sua vez a história de batalhas familiares marcadas por suplícios quase bíblicos. Suas seis irmãs, as tias de Cícero – Totonha, Donana, Azia, Teresinha, Tudinha e Vicência –, todas teriam sido defloradas pelo mesmo homem, o coronel José Francisco Pereira Maia, o Mainha, Juiz de paz, delegado de polícia e deputado provincial pelo Crato. Só ela, Quinô, teria resistido aos assédios sistemáticos do coronel, um garanhão que se gabava de ter colocado no mundo 82 rebentos, polígamo assumido desde que fora traído pela primeira esposa, uma mulher com fama de adúltera e nome de santa: Clara Angélica do Espírito Santo.

Por trás do balcão da lojinha da família, o pai de Cícero tirava o sustento da casa com a venda de artigos os mais variados, que iam de fechaduras de latão a chapéus para senhoras, de parafusos de ferro a gravatas de seda. Com o dinheiro que pingava no caixa, Joaquim Romão sempre cuidou de proporcionar boa educação ao único varão que o destino lhe concedeu, Cícero, o filho do meio entre as irmãs Maria Angélica, dois anos mais velha, e a caçula Angélica Vicência, cinco anos mais nova (2010, p. 24-25).

Com a morte do marido, a viúva Quinô não tinha como manter o filho estudando em Cajazeiras, longe do Crato. Tudo levava a crer que a aspiração do jovem Cícero em prosseguir nos estudos viria a ser sepultada na mesma cova em que descansariam, para sempre, os ossos do pai. Foi o padrinho de crisma, o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, quem socorreu o moço naquele instante de incerteza e aflição. Homem poderoso do lugar, rico comerciante, o coronel Alves Pequeno se compadeceu da míngua em que vivia a família do falecido compadre Romão. E, em especial, ficou bastante impressionado com uma história singular, narrada de viva voz pelo afilhado.

Cícero contou ao padrinho que naqueles dias, bem tarde da noite, estava deitado no fundo da rede estendida de uma parede a outra da sala quando ouviu o som de leves passos dentro de casa. Erguerase e, entre o sono e a vigília, com aqueles mesmos olhos que um dia a terra haveria de comer, disse ter visto a imagem do finado Joaquim Romão, ali na frente, bruxuleando à luz da lamparina. Da eterna mansão dos mortos, o velho teria lhe trazido um pedido e, ao mesmo tempo, um consolo em forma de profecia: o filho não deveria desistir, um só minuto que fosse, do bom caminho dos livros. “Deus haverá de dar um jeito”, teria lhe garantido a visão.

O coronel Alves Pequeno ficou admirado diante do relato fantasmagórico. Para ele, bastava retirar alguns cobres da algibeira e concretizar o desejo do compadre morto. Dinheiro, tratando-se do coronel, nunca fora problema. E quando andam juntas, diz-se no sertão, a fé e a boa vontade fazem o longe ficar perto. Foi assim que, devidamente financiado pelo padrinho, graças à suposta visão, Cícero arrumou as trouxas, pegou a estrada de terra e tomou de volta o rumo de Cajazeiras, onde concluiu os estudos elementares no colégio do padre Rolim (Ibidem, p. 31)

Para o autor desta dissertação, o Padre Ibiapina não imaginou nem planejou a construção de seu nome para permanecer no imaginário do povo sertanejo, pois, analisando sua vida de sacerdote envolvido com os problemas sociais por que

estava passando o povo nordestino, percebe-se que o seu desejo era de mudanças sociais e seu objetivo era melhorar a qualidade de vida daquele povo desamparado e esquecido pelas autoridades.

Já em relação ao Padre Cícero, não se pode cair em reducionismos e acreditar apenas no seu poder como líder religioso, pois, como já foi afirmado, ele sabia realizar os seus intentos políticos a partir da força incontestável que possuía na condição de líder carismático da região do Juazeiro. Assim, soube o Padre Cícero apossar-se de todo tipo de companhia, desde pessoas carentes e desprovidas de outras ambições, a homens perversos e gananciosos que soube conduzir sob sua dominação, tais como assassinos, ex-cangaceiros, coronéis e políticos dos mais diversos níveis sociais.

Os sacerdotes que entendiam o drama sofrido pelo povo do Nordeste, e que lutavam por uma possível melhora na vida daqueles sertanejos, ganhavam respeito e a admiração por parte do povo. Sobreviver, naqueles tempos, não era tarefa fácil.

No sertão, a religiosidade ganhou dimensões expressivas devido a duas circunstâncias a que se associou. De um lado, o sertanejo buscou na religião a compensação das agruras da pobreza e da falta de perspectiva para ultrapassá-la de modo próprio. De outro lado, o clima de insegurança decorrente da ameaça periódica do flagelo das secas levou o sertanejo a amparar-se no sobrenatural, fonte de forças de que carecia para lidar com a calamidade (FREIXINHO, 2003, p. 64).

Em suma, buscava o sertanejo, na religião, no dia-a-dia de sua vida, conforto e segurança psíquica que fatalmente conduziram a um estágio de religiosidade radical, quando estimulado por monges místicos, caminho de indistigável alienação coletiva (FREIXINHO, 2003, p. 64).

Em tal contexto, os padres eram vistos pela maioria do povo e dos cangaceiros como homens sem ambições, que deveriam praticar a castidade e o desapego financeiro. Os bandoleiros do Capitão Virgulino, e ele próprio, sempre mostraram grande afeição pelos padres. Pediam-lhes a bênção e jamais ofenderam ou trataram um sacerdote com desprezo, o mesmo acontecendo com as igrejas. Pelo padre José Kehrle, por exemplo, Lampião tinha estima fora do comum e lhe ouvia com atenção e humildade os conselhos e reprimendas (FONTES, 2001, p. 162).

Sobre o Padre José Kehrle, diz a escritora Aglae de Oliveira que era conhecido de Lampião e que conseguia despertar no bandoleiro uma postura de

certo respeito, a ponto de ele não esconder tal sentimento diante de alguns sacerdotes (1970, p. 127).<sup>37</sup>

Em muitos casos, por serem considerados homens de oração, escolhidos por Deus para guiar a humanidade rude contra os desejos do mal, muitos cangaceiros doavam os filhos recém-nascidos para os padres. E em algumas ocasiões doavam também para juízes de direito, pois os cangaceiros viam neles homens que brigavam com as palavras, evidenciando atitudes muito diferente das dos macacos e dos chefes de volantes.

O também padre e pesquisador Bezerra Maciel (1992, Vol. IV, p. 136), em nota de rodapé traz uma relação de alguns filhos de cangaceiros que foram criados por padres. Segundo ele, Silvio Hermano, filho de Corisco e Dadá, foi entregue ao padre José Bulhões, vigário de Santana do Ipanema; Francisco de Sales (sem identificar os pais) foi entregue ao então padre Dumuriez Amaral, vigário de Mata Grande; Maria Amália e Maria Celeste (também sem identificar os pais) foram entregues ao Padre Soares Pinto, vigário de Pão de Açúcar; José Mariano (sem identificar os pais) entregue ao padre Manuel Firmino, ex-vigário de Mata Grande; Inácio (filho de Moreno) entregue ao padre Frederico de Oliveira, vigário de Tacaratu. Segundo o pesquisador, o portador que levava a criança entregava uma carta ao destinatário a qual trazia o nome do filho e a idade, e ainda fazia recomendações de zelar por ele, sob ameaça, se assim não acontecesse.

Sabiam os cangaceiros que, criados pelos padres, os meninos e meninas teriam um mínimo de instrução, conseqüentemente, a oportunidade de melhorar na vida e não enveredar naquela vida desgraçada do cangaço.

É preciso lembrar, ainda, que certas solicitações feitas por alguns padres dificilmente eram negadas. Prova disso, foi o pedido feito pelo Padre Cícero ao cangaceiro Sinhô Pereira, para que ele deixasse aquela vida desgraçada. Como já era sua intenção deixá-la, houve o pronto atendimento.

Se toda regra possui sua exceção, a relação de cordialidade dos cangaceiros com os padres em alguns casos podia ser quebrada.

Raul Fernandes, em seu livro *A marcha de Lampião*, relata que, na fuga, logo após o confronto na cidade de Mossoró, quando Lampião estava com alguns reféns em seu poder, “o padre Vidal Lucena intercedeu pela sorte dos reféns e nada conseguiu” (1985, p. 242). Talvez por serem os reféns importantes como

---

<sup>37</sup> O Padre Kehrlé, como amigo e confessor, também é citado por outros pesquisadores, a exemplo de Frederico Pernambucano de Mello (2005, p. 317)

instrumento de barganha, ou até por ser aquele padre desconhecido pelos cangaceiros; porém, pode ficar em evidência que os padres conhecidos na região dos cangaceiros tinham um poder de intercessão, decorrente do respeito de que desfrutavam, bem maior se comparado aos outros com os quais não existia um conhecimento prévio.

Frederico Bezerra Maciel<sup>38</sup>, em outro relato narra que certa vez Lampião fez uma abordagem a um padre que vinha montado em um cavalo e andando despreocupadamente, “padre rico, bancando coronel, montado em animal de luxo, Deus não gosta”. E depois de proferir essas palavras, tomou o cavalo do padre alagoano. (MACIEL. Vol. VI, 1988, p. 96).

Alem dos padres pregadores e missionários do Nordeste, Lampião tinha grande consideração pelos rezadores e bruxos que se espalhavam por todos os quadrantes do chão caboclo da região. Homens que eram dotados de uma força espiritual elevada e portadores de um domínio absoluto sobre os feitiços e bruxarias, gozavam do mais absoluto respeito no meio da gente sertaneja. (COSTA, 2011, p. 169).

### 3.2 SÓ O PODER DA ORAÇÃO PODERÁ SALVÁ-LO

Aparentemente não existia diferença entre as forças volantes e os cangaceiros, quando comparados os crimes praticados pelos dois grupos. Apenas uma mudança de lado. Isso conduz a uma reflexão que é complexa e contém muita subjetividade.

A religiosidade nunca deixou de fazer parte da vida dos cangaceiros e muito menos dos sertanejos. Os santos e todos os tipos de divindades aos quais os cangaceiros rogavam proteção, também serviam para aqueles que estavam em condição de extremo perigo. Em horas de grande aflição, rogava-se por tudo o que era mais sagrado, por todos os santos e por Deus. Em último caso, no final do “túnel

---

<sup>38</sup> Frederico Bezerra Maciel é autor de seis volumes sobre a vida de Lampião. Com isso, é considerado, no meio acadêmico, como um dos grandes biógrafos do rei do cangaço. Porém, em suas obras ele não faz citações e nem explica como conseguiu certas informações, o que confere certo descrédito a parte delas. Segundo Frederico Pernambucano de Melo, “não o vestimos de herói [Lampião] como o padre-escritor Frederico Maciel, que deu de metê-lo no altar e vive a lhe incensar o cangaço, turíbulo para lá, turíbulo para cá. E a fumaça que se desprende é tão densa que o padre não consegue mais enxergar direito a verdade histórica”. (MELLO, 2005, p. 317).

do sofrimento”, quando já não tinha mais como escapar do seu trágico fim, a vítima jogava-se “nos braços de Deus”.

Diversos casos são descritos nos inúmeros livros que tratam do fenômeno do banditismo como exemplos angustiantes de pessoas que já com o “pé na cova” (como força de expressão), por algum motivo foram poupadas da morte naquele exato momento. Para ilustrar, serão citados alguns casos em que os envolvidos, em posteriores entrevistas concedidas aos autores das obras referenciadas, afirmam somente poderem atribuir como justificativa da sua salvação, a única e possível resposta: terem sido salvas por uma intervenção divina.

O caso inicial é citado pelo pesquisador Oleone Coelho Fonte, em seu livro *Lampião na Bahia*. Conta ele que “José Gomes dos Santos, mais conhecido pela alcunha de José de Fulô, filho do município de Jeremoabo, compadre de Maria Bonita, quando soube que Lampião a havia raptado para a sua companhia, inconformado com o acontecimento cujos pormenores desconhecia, blaterou contra o irregular procedimento de Lampião, chegando a dizer às pessoas com as quais conversava: ‘Pra um homi qui furta muié casada contra a vontade do seu marido só hai uma resposta – bala! Este homi não encontrou ainda um macho que lhe desse um tiro na cara’. (2001, p, 253). De alguma forma essa conversa teria chegado aos ouvidos do famoso cangaceiro, e eis que, como o mundo dá muitas voltas, aguarda Lampião, ansioso, pelo encontro com o dito José de Fulô. Chegado o aguardado momento em que esse encontro se realizou, veja-se a narrativa do desdobramento:

No dia 2 de dezembro – precisamente 7 dias após ter sido amarrado José de Fulô – chegava, na casa de Antônio do Mocó, Lampião, acompanhado do seu grupo, inclusive Maria Bonita, sua companheira.

O rei do cangaço, já ciente dessa excelente presa à sua disposição, apresentou-se eufórico, certo de que estava a executar, naquele dia, uma grande e ansiada vingança, há tanto tempo por ele alimentada. Não quis perder tempo com conversas alheias ao assunto. Por isso mesmo mandou que viesse até ele o seu presente. Antônio do Mocó retira-se prazerosamente e vai cumprir a ordem recebida. Conduz até a varanda da casa José de Fulô, atado de pés e mãos. O pobre homem estava desfigurado e moralmente arrasado, como era natural que estivesse um indivíduo tão próximo da morte; depois de tantos maus tratos e preocupações entregue, assim, inopinadamente às mãos de inimigos que desconhecia.

Lampião recebe-o alegremente estrangido, pois o riso que se esboçava dos seus lábios contrastava com o real sentimento que alimentava no seu íntimo, naquele instante rebelado pela avidez sádica de praticar a vingança a si mesmo prometida há vários anos.

Maria Bonita, ao reconhecer o seu compadre José de Fulô, ficou atônita com a surpresa que aquele quadro horroroso provocou e, estática, aguardou os acontecimentos. Um silêncio profundo dominou

o ambiente. Lampião aproxima-se do preso e segurando-o raivosamente pelo braço diz-lhe: “Então, seu valentão, o bandido que furta muié casada contra a vontade do marido merece um tiro na cara não é? Pois você agora, seu peste, vai morrer que é pra não se metê mais com a vida aleia! Mal vai se aproximando para a execução de sua vítima, esta, olhando suplicante para Maria, grita: ‘*Minha cumade, pulo amor de Deus mi vala*’. Incontinenti, saltando no braço de Fulô e agarrando-o num gesto leonino e arrogante, grita Maria Bonita para Lampião: ‘Cabra, este você não mata! E com um solavanco violento arrebatou-o das mãos do seu companheiro. Os cabras aí presentes entreolharam-se, espantados ante aquele ato de violência, frontalmente exercido contra o seu chefe, pela própria mulher; ficam totalmente parados aguardando silenciosos a eclosão do revide. Mas, Lampião, surpreso com aquela atitude, inexplicavelmente assumida pela mulher que até aquele instante o aplaudia, respeitava e o amava loucamente, diz: ‘Dexa de bestera, Santinha. O que é isto? Ao que lhe responde a sua companheira: ‘Bestera não, Virgulino, eu tô ti falando agora com a mesma corage daquele dia que sartei na anca do teu burro pra ti acompanha pur amô. Este homi é de minha terra e é meu cumpade’. Lampião, entre contrariado e visivelmente emocionado, olhos rasos d’água, exclama: “Toma a bença a tua madrinha, peste! Santinha dá cá um beijo’. (2001, p. 254-255).

Depois de ter escapado da morte, o depoente considera que deveria ter morrido, mas, com a intervenção primeira de Deus, e, logo em seguida, com a ajuda dada pela sua ex-comadre ele conseguiu salvar-se. Depois de passados alguns anos do ocorrido, reconheceu a presença do poder de Deus, naquela angustiada hora.

A escritora Marilourdes Ferraz narra determinado conflito entre um cangaceiro conhecido como João Raposo, contratado para assassinar o fazendeiro Francisco Leite, que, após a morte do seu irmão Joaquim, tinha se retirado para as margens do riacho São Gonçalo a fim de se dedicar à agricultura:

João Raposo pôs-se em marcha com seu grupo ainda pela madrugada e ao amanhecer atingiu o São Gonçalo, avistando Chico Leite (Francisco) no corredor da cacimba do rebanho, cuidando de suas tarefas habituais, sozinho e armado apenas com um estoque. Raposo aproximou-se da cerca e gritou:

– Ei, boi velho, você hoje vai dar o couro às varas para ser espichado!

A pouca distância, na casa dos Leite, suas filhas Inacinha e Aninha presenciaram os movimentos dos bandidos e correram em desespero para salvar o pai, trazendo a primeira um bacamarte e a segunda uma imagem de Nossa Senhora erguida bem alto, suplicando um milagre aos brados:

– Valha-me Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, salva meu pai!

Foi dura a resposta de João Raposo ante a aflição das moças:

– Hoje não tem nossa senhora que livre esse boi velho de ser sangrado!

Chico Leite recebeu o bacamarte trazido pela corajosa Inacinha mas estava completamente cercado e sem oportunidade de defesa.

Raposo já pulava a cerca para cumprir sua ameaça contra o idoso senhor quando ouviu um tiro e o bandoleiro caiu com um balanço na rótula: chegava de viagem, naquele exato momento, um filho de Francisco e um sobrinho conhecido como Chico Cabeça-de-pau. Perdendo o chefe, os seus companheiros do bando, desorientados, fugiram.

O povo atribuiu essa sequência de acontecimentos a um milagre da mãe do senhor, salvando um ancião das garras da morte no último instante. Desde então a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ficou venerada como milagrosa naquela região (2011, p. 79-80).

Pode-se perceber que nas horas de aflições são sempre os santos protetores ou até mesmo a figura de Jesus Cristo ou de Nossa Senhora, que são evocados, e quando acontece a salvação, o livramento do triste infortúnio, “o milagre”, a fé do povo aumenta ainda mais.

Porém, às vezes não adiantava apelar para os santos, fazer reza forte, rogar pelo padre Cícero, nem mesmo para Deus. Dependendo do caso, a morte estava certa e consumada. Prova disto é o caso de Herculano Borges (apontado pelo cangaceiro Corisco como o responsável pela sua entrada/reentrada no cangaço), que foi barbaramente esquartejado por Corisco, o diabo louro.

Implora ao bandoleiro que lhe poupe a vida. Invoca o nome de Deus, a sua condição de pai de família, de homem honesto, respeitado na região, católico e trabalhador. Inutilmente. Sua sorte estava selada (FERRAZ, 2011, p. 211).

Como base para que a narrativa prossiga, veja-se esta passagem sobre mais um caso bastante conhecido e divulgado (cf. FERNANDES, 1985, p. 105-106; MOURA, 2008, p. 44), narrado por Marilourdes Ferraz. É sobre um soldado de polícia da cidade de Queimadas, no estado da Bahia:

Ao penetrar na primeira rua, um soldado do destacamento, deparando-se com o grupo em condições tais que um fuga não poderia ser levada a efeito, ajoelhou-se, fitou o céu e, sem prestar mais nenhuma atenção ao grupo, começou a orar. Lampião aproximou-se dele, que movia somente os lábios sem ligar nenhuma importância para o cangaceiro. Os ‘cabras’ tentaram matar o policial, mas Lampião interveio e disse: ‘não bulam com este homem, não estão vendo que ele está doido’? E continuou para diante, deixando-o na mesma atitude. Este, salvou-se. Quando caiu a noite, os cangaceiros dançaram, comemorando os lucros auferidos em Queimadas (2011, p. 325).

A vida de bandoleiro era cercada por muitas peculiaridades místicas. Um caso que chama a atenção é narrado por Rodrigues de Carvalho em seu livro *Serrote preto*. Segundo ele, certa vez, Lampião teve a oportunidade de matar seu grande inimigo, o Zé Saturnino, na sua própria casa. Mas isso não ocorreu devido à

interferência de sua mãe que o questionou e, com voz de autoridade, soube impor o seu desejo de mãe sobre Lampião, que era seu afilhado:

Minha madrinha, já que a senhora não me deixou matar esse cachorro velho agora, pode dizer-lhe também que, de agora em diante, pode dormir até no meio da estrada. Por que não serei eu que vá mais sujar as minhas mãos no sangue deste infeliz, deste miserável pulha!.

A velhinha sentiu a alma em festa e o coração exultante de alegria pela promessa formal e espontânea que inesperadamente lhe fazia o bandido, de abandonar os propósitos de vingança que alimentava contra o homem sinistro que o perdera com toda a sua família. Respondeu-lhe então, possuída de uma satisfação tão grande que só seria igualada pela da mãe que visse um filho salvo da peste bubônica:

– *Virgulino, meu filho! Deus te acompanhe e fica certo de uma coisa; enquanto este caco de velha existir, os teus inimigos, com todas as poderosas forças de que dispõem, não prevalecerão sobre ti. Vai com Deus, meu filho.*

*Nunca ouvimos falar que a dona Xanda soubesse de urucubaca, muito menos nos seus milagres de feiticeira, como também ignoramos em que baseava a sua promessa tão cheia de convicção. Sabemos apenas de uma coisa e que é certa, porque aconteceu: ela faleceu no começo do ano de 1938 e nesse mesmo ano também se apagava a estrela do seu infeliz e tenebroso afilhado. (1974, p. 133-134). Grifos do autor.*

Percebe-se através deste fragmento, que, coincidência do destino, ou não, o ano de falecimento dos dois, foi o de 1938.

Em seu livro de memórias, a ex-cangaceira Sila, companheira de Zé Sereno, um dos homens de confiança de Lampião, conta como foi a sua entrada, permanência (mesmo que curta) e saída do cangaço. Entre os inúmeros relatos do livro, em algumas passagens ela conduz o leitor com um pouco de suspense, e, ainda que sejam retirados possíveis excessos da narrativa, pode-se perceber o grau da dificuldade que era sobreviver “debaixo das armas”. É simbólica a narrativa de como ela teve um filho naquelas circunstâncias, conforme já foi narrado.

Para os cangaceiros que estavam presentes na ocasião do massacre de Angicos, ocorrido em 28 de julho de 1938, a única justificativa apontada pelos sobreviventes é a de que foi “um milagre”, e aquele fatídico dia não sairia das suas lembranças. Resta uma nova revisão dos fatos referentes àquele dia, pois, além dos onze cangaceiros mortos, incluindo o “rei” e a “rainha” do cangaço – Lampião e Maria Bonita – os sobreviventes não sabem informar a quantidade de cangaceiros que se encontravam presentes naquele coito, pois são inúmeras as divergências com relação à quantidade de cangaceiros que estavam naquele local.

Embora saiba das inúmeras dificuldades encontradas para catalogar e interpretar aqueles fatos, o autor percebe que depois de muitos anos do ocorrido, praticamente a única resposta apontada por aquelas pessoas que de alguma forma conseguiram escapar da morte certa e iminente, se ancora na crença, na força de Deus, e em todas as forças superiores que regem as pessoas nas mais variadas circunstâncias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiscutivelmente Virgulino Ferreira da Silva conseguiu marcar a história brasileira com seus vários anos de luta sob o cangaço. Marca profunda que não se apaga, uma vez que escrita com o entusiasmo de pesquisadores que tentam resgatar um caráter épico de bom mocinho – nem tão bom assim – que na visão romanceada moderna, era passada como a luta de um homem (acompanhado por uns tantos), contra uma sociedade arcaica que começava a viver o nascimento do “braço do Estado” sobre uma região que estava acostumada a sobreviver pautando-se em suas costumeiras leis. Tempo em que o coronel (grande latifundiário) – uma versão do senhor do engenho, só que em uma terra seca – impunha seu desejo, transformando sua vontade em lei, e, diga-se, superior às leis que existiam no papel.

O cangaço foi uma vida de sacrifícios, porém, reservou para aqueles que se submeteram aos seus ditames, um glamour especial. Uma estética de luxo para uma sociedade do couro, no dizer de Frederico Pernambucano de Mello. Sociedade que guardou, desde suas origens, os costumes de um catolicismo dito popular, quase místico, em que, na imaginação do povo, Deus guardava e protegia seus filhos, os pobres sertanejos, contra as desventuras do destino, e, na contramão, o Diabo andava solto em suas peripécias, sendo seu nome pronunciado baixinho e discretamente, para que ele não escutasse e não fosse atrás daquele que “Ihe chamava”.

Assim, buscando identificar o fenômeno religioso naquele movimento de salteadores e corredores – os cangaceiros –, foi possível descobrir que a religiosidade nunca foi deixada de lado por aqueles que estavam sob a tutela das armas. Lampião em seu auge e ostentando os títulos de rei do cangaço e governador do sertão que Ihe eram imputados pelos jornais e nos livros, matou milhares de pessoas, mas a prática homicida não o afastou, em nenhum momento de sua existência, da sua crença de que estava a cumprir um destino que Ihe foi tristemente reservado. Entre tiros e correrias soube encontrar ocasiões para suas orações protetoras e para, em curtos momentos, se “desligar” de um mundo dominado pelo peso das circunstâncias e se ligar a outro que, em sua crença, também Ihe pertencia: o mundo dos que buscam o perdão pelas práticas condenatórias vivenciadas.

Longe de considerá-lo santo ou querer transformá-lo em algo semelhante, o autor desta dissertação acredita que sua entrada no cangaço não se deveu única e exclusivamente à morte de seus pais, pois já se encontrava, juntamente com seus irmãos, em conflito com o seu vizinho, Zé Saturnino, e em outros pequenos conflitos que fizeram os irmãos Ferreira entrarem naquele “beco sem saída” onde foram encurralados pelas fatalidades da existência. Percebe-se que no meio de termos pejorativos que o adjetivavam, Lampião soube marcar qualidades sobre si, de tal forma que até os mais ferrenhos inimigos lhe devotavam admiração. Lhe eram atribuídas qualidades positivas e negativas, e ele nada fez para retirá-las.

Justamente por causa desse misto de qualidades “positivas” e “negativas” foram criadas contradições sobre suas personalidade e imagem como rei do cangaço que a muitos fascina. Como era possível uma pessoa ser tão cruel, tão perigosa à sociedade e, ainda assim, permanecer com a sua religiosidade e crer em forças sobrenaturais, conservando crença irrestrita na certeza da existência de Deus?

Sabedor do que acreditavam, permaneciam assim sempre em busca de contatos com suas crenças e pedindo permissão para continuar com as suas vidas. Assim, o mundo religioso sobrepunha-se sobre o mundo profano do cangaço e dos cangaceiros em geral.

Buscavam os cangaceiros uma sobrevivência material/financeira em uma sociedade abertamente pobre e esquecida, sendo aquela riqueza tomada sob “as armas” como costumava dizer o cangaceiro Jararaca. Assim ele esbravejava por ocasião de sua prisão no município de Mossoró - RN: “nós não somos bandidos, nós tomamos pelas armas doutor!”. *Ladrão*, talvez fosse a palavra que mais enfurecia Lampião, deixava-o fora de si, e se essa palavra fosse dita para tentar humilhá-lo ou ao seu bando, o resultado era sempre o pior e o mais doloroso possível.

Criou-se, assim, uma contradição epistemológica em que só existem dois caminhos na construção das narrativas históricas: ou a favor dos cangaceiros, em verdadeiras guerras épicas, encontradas facilmente nos livros publicados em larga escala, ou em versões contra eles, que demonizam o seu movimento. E até se pode ensaiar aqui, afirmando sobre a grande quantidade de livros publicados pelas editoras espalhadas pelo país, que o quantitativo de obras dedicadas aos cangaceiros superam facilmente as obras escritas em favor daqueles que lutavam contra os famigerados, os facínoras cangaceiros, que eram homens sem piedade, sem compaixão para com aqueles pobres soldados das volantes, cristãos que

encontravam como forma de sua subsistência, o engajamento nas forças volantes. Assim, viviam arriscando suas vidas na luta contra os bandoleiros, na inocência de sua labuta, pensavam estar acabando com o mal que percorria o tão vasto e perigoso sertão.

No meio de toda essa massa de histórias contadas e recontadas, existem aspectos que precisam ser mais bem trabalhados para que se possa fugir dos dogmatismos criados sobre o fenômeno em análise neste trabalho.

Temas como a participação das crianças, das mulheres, dos filhos esquecidos e doados aos padres, da participação dos negros, da rede de informações criada pelos cangaceiros, das relações de poder na sociedade sertaneja, a religiosidade vivida no movimento, sobre os grupos de cangaceiros anônimos antes e pós-Lampião constituem novas perspectivas que estão surgindo no campo de análise, uma vez que é preciso fugir da figura quase única de um único homem: Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em meio ao conjunto bem mais extenso compreendido por aquele movimento. Foi Frederico Pernambucano de Mello quem despertou para isso, ao relatar novos grupos de cangaceiros pós-década de 1940, quando fazia uma descrição desses grupos, indo na contramão daqueles que encerravam o cangaço na morte de Corisco, o diabo louro, no ano de 1940.

Como objetivo central de análise, nesta dissertação buscou-se identificar a vivência religiosa dentro do movimento do cangaço e, em especial, no grupo de Lampião; assim, fica a certeza que a vida, naquele formato, alimentou uma crença: a necessidade de se ter contato com elementos e símbolos sagrados que tivessem como função diminuir as agruras sofridas pela prática de tantos crimes. Percebeu-se que o meio geográfico, desde a ocupação em tempos anteriores ao século XIX, estava dominado por práticas da religiosidade cristã católica que formam o estrato denominado de catolicismo popular, práticas envolvidas em crenças pessoais que apregoam estar tudo o que acontecia na vida e no cotidiano do povo acometido pelo desejo dos santos e de Deus.

Naquele catolicismo denominado popular, muitas vezes praticado fora da igreja, fora dos limites impostos pela sua ortodoxia, o povo frequentava suas práticas religiosas nas vilas e cidades, tais como festas de padroeiro, novenas, procissões, rezas nas casas das pessoas em devoção à Nossa Senhora etc. Porém, elas estavam frequentemente misturadas aos encontros semanais efetuados através das missas e da regulação feita na vida das pessoas através dos sacramentos, como o

batismo, a primeira comunhão, a crisma, o matrimônio, a reconciliação e a extrema-unção.

Nesse misto de catolicismo popular misturavam-se crenças em outras forças transcendentais, influência de outros contatos religiosos, tais como ritos africanos trazidos pelos escravos. Assim, o catolicismo popular praticado no sertão envolvia crenças místicas como, por exemplo, não carregar armas cruzadas nas costas para não chamar a morte, e evitar as práticas sexuais nas sextas-feiras ou em dias santos, como prova de respeito.

Assim, na hora em que o homem, em especial o cangaceiro, dobrava seus joelhos e entregava-se às suas orações, ele estava convicto de que estava devotando respeito ao criador do mundo. E justamente esse respeito, servia como proteção contra o mal que porventura pudesse atingi-lo. O ato de carregar orações em papel em saquinhos presos ao corpo servia como escudo para blindar o corpo contra o corte e a possível morte. O respeito pelas credências religiosas não diminuía, pois se acreditava em que a humildade perante “forças desconhecidas” servia como salvo-conduto neste mundo.

Assim, se percebeu que são inúmeros os vestígios deixados por Lampião e seu bando acerca de sua vivência no cangaço; na mesma proporção, existem provas e testemunhos, das mais inumeráveis formas, de que a prática da religião ou da vivência desse catolicismo popular, mesmo que fragmentado, sempre fez parte da vida dos cangaceiros.

Através das suas credências, do seu jeito de interpretar o sagrado em uma vida atribulada, pode-se acreditar que conservar a “fé” era uma forma de manter-se vivo, era uma forma de diminuir as agruras que pesavam sobre a consciência e sobre os sentimentos daqueles homens e mulheres.

Porém, grande maioria das obras publicadas vem com uma força, com uma intempestividade de informação que parece querer fazer crer que o cangaço foi uma festa na qual os crimes e todo o lado negativo do movimento teria sido apenas uma invenção daqueles que tiveram o propósito de diminuir o lado “heroico” dos cangaceiros.

Sem querer esgotar o assunto, o autor deste trabalho afirma que a questão da religiosidade no movimento do cangaço é um tema que demanda outras obras, mais abrangentes e com um caráter analítico mais aprofundado do que esta dissertação, embora haja a convicção de que as informações aqui reunidas e analisadas contribuirão com aqueles que buscarem entender o movimento do cangaço.

Assim, sintetiza parte do que se pode apresentar, à guisa de conclusão, com uma citação de um dos maiores biógrafos de Lampião, o padre e pesquisador Frederico Bezerra Maciel: “o estigma negativo de ‘bandido sanguinário’ lançado sobre Lampião é tão forte que se torna difícil acreditar na verdade sobre ele” (1988, p. 12).

Percebe-se que daria um ótimo livro se fossem compiladas as histórias (memórias) deixadas por pessoas que se encontraram tão perto da morte através do contato com os cangaceiros ou, até mesmo, com as forças volantes; porém, não sendo objetivo alongar-se, deixa-se o registro sobre como é importante rever o que ainda se tem sobre depoimentos deixados para novos pesquisadores.

Fatos às vezes corriqueiros são, muitas vezes, vistos como inverdades. Porém, na sutileza da coleta de dados se pode perceber que só quem escapou da morte sabe que, pelo menos para quem teve tal experiência, o acontecimento é considerado um verdadeiro milagre.

Se Lampião confessadamente afirmava que não abandonava o cangaço por questão de “estar se dando bem na vida”, só resta uma breve passagem sobre a sua riqueza material, que ele orgulhosamente carregava consigo. Diz Frederico Pernambucano de Mello de forma objetiva, mas bastante rebuscada, que

quanto ao tesouro do finado (Lampião), pulveriza-se nas mãos dos macacos, restando hoje pequena parte dele em poder de museus e de coleções privadas. Pouca coisa para tanta grandeza. Mas pouca coisa no plano material, porque no que diz respeito à crônica em prosa, à resenha poética e à tradição oral, o nome do maior dos bandoleiros só fez crescer nos mais de 50 anos decorridos de quando foi morto (MELLO, 1993, p. 82).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- ALBUQUERQUE, Ricardo (Org.). **Iconografia do cangaço**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. **Um sertanejo e o sertão. Moxotó brabo. Três ribeiras**: reminiscências e episódios do cotidiano do autor. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Assim morreu Lampião**. 3. ed. fac-similada. São Paulo: Ed. Traço, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Gente de Lampião**: Sila e Zé Sereno. São Paulo: Ed. Traço, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Lampião**: as mulheres e o cangaço. São Paulo: Ed. Traço, 2012.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora**: a história dos grandes inimigos de Lampião. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**: aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A derradeira gesta**: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. 2. ed. Rio de Janeiro, d, 2007.
- BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1997.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BEZERRA, João. **Como dei cabo de Lampião**. 3. ed. Recife: Ed. Massangana, 1983.
- BEZERRA, Rosa. **A representação social do cangaço**. 2. ed. Recife: Edição do autor, 2011.
- BONFIM, Luiz Rubem Ferreira de Alcântara. **Lampião e os interventores**, v. I. Paulo Afonso (BA): Ed. Impressão Graf Tech, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lampião e os interventores**, v. II. Paulo Afonso (BA): Ed. Impressão Graf Tech, 2007.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Bauru: EDUSC, 2008.

BRANDÃO, Silvana (organizadora). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

BRITO, Paulo. **O cangaço e as volantes**: Lampião & Tenente Bezerra. 2. ed. Recife: EDUPE, 2007.

CAMPOS, Wanessa. **A dona de Lampião**. Recife: Prefeitura do Recife, 2012.

CARVALHO, Rodrigues de. **Lampião e a Sociologia do cangaço**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1976.

\_\_\_\_\_. **Serrote preto**: Lampião (e seus sequazes). 2. ed. Rio de Janeiro: Sedegra, 1974.

CASTRO, Josué de. **Fome**: um tema proibido – Últimos escritos de Josué de Castro / Anna Maria de Castro (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**: o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHIAVENATO, Júlio José. **Cangaço**: a força do coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990.

COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Biografias)

\_\_\_\_\_. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Biografias).

COSTA, Alcino Alves. **Lampião em Sergipe**. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2011.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos Deuses**: religião, cultura e natureza. São Paulo: UNESP, 2004.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 1987.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FARIAS, Edésio Rangel de. **Cangaço e polícia**: fatos e feitos paraibanos. Recife: Editora e Gráfica Reprint, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. 3. ed. Natal: UFRN, 1985.

FERREIRA, Vera. **O espinho do quipá**: Lampião, a história. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997.

FERREIRA, Vera; ARAÚJO, Germana Gonçalves de (Orgs.). **Bonita Maria do Capitão**: centenário de Maria Bonita 1911-2011. Salvador: EDUNEB, 2011.

FERRAZ, Marilourdes. **O canto do acauã**. 2. ed. atual. ampliada. Recife: Comunigraf, 2011.

FERREIRA NETO, Cicinato. **A misteriosa vida de Lampião**. Fortaleza: Premium, 2010.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIXINHO, Nilton. **O sertão arcaico do nordeste do Brasil**: uma releitura. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HAUCK, João Fagundes (et. al). **História da Igreja no Brasil**: Ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, Século XIX. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os anjos de Canudos**: uma revisão histórica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Verdadeira e falsa religião no Nordeste**. Salvador: Ed. Beneditina, 1973.

HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LINS, Daniel. **Lampião**: o homem que amava as mulheres. São Paulo: Annablume, 1997.

LIRA NETO. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LUSTOSA, Isabel. Coordenação Lília Moritz Schwarcz e Lúcia Garcia. **De olho em Lampião: violência e esperteza.** São Paulo: Claro Enigma, 2011.

MACEDO, Nertan. **Capitão Virgulino Ferreira: Lampião: seguido do cancionero de lampião.** 4. ed. Rio de Janeiro: INL, 1972.

MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. I, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. II, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. III, A Guerra de guerrilhas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. IV, A Campanha da Bahia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. V, O Apogeu do domínio. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lampião, seu tempo e seu reinado.** v. VI, Lampiônidas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros.** São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Estrelas de couro: a estética do cangaço.** São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil.** 4. ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Que foi a guerra total de Canudos.** Recife: Ed. Stahl, 1997.

\_\_\_\_\_. **Quem foi Lampião.** Recife: Ed. Stahl, 1993.

MESLIN, Michael. **A experiência humana do divino.** Petrópolis: Vozes, 1992.

MOURA, Paulo. **Lampião: a trajetória de um rei sem castelo.** Itaquaquecetuba (SP): Editora Espaço Idea; Recife: Asnai Editora, 2008.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Adriana: vida de uma professora no estado de Pernambuco no tempo de Lampião.** 2. ed. Recife: FUNDARPE, 1985.

\_\_\_\_\_. **Lampião, cangaço e nordeste.** 2. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica.** São Paulo: Boitempo, 2010.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado.** São Paulo: Paulinas, 2001.

PRATA, Ranulfo. **Lampião**. 2. ed. São Paulo: Ed. Traço, 1980.

PONTES, Antônio Barroso. **Cangaceirismo do nordeste**. 2. ed. Rio de Janeiro: [o autor], 1973.

SILVA, Cícero Lopes da. **Entre a cruz e o punhal**: a dialética histórica do rei do cangaço. Serra Talhada (PE): Ed. Esdras Graphic, 2009.

SOUZA, Anildomá Willans de. **Lampião**: o comandante das caatingas. Serra Talhada (PE): Gráfica Aquarela, 2002.

SOUZA, Antonio Vilela de. **A outra face do cangaço**: vida e morte de um praça. Recife: Ed. Do Autor, 2012.

\_\_\_\_\_. **O incrível mundo do cangaço**. Volume II. Recife: Ed. do Autor, 2010.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. **Angicos eu sobrevivi**: confissões de uma guerreira do cangaço. São Paulo: Oficina Cultural Monica Buonfiglio, 1997.

TERRIN, Aldo N. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VASCONCELLOS, João Gualberto M. **A invenção do coronel**: ensaio sobre as raízes do imaginário político brasileiro. Vitória: UFES, 1995.

VIEIRA, Erivam Felix. **Coronelismo e cangaço no imaginário social**. Sirinhaém - PE: Ed. do autor, 2012.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2001.

## ANEXOS

## ANEXO I - CADERNO ICONOGRÁFICO

Imagem 01  
Lampião e seu bando rezando



Fonte: ALBUQUERQUE, 2012.

Imagem 02  
Lampião e seu bando rezando



Fonte: ALBUQUERQUE, 2012.

Imagem 03  
Lampião e seu bando rezando



Fonte: ALBUQUERQUE, 2012.

Imagem 04  
Cartaz que divulgava consulta pública na cidade de Serra Talhada – PE.

**DIA 7 DE SETEMBRO**

**PLEBISCITO**

**SERRA TALHADA DEVE COLOCAR  
EM PRAÇA PÚBLICA UMA ESTÁTUA  
DE VIRGULINO [LÂMPIÃO] FERREIRA**

**SIM ou NÃO ?**

DÊ SUA RESPOSTA VOTANDO  
NUM DESTES LUGARES:

Prefeitura Municipal  
Casa da Cultura  
Stand da Prefeitura (na Praça)  
Alto do Bom Jesus (Posto de Saúde)  
Bomba (Esc. Tibúrcio Valeriano)  
Cachichola (Grupo Escolar)  
COHAB (Posto de Saúde)  
Borborema (Grupo Cornélio Soares)  
Alto da Conceição (Sede do Teatro)  
Vila Ferroviária (na estação)

**Terão direito a voto:**

- MAIORES DE 16 ANOS DE IDADE
- ELEITORES DO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA, MUNIDO DO TÍTULO E OUTRO DOCUMENTO DE IDENTIDADE.
- FILHOS NATURAIS DE SERRA TALHADA, MESMO QUE NÃO VOTEM NO MUNICÍPIO, desde que apresentem DE DOCUMENTOS QUE COMPROVE SUA NATURALIDADE.

A VOTAÇÃO ACONTECERÁ DAS 8:00 ÀS 17:00h.

REALIZAÇÃO

 **FUND. CASA DA CULTURA  
DE SERRA TALHADA**

**PREFEITURA  
MUNICIPAL DE  
SERRA TALHADA** 

Fonte: <http://www.faroldenoticias.com.br/site/polemica-plebiscito-sobre-estatua-de-lampiao-entra-para-a-historia/> Acessado em: 04/10/2013.